

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

MILENA ARAÚJO MARÃES

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NA
FALA MANAUARA**

**MANAUS-AM
2023**

MILENA ARAÚJO MARÃES

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NA
FALA MANAUARA**

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Grace dos Anjos Freire Bandeira

**MANAUS-AM
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M298e	<p>Marães, Milena Araújo Um estudo sociolinguístico das estratégias de relativização na fala manauara / Milena Araújo Marães . 2023 109 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientador: Grace dos Anjos Freire Bandeira Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Orações relativas . 2. Pronome relativo. 3. Variação Linguística . 4. Morfossintaxe. I. Bandeira, Grace dos Anjos Freire. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

MILENA ARAÚJO MARÃES

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NA
FALA MANAUARA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 05 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Grace dos Anjos Bandeira (PPGL- UFAM)

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo (PPGL- UFAM)

Prof. Dr. Eduardo Cardoso Martins (UFAM)

AGRADECIMENTOS

Ufa! Mais uma etapa foi finalizada na minha vida.

Fazer uma pesquisa em meio a uma pandemia é um tanto desafiador.

Diante disso, por terem me auxiliado a não desistir da jornada, devo agradecimentos a algumas pessoas.

Primeiramente, agradeço a Deus. Faço das minhas palavras as palavras do profeta Samuel: “[...] até aqui nos ajudou o Senhor”.

Agradeço aos meus pais, não só pelo apoio, mas também pelos ensinamentos. Afinal, o quem sou hoje foi construído por eles; impulsionaram-me para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha orientadora, profa. dra. Grace dos Anjos Bandeira, pois, apesar dos dias nublados, esteve comigo na jornada, fez com que eu não desistisse do mestrado, orientou-me a fim de que eu pudesse desenvolver a pesquisa e, no fim, ser aprovada como mestra.

Por fim, agradeço às minhas amigas de mestrado Brenda dos Anjos, Glenda Mendes, Keila Baraúna, Manuela Medeiros, Vanessa Souza e Viviane Ferreira, já que compartilhávamos dores, choros, alegrias e muita motivação uma para outra. Quando eu quis desistir da trajetória, elas me deram o ombro amigo.

RESUMO

A Norma Gramatical Brasileira (NGB) prescreve regras para o uso da língua portuguesa, as quais incluem a estruturação das orações relativas (também nomeadas de subordinadas adjetivas) e os termos que as compõem. Embora tais normatizações sejam aplicáveis à escrita, a fala é influenciada de alguma maneira por elas, dado que, dependendo do contexto comunicacional, pode haver um maior ou menor grau de monitoramento por parte do falante. Contudo, desde a década de 80, no Brasil, tem havido estudos frequentes a respeito dessas estruturas oracionais, os quais indicam que existe variação entre 4 (quatro) tipos - oração relativa não preposicionada, relativa preposicionada, relativa copiadora e relativa cortadora-, sendo esta última a substituidora da relativa preposicionada (prescrita na NGB). As duas primeiras são denominadas de relativa padrão e as duas últimas de relativa não padrão, conforme Fernando Tarallo (1985). Diante desse panorama, por meio de uma pesquisa quali-quantitativa, à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, estudamos quais são as estratégias de relativização na fala manauara, levando em consideração a descrição do conjunto de pronomes relativos usados na fala manauara, indicando o contexto sintático de cada um, e a identificação dos possíveis condicionadores intralinguísticos e extralinguísticos (idade, escolaridade, bairros mais antigos e bairros mais novos de Manaus, sexo) que favoreciam o uso de uma variante relativa em detrimento de outra (s). Entre os resultados, constatamos que as relativas, por exemplo, cortadoras correspondem a 83 realizações de um total de 104 realizações de relativas não padrão.

Palavras-chave: Orações relativas; Pronome relativo; Variação linguística.

ABSTRACT

The Brazilian Grammatical Standard (NGB) prescribes rules for the use of the Portuguese language, which include the structuring of relative clauses (also called subordinate adjectives) and the terms that compose them. Although such standards are applicable to writing, speech is influenced in some way by them, given that, depending on the communicational context, there may be a greater or lesser degree of monitoring on the part of the speaker. However, since the 80s, in Brazil, there have been frequent studies regarding these clause structures, which indicate that there is variation between 4 (four) types - non-prepositioned relative clause, prepositioned relative clause, copier relative and cutter relative clause -, being the latter replacing the prepositioned relative (prescribed in the NGB). The first two are called standard relative and the last two non-standard relative, according to Fernando Tarallo (1985). Given this panorama, through qualitative-quantitative research, in light of the assumptions of Variationist Sociolinguistics, we studied what are the relativization strategies in Manauara speech, taking into account the description of the set of relative pronouns used in Manauara speech, indicating the context syntax of each one, and the identification of possible intralinguistic and extralinguistic conditioners (age, education, older neighborhoods and newer neighborhoods of Manaus, gender) that favored the use of a relative variant over another(s). Among the results, we found that the relative ones, for example, cutters correspond to 83 realizations out of a total of 104 non-standard realizations.

Keywords: Relative clauses; Relative pronoun; Linguistic variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Movimento do DP	41
Figura 2 Movimento das relativas adjetivas	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Realização das relativas nas entrevistas orais	41
Gráfico 2 Realização de todas as relativas padrão por faixa etária	63
Gráfico 3 Realização de todas as relativas padrão por sexo.....	64
Gráfico 4 Realização de todas as relativas padrão por nível de escolaridade na relação com os bairros.....	65
Gráfico 5 Realização de todas as relativas não padrão por faixa etária	67
Gráfico 6 Realização de todas as relativas não padrão por sexo	68
Gráfico 7 Realização de todas as relativas não padrão por nível de escolaridade na relação com os bairros.....	69
Gráfico 8 Realização das relativas cortadoras por faixa etária	70
Gráfico 9 Realização das relativas cortadoras por sexo.....	41
Gráfico 10 Realização das relativas cortadoras por nível de escolaridade na relação com os bairros	42
Gráfico 11 Realização das relativas copiadoras por faixa etária	74
Gráfico 12 Realização das relativas copiadoras por sexo	75
Gráfico 13 Realização das relativas copiadoras por nível de escolaridade na relação com os bairros	76

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Tabulação de dados.....	54
----------	-------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Da hipotaxe à subordinação.....	39
Quadro 2 Perfil dos informantes.....	50
Quadro 3 Questionário de Preenchimento	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Estratificação social dos informantes de Manaus	50
Tabela 2 Realização das relativas nas entrevistas.....	61
Tabela 3 Realização de todas as relativas padrão por faixa etária.....	62
Tabela 4 Realização de todas as relativas padrão por sexo	63
Tabela 5 Realização de todas as relativas padrão por nível de escolaridade na relação com os bairros.....	64
Tabela 6 Realização de todas as relativas não padrão por faixa etária.....	67
Tabela 7 Realização de todas as relativas não padrão por sexo	68
Tabela 8 Realização de todas as relativas não padrão por nível de escolaridade na relação com os bairros.....	68
Tabela 9 Realização das relativas cortadoras por informante	69
Tabela 10 Realização das relativas cortadoras por faixa etária	70
Tabela 11 Realização das relativas cortadoras por sexo	71
Tabela 12 Realização das relativas cortadoras por nível de escolaridade na relação com os bairros	71
Tabela 13 Realização das relativas copiadoras por informante	73
Tabela 14 Realização das relativas copiadoras por faixa etária.....	74
Tabela 15 Realização das relativas copiadoras por sexo.....	75
Tabela 16 Realização das relativas copiadoras por nível de escolaridade na relação com os bairros	75
Tabela 17 Realização de outros elementos linguísticos por informante	78
Tabela 18 Realização de todas as relativas por informante	79
Tabela 19 Realização das relativas cortadoras por informante	81
Tabela 20 Realização das relativas copiadoras por informante	81
Tabela 21 Realização de anáfora por meio de pronome de caso reto por informante	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	18
1.1. A Sociolinguística Variacionista	18
1.2 Pesquisas sobre estratégias de relativização à luz da teoria Sociolinguística Variacionista.....	25
1.3 Estratégias de relativização: perspectiva prescritiva e perspectiva linguística	28
1.4 <i>Que</i> conjunção integrante x <i>Que</i> pronome relativo na perspectiva padrão	37
1.5 Estratégias de relativização e outras teorias	37
1.5.1 Estratégias de relativização à luz da visão funcionalista norte-americana	38
1.5.2 Estratégias de relativização à luz da visão visão gerativista	40
1.5.3 Outras pesquisas sobre relativas padrão e não padrão a partir das teorias gerativista, funcionalista norte-americana ou sociofuncionalista	43
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	48
2.1 Revisão bibliográfica	48
2.2 Perfil dos informantes	49
2.2.1 Dificuldade na busca dos informantes	51
2.3 As entrevistas orais.....	52
2.3.1 A tentativa de entrevistas orais com crianças	52
2.4 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo	53
2.5 Os formulários escritos	55
2.6 A aplicação dos formulários escritos	56
2.7 O perfil sócio-histórico da cidade de Manaus e dos bairros mais antigos e mais novos	57
2.8 A concentração em determinados bairros durante a pesquisa	59
2.9 Fatores intralinguísticos e extralinguísticos	59
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	61
3.1 Realização das relativas nas entrevistas orais	61
3.1.1 Relativas padrão nas entrevistas orais	62
3.2 Contextos propícios às relativas nas entrevistas orais	78
3.3 Realização das relativas nos formulários escritos	79
3.3.1 Relativas padrão nos formulários escritos	80
3.3.2 Relativas não padrão nos formulários escritos	80

3.3.2.1	Relativa cortadora nos formulários escritos	81
3.3.2.2	Relativa copiadora nos formulários escritos	81
3.4	Processo de anáfora por meio do pronome pessoal de caso reto (ele/ela)	82
3.5	Outros elementos linguísticos nos formulários escritos	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS		91
REFERÊNCIAS		95
ANEXO A – Roteiro para a entrevista – Manaus.....		101
ANEXO B – Formulário das frases propostas para junção.....		102
ANEXO C – Parecer do Comitê de Ética		103
ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE		104
ANEXO E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....		104

INTRODUÇÃO

Ele tá bodado, tá até o tucupi, é maceta são expressões comuns no estado do Amazonas, as quais significam, respectivamente, *dormindo profundamente, muito cheio, muito grande*. Elas podem dar a percepção de caos na língua, já que tais expressões não são faladas em outros estados brasileiros e, como consequência, podem não fazer sentido aos seus moradores – o que, talvez, resulta na idealização de que as pessoas não se entendam embora sejam falantes da mesma língua.

Uma das teorias linguísticas que se ocupa com a variação é a Sociolinguística Variacionista. Ela visa à relação entre sociedade e língua e mostra que, apesar dessa heterogeneidade, a língua, especificamente a fala, é um sistema organizado, não há caos nela. Tal argumento, dentro dessa área de estudo, advém da ideia de que, não obstante “a realidade das pessoas influencie na maneira como elas falam e avaliam a língua que usam” (COELHO, 2015, p.11), a língua, como um todo (fala e escrita), não perde sua estrutura composicional. A fim de eliminar essa noção de caos, a área de estudo escolhida explica a existência de fatores internos e externos à língua, os quais indicam que toda produção linguística falada é feita de acordo com processos linguísticos ou sociais.

Em meio a esses conceitos, percebemos, durante algumas observações feitas na fala de pessoas manauaras – seja na escola, seja no jornal televisivo, seja na universidade – certas mudanças quanto ao uso das orações relativas, respectivamente, a relativa copiadora e a cortadora, por exemplo:

(1) *Tem uns colegas meus que eles vão comprar Kikão* –, o termo *colegas* é retomado pelo pronome relativo *que*, bem como pela forma pronominal *eles*.

Ademais, em alguns casos, a preposição regente do sintagma nominal (SN) relativizado desaparece – (2) *O menino que ela gostava se apaixonou por mim*. Nesse exemplo, de acordo com a Gramática Normativa, a regência do verbo gostar, no sentido de apreciar, julgar bom, pede preposição *de*: quem gosta, gosta *de* alguma coisa ou *de* alguém, logo, o menino *de que ela gostava* se apaixonou por mim, todavia percebemos que a preposição foi apagada.

A princípio, acreditávamos que havia um erro de língua portuguesa, afinal, carregamos, por anos, a noção de que não podemos fugir, em nenhum momento,

do modelo de escrita (mesmo na fala) prescrito na Gramática Normativa (estamos tratando como sinônimo de prescritiva), aliás, baseávamo-nos na concepção de que a língua portuguesa é uma estrutura pronta, não suscetível a variar e a mudar, no entanto percebíamos que tais formas oracionais eram utilizadas em todos os contextos linguísticos, incluindo a própria academia.

Devido a essas idealizações em torno das orações relativas, sentimo-nos instigados a entender tal fenômeno linguístico em Manaus, capital do Amazonas, e, sendo assim, propomos-nos a estudar quais as estratégias de realização dessas construções oracionais¹ e por quais motivos são escolhidas na fala manauara, à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, tomando como pilares a compreensão laboviana de que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma coisa’ e [...] as variantes se encontram em livre variação dentro do mesmo sistema, e a seleção se encontra abaixo do nível da estrutura linguística” (LABOV, 2008, p.221), - em outros termos, a língua reúne várias realizações possíveis de fala e de escrita que o falante pode escolher, dependendo de fatores externos e internos à língua que atuam nela-, e o estudo de Fernando Tarallo, em torno da década de 80, a respeito das construções relativas.

Para concretizar o estudo com base na Sociolinguística Variacionista, fomos a campo e realizamos 12 (doze) entrevistas orais e gravadas – as quais deveriam ter, no mínimo, 30 minutos, e, no máximo, 60 minutos – com moradores de Manaus. Concomitantemente, houve a aplicação de um formulário, no qual os informantes precisaram unir duas estruturas oracionais por meio da escrita. O perfil social deles foi traçado assim: um homem, uma mulher, na faixa etária de 7 (sete) a 25 (vinte e cinco) anos, de 26 (vinte e seis) a 55 (cinquenta e cinco) anos, de 56 (cinquenta e seis) anos em diante, controlando dois níveis de escolaridade: até 8 (oito) anos escolarização e de 9 (nove) a 12 (doze) anos de escolarização. Pelo motivo de, também, considerarmos a divisão da capital amazonense em bairros mais novos e mais antigos – informação extra –, escolhemos 3 (três) bairros mais novos e 3 (três) bairros mais antigos, são eles, respectivamente: Cidade de Deus, Nova Cidade,

¹ Por esse motivo, surgiu o nome desta dissertação: estratégias de relativização. Sabemos que, conforme o dicionário Michaelis, a relativização está ligada à ideia de “dar um valor ou uma proporção relativa a determinada coisa, não admitindo seu caráter absoluto ou independente”. Contudo, não é essa ideia que queremos abordar na pesquisa. Trabalhamos com a ideia de que existem maneiras (estratégias) para construir as orações relativas (relativização).

Novo Aleixo, Educandos, Cachoeirinha e Centro. Diante dessa escolha, dividimos os 12 informantes desta maneira: 6 (seis) pertencentes aos mais novos e 6 (seis) aos mais antigos.

A partir desse quadro social, analisamos o comportamento linguístico das orações relativas em uso nos eventos da fala manauara, pois, por tratar-se de uma variação morfossintática, precisávamos averiguar as propriedades morfológicas do pronome relativo, bem como as propriedades sintáticas da variável e das duas variantes (relativa copiadora e relativa cortadora). Além disso, descrevemos o conjunto de pronomes relativos usados na fala manauara, indicando o contexto sintático de cada um e, por fim, identificamos os possíveis condicionadores intralinguísticos e extralinguísticos que favoreciam o uso de uma variante em detrimento de outra (s). Quanto a este tópico, os fatores idade, sexo e escolaridade foram essenciais para ajudar a expor que as variantes relativas não preposicionadas (nomeadas de padrão), copiadora e cortadora (nomeadas de não padrão) fazem parte do sistema linguístico do português manauara, contudo a escolaridade mostrou-se como motivação maior no uso da relativa cortadora em detrimento da relativa copiadora - conforme já esperado.

A fim de apresentar a pesquisa, com o intuito de que ela seja apreendida num todo, organizamos a dissertação em 3 (três) capítulos:

No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórico-metodológica deste estudo – Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Para que ela norteasse a pesquisa, fizemos uma revisão bibliográfica de trabalhos já realizados a respeito do fenômeno linguístico em estudo no Brasil à luz dessa teoria. A partir disso, tomamos como base Tarallo (1985). Também, com a finalidade de complementar, mostramos de que modo outras teorias entendem a estrutura das relativas a partir dos autores como Almeida e Sales (2021), Amorim (2006), Avelheda (2014), Braga (2001), Burgos e Silveira (2011), Camacho (2017), Halliday (1976), Henry (1990), Kato (2009), Kenedy (2007, 2014), Melo (2016), Mollica (1997), Oliveira (2001), Ribeiro (2009) e Santos e Damasceno (2019). Por fim, discutimos a perspectiva da Gramática Normativa, entendida como a prescritiva, no que se refere a estas construções sintáticas, incluindo a diferença entre *pronome relativo* e *conjunção integrante*.

No segundo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos desta pesquisa a fim de que chegássemos aos resultados quantitativos: o perfil dos

informantes, as dificuldades na busca dos informantes e a solução encontrada, o caráter das entrevistas, englobando a tentativa de entrevistas com crianças, o tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo, além do caráter dos formulários e a aplicação dele. Por último, o perfil sócio-histórico da cidade de Manaus e dos bairros que a compõem, a concentração em determinados bairros, e as variáveis dependentes e independentes.

No terceiro e último capítulo, apresentamos, primeiramente, os resultados por meio das tabelas e dos gráficos. Depois, a análise e discussão a respeito deles, levando em consideração os fatores intralinguísticos e extralinguísticos.

Em resumo, propomo-nos a estudar as ocorrências das orações relativas na fala manauara, capital do Amazonas, a fim de saber se há o uso da relativa cortadora e da copiadora. Existindo o uso, qual delas é mais utilizada e de que maneira colaboram as motivações intralinguísticas e extralinguísticas para isso.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

1.1. A Sociolinguística Variacionista

Antes de adentrarmos, de fato, na Sociolinguística, é importante lembrarmos que alguns linguistas, ainda na segunda metade do século XIX, tentaram juntar o sistema linguístico a fatores sociais e culturais. Faraco (2006, p.140) explica que os neogramáticos (assim como outros estudiosos, Edward Sapir, Benjamin Whorf) mostraram que a língua está ligada ao indivíduo apesar de ela assumir uma concepção de existência independente, isto é, não se considera o contexto em que as palavras são proferidas, existem leis pré-estabelecidas que impulsionam, por exemplo, a mudança linguística. Em resumo, “a língua existe no indivíduo e as mudanças se originam nele”. Devido a essa representação de língua, surgem vários críticos, um dos mais importantes foi Hugo Schuchardt, pois ele chamou atenção para uma gama de variedades de fala e como elas podem ser influenciadas por fatores como sexo, idade, entre outros, ou seja, o processo de variação é muito mais complexo, depende de fatores extralinguísticos também. Com base nessa construção de língua, buscou-se compreender a mudança linguística. Faraco (2006, p.151-152) assegura que Schuchardt abre “uma *trilha* para estudos linguísticos posteriores”, inclusive, mais recentemente, é o caminho seguido pela Sociolinguística.

Entretanto a língua só ganhou uma concepção mais sociológica a partir dos pressupostos de Antoine Meillet nos primeiros anos do século XX. No que tange a isso, Faraco (2006, p. 153) declara: “(...) foi Meillet quem, de fato, elaborou uma perspectiva em que as condições sociais passaram a ser vistas como tendo influência decisiva sobre a língua e, conseqüentemente, sobre a mudança”.

O termo Sociolinguística se fixou somente, em 1964, devido a um congresso organizado pelo linguista William Bright. Nele, participaram vários estudiosos na área de/da linguagem e sociedade. No entanto, essa teoria só tomou mais *força* com os estudos de William Labov nesse mesmo ano. Ele já havia elaborado, em 1963, um estudo em diversas regiões, faixas etárias, diversos grupos profissionais e étnicos dentro de Martha's Vineyard (Massachusetts-EUA), mencionando uma variação articulatória dos ditongos /ay/ e /aw/ (*right, house*); contudo, somente com os estudos da estratificação do R nas lojas de departamento, em 1966, na cidade de Nova York, a Sociolinguística passou a ser vista como teoria, pois Labov construiu técnicas qualitativas e quantitativas ao estudo da variação e mudança linguística.

A “Sociolinguística é uma subárea da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, volta a atenção para uma investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA e BRAGA, 2003, p.9), ou melhor, além de estudar a língua nos aspectos fonético-fonológico, morfológico, fonomorfológico, sintático, morfossintático, discursivo-pragmático, estuda-a nos aspectos sociais (idade, sexo, origem geográfica etc.) – relacionando língua e sociedade. Assim sendo, podemos entender a língua portuguesa, a exemplo de qualquer outra língua natural, nada mais como “um feixe de variedades linguísticas que caracterizam grupos sociais, situações, regiões, etc.” (RAMOS, 1997, p.4). Tal feixe corresponde ao dialeto do falante, sendo aquele o responsável pela dinâmica da língua em variar, o que explica suas mudanças no tempo e no espaço. Essa dinâmica da língua se refere às várias realizações possíveis da língua, as quais podem ocorrer no nível do “vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo, mas não é de forma aleatória, e sim, regulada e governada por um conjunto de regras” (COELHO *et al.*, 2015, p. 8).

Diante desse construto, alguns pressupostos dentro da Sociolinguística são importantes para esta dissertação. Vamos a eles.

Variável: De acordo com Izete Coelho *et al.* (2015), é o lugar da gramática onde ocorre a variação. Neste estudo, o lugar onde acontece a variação é a realização das orações adjetivas.

Variantes: Segundo Izete Coelho (2015), são as formas individuais que disputam pela expressão da variável. Labov (2008, p.313) assevera que “as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial”. No caso desta pesquisa, são relativa não preposicionada, relativa preposicionada, sobretudo, relativa cortadora e relativa copiadora.

Retomemos os exemplos (1) *Tem uns colegas meus **que eles vão comprar Kikão*** e (2) *O menino **que ela gostava** se apaixonou por mim* para compreender os dois conceitos no fenômeno em estudo. As duas sentenças podem ocupar o lugar da oração relativa (variável), já que, na visão do falante, as duas orações em destaque são vistas como orações adjetivadoras e introduzidas pelo pronome relativo, logo são formas que co-ocorrem e, depois, concorrem, ou seja, variantes.

Variedade: “Fala característica de determinado grupo” (COELHO, 2015, p. 14). No caso desta pesquisa, tratamos da variedade manauara, pois o estudo ocorreu com moradores da cidade de Manaus.

Comunidade de fala (ou comunidade linguística): Conforme Coelho (2015, p.68), “a comunidade de fala não é apenas um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que, além disso, partilha as mesmas normas a respeito do uso da língua”. Vale ressaltar que só é possível chegar a ela por meio dos indivíduos, ou seja, dos informantes.

Células sociais: Em concordância com Tarallo (1985, p. 29), “são certas medidas sociais (sexo, faixa etária, escolarização etc.)” para que o pesquisador possa afirmar, por exemplo, que uma determinada variante é uma marca social de um grupo menos privilegiado economicamente. De outro lado, conforme Coelho (2015, p. 101), “é um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística”. Nesta dissertação, escolhemos três células sociais: sexo, três faixas etárias e dois níveis de escolaridade.

A partir do conceito de células sociais, entendemos que a variação linguística advém de fatores que colaboram para que o falante escolha uma ou outra variante e são classificados assim: condicionadores intralinguísticos e extralinguísticos. Os primeiros se voltam, por exemplo, para a ordem dos constituintes, aspectos

fonéticos, semânticos e morfológicos. Já os segundos são de natureza social, por exemplo, sexo, grau de escolaridade, faixa etária. Faraco (2006) acredita que as variedades resultam de experiências históricas e socioculturais, ou seja, de fatores extralinguísticos.

Mudança linguística: “(...) um desfavorecimento gradual da forma original em prol da nova, de modo que a forma antiga assuma o estatuto de arcaica ou obsoleta e, aos poucos, deixe de ser usada” (COELHO, 2015, p. 72). Acreditamos que ainda não é o caso do fenômeno da nossa pesquisa; está ocorrendo, ainda, um processo de variação entre as orações relativas.

Esses fatores são importantes para poder haver o encaixamento das variantes, visto que elas não são entendidas de forma isolada. O conceito de encaixamento se divide em duas faces: encaixamento estrutural e encaixamento social. Consoante a Faraco (2006, p. 58-59), o primeiro diz respeito à descrição do contexto linguístico que favorece uma mudança, ou seja, “trata de apresentar a relação dela com outros elementos da estrutura da língua ou outros elementos em mudança”, enquanto o segundo se volta para uma análise abrangente, dado que tenta entender “as relações entre o fenômeno de mudança e a estrutura sociolinguística da comunidade dos falantes”, dizendo de outra maneira, os aspectos estruturais da língua sempre estão numa relação com contextos e papéis sociais.

Com a finalidade de ficar entendível o conceito de encaixamento, retomemos, outra vez, os exemplos (1) *Tem uns colegas meus que eles vão comprar Kikão* e (2) *O menino que ela gostava se apaixonou por mim*. As duas estruturas são realizáveis no português manauara, portanto já são encaixadas nesse sistema linguístico. Contudo, elas não se encaixam de qualquer maneira. Existem fatores intralinguísticos, por exemplo, regência do verbo, tipo de pronome relativo, etc., que colaboram para aceitabilidade delas. Tal situação mostra como o fenômeno linguístico em estudo se relaciona com outros fenômenos linguísticos. Além disso, há os fatores extralinguísticos, por exemplo, sexo, escolaridade, grau de monitoramento, etc., que também colaboram para o mesmo fim: a aceitabilidade delas.

A questão do encaixamento indica se está ocorrendo apenas variação ou se está caminhando para uma mudança. No que concerne a este último conceito, alguns problemas podem impedi-lo. São eles, segundo Izete Coelho (2015) ao

reunir as postulações de Weinreich, Labov e Herzog: problema da restrição, problema da transição, problema da implementação, problema da avaliação.

O problema da restrição tem como objetivo buscar as possíveis generalizações, ou princípios universais, para prever possíveis direções de uma mudança. Assim, fica fácil de verificar o que motiva ou não uma mudança. Nesse óbice, o linguista verifica quais são as condições, buscando generalizações, para que uma mudança ocorra ou não.

O problema da transição foca duas situações: a maneira de uma mudança progredir ao longo de sucessivas gerações e o mecanismo pelo qual a mudança avança. Em tal circunstância, o linguista analisa de que modo a variação e a mudança se propagam, como passam de um estágio para outro.

O problema da implementação faz referência a motivações e restrições no que tange à implementação da mudança, podendo motivá-la ou impedi-la, ou seja, entender o porquê em determinados contextos linguísticos e lugares, a mudança ocorreu ou não. A implementação apresenta uma interdependência com o encaixamento, já que este abre margem para aquela.

O problema da avaliação diz respeito à consciência do falante ser positiva ou negativa em relação às formas linguísticas em variação ou mudança, aliás, é compreender quais são as reações dos informantes frente ao fenômeno linguístico. Se, por exemplo, ele rejeita uma forma em detrimento de outra, possivelmente, impedirá uma mudança linguística.

Mollica e Braga (2003) asseveram que os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social. No que se refere à avaliação positiva, há um maior grau de monitoramento e de letramento; já na avaliação negativa, não há.

O falante não se dá conta de que tudo isso motiva as realizações expressas por ele, visto que, a depender da situação em que ele estiver inserido, irá produzir de forma diversificada e heterogênea, dando um aspecto de desordem à língua, melhor, de caos (TARALLO, 1985).

Voltemo-nos a outros exemplos de orações relativas:

- (3) Joyce é a moça de que falei.
- (4) Joyce é a moça que falei.
- (5) Joyce é a moça que falei dela.

Os exemplos em (4) e (5), dados retirados da minha pesquisa sobre o pronome relativo que no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica (PIBIC) 2018/2019, evidenciam o apagamento das preposições *de* ou *sobre*, previstas pela regência verbal: o verbo *falar*, na acepção de conversar ou discorrer a respeito de algo ou de alguém, exige preposições *de* ou *sobre* -, contrariando o que é previsto na norma-padrão. Ademais, o pronome relativo *quem*, na norma-padrão, é colocado como elemento introdutor dessa oração relativa, pois, segundo Bechara (2014), deve ser utilizado para fazer referência a pessoas ou a coisas personificadas, o que não ocorreu. Também, no exemplo (5), há o uso de outra forma pronominal, além do próprio pronome relativo, para fazer referência ao substantivo *Joyce*. Sendo assim, os falantes do português brasileiro têm produzido semelhante uso ao que está posto em (4) e (5), não o que a Gramática Normativa prescreve- exemplo (3). Tal situação pode fazer parecer que está havendo uma desordem na língua.

Ao passo que, ao refletirmos sobre diferentes formas de uso do pronome relativo, como nos exemplos analisados, podemos ter a ideia de que, na visão de Tarallo (1985, p.1), "(...) se configura como um campo de batalha", dado que, nesse campo, enfrentam-se, em um duelo, duas maneiras com mesmo valor referencial. A esse duelo damos o nome de variação linguística, enquanto às duas maneiras, variantes linguísticas. Nesse aspecto, é imprescindível fazer um esclarecimento: estamos vendo o conceito de variantes a partir do entendimento do falante, o qual entende que as variantes são formas diferentes que levam a um mesmo referencial, afinal, para ele, são maneiras de falar uma determinada ideia (LABOV, 2008), embora algumas discussões digam que não se torna possível trabalhar esse construto na sintaxe. Podemos constatar no trabalho de Modesto (2004, p.57) ao questionar, baseando-se em Fraçoise Gadet (1992):

Teriam duas formas sintáticas o mesmo significado? Será que ao dizer 'E vou ir ao cinema amanhã' teria o mesmo significado de 'Eu irei ao cinema amanhã?' Ao se tentar, porém, a adaptação do sistema laboviano para estruturas sintáticas, fica difícil falar-se em 'regra variável', pois a noção de 'variação sintática' é muito complexa (controversa).

Isso porque acreditam que os falantes podem pensar que as duas construções sintáticas citadas não apresentam a mesma ideia, pois veem "vou ir" como incorreta (embora não esteja) e pleonástica, diferentemente do que acontece com "irei". Assim sendo, na mente deles, não são duas variantes que levam a um

mesmo referencial. Por causa disso, há essa crítica em relação ao sistema laboviano empregado na sintaxe.

Labov (2008) aborda acerca desse questionamento. Ele explica que valores sociais são atribuídos a regras linguísticas. Os falantes não aceitam de imediato o fato de as duas expressões distintas apresentarem o mesmo significado e “existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas”. Contudo, ele assevera, ao citar o trabalho de Sturtevant (1947), que, quando uma forma suplanta a outra, a situação fica resolvida e uma forma se torna universal, conseqüentemente, o valor social dado a ela desaparece. Logo, seria um erro pôr demasiada ênfase nessa avaliação social a fim de tornar muito diferentes as duas formas.

Portanto, voltamos a declarar que, para as relativas, entenderemos assim: são formas que co-ocorrem e, depois, concorrem, pois o falante precisa fazer uma escolha de uma delas.

Trazemos também o exemplo de Izete Coelho *et al.* (2015) para corroborar os conceitos sociolinguísticos nesta dissertação:

Muitas pessoas, a depender da região e do grau de formalidade com que elas nos tratam, podem se referir a nós como *tu* e *você*. As duas formas disputam dentro de um contexto: se referir à segunda pessoa (P2). Logo, temos a variação linguística (o contexto), as variantes (*tu* e *você*) e a variável (expressão pronominal de P2).

Antes de avançarmos, é necessário compreender a diferença entre variantes padrão² e variantes não padrão, nomeações dadas a partir de uma avaliação social:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico da comunidade. As variantes, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

(TARALLO, 1985, p. 11-12).

Vale informar que alguns trabalhos as nomeiam desse modo com intuito de facilitar a separação das diversas variantes em grupos. Em alguns momentos, adotaremos tais nomenclaturas nesta dissertação.

² Embora saibamos que existe diferença entre as designações padrão e culto, adotaremos, nesta dissertação, a nomenclatura dada por Tarallo (1985): variantes padrão para indicar as relativas não preposicionada e preposicionada, e variantes não padrão para indicar as relativas copiadora e cortadora. Tal decisão foi tomada não só pelo fato de o autor da pesquisa-base usá-las, mas também pelo motivo de, nos contextos mais monitorados, o falante fazer um hibridismo entre o culto e o padrão, isto é, ele tenta produzir estruturas prescritas na norma-padrão.

Para ilustrar melhor, pensemos em *nós vamos* e *nós vai*. Respectivamente, a primeira seria a variante padrão, pois é conservadora e goza de prestígio por parte da comunidade de fala, enquanto a segunda seria a não padrão, porque é inovadora e estigmatizada. Esse cenário se aplica às orações relativas, porque as relativas cortadora e copiadora são designadas de não padrão, enquanto a oração relativa preposicionada e sem o uso de outra forma pronominal é chamada de relativa padrão.

No entanto, a Sociolinguística não entende dessa maneira a língua. Coelho *et al.* (2015, p.12) informam que a área de estudo tem um *olhar* isento de preconceitos linguísticos, ao tratar dos dados produzidos pelos falantes em uma comunidade, e entende que o indivíduo primeiro se apropria das variantes informais para, depois, num processo sistemático e paulatino, apropriar-se das variantes cultas.

Vale ressaltar que todo esse entendimento é de suma importância para o professor de língua portuguesa, pois, quando ele tem a consciência de que a língua não é algo pronto e estático, o seu trabalho com os alunos na educação básica pode se tornar muito mais produtivo. Além do mais, ele compreende que, se seu aluno falar, na visão da Gramática Normativa, uma sentença errada, há a Linguística, principalmente a Sociolinguística, para descrever os fatos linguísticos que influenciam tal estrutura.

Por fim, com o intuito de ampliar a discussão realizada até aqui, a próxima seção abordará algumas pesquisas realizadas sobre as orações relativas na teoria Sociolinguística Variacionista.

1.2 Pesquisas sobre estratégias de relativização à luz da teoria Sociolinguística Variacionista

Após uma procura por pesquisas que abordassem relativas padrão e não padrão na teoria Sociolinguística Variacionista, encontramos três trabalhos, fora do estado do Amazonas. Esse quantitativo reduzido pode evidenciar uma necessidade de mais pesquisas futuras que tratem desse tema, sobretudo à vista da vertente laboviana, em Manaus.

Nos próximos parágrafos, seguem os estudos encontrados:

O primeiro é *As estratégias de relativização do português brasileiro à luz da Sociolinguística: um olhar para fatores intra e extralinguísticos e para as distintas*

normas linguísticas (2016), de Melo. Esse estudo aborda os três tipos de orações relativas – padrão, copiadora e cortadora na fala carioca – e mostra quais fatores intra e extralinguísticos, nessa comunidade de fala, estão influenciando a relativa cortadora ser mais frequente do que a padrão e a copiadora. Para alcançar o objetivo do estudo, utilizou-se como *corpus* as sentenças relativas coletadas nas entrevistas orais de 1970 e 1990 com cariocas que terminaram o ensino superior e são da zona urbana, feitas pelo projeto Norma Urbana Culta (NURC-RJ), bem como as construções adjetivas presentes em textos jornalísticos, recolhidas pelo projeto Variedades do Português (VARPORT).

No que tange ao primeiro banco de dados da pesquisa de Melo (2016), 52% das ocorrências são de relativa cortadora, enquanto 13% de relativa copiadora. Quanto à célula social sexo, homens e mulheres usam as relativas cortadora e copiadora. A cortadora, na fala dos homens, aparece em 46%, já nas mulheres, 57%. A copiadora apareceu, apenas no sexo masculino, 18%. A respeito da faixa etária, as relativas não padrão se sobressaem mais nos falantes entre 25 e 35 anos. Sobre o segundo banco de dados da mesma pesquisa, algo já esperado na escrita, a relativa padrão predomina, com 77%.

O segundo estudo encontrado é *Estratégias de Relativização na escrita culta padrão (2014)*, de Avelheda. Aqui, a autora, com base no entendimento sociolinguístico, busca compreender, no *corpus* formulado a partir de notícias, editoriais, artigos de divulgação científica e artigos científicos, quais fatores influenciam o uso das relativas canônicas (padrão) e não canônicas (padrão). Embora, dentro destas pesquisas citadas, seja um trabalho que mais pareça com o que objetivamos entender nesta dissertação, não foi escolhido para uma possível comparação, visto que os contextos sintático (em parte) e social do *corpus* são diferentes. Ela assegura que, ao citar Kato (2005), “o português letrado no Brasil não corresponde à gramática do letrado no passado nem à de um letrado português” (AVELHEDA, 2014, p.96) – algo que é consenso entre os estudos linguísticos. Essa situação se dá pelo fato de que o Brasil se espelhou em uma norma lusitana que não é utilizada mais. Com o intuito de atingir o objetivo do estudo, o *corpus* foi constituído em torno de dados em jornais e revistas, abarcando jornal O Globo (com 30 notícias), Revista Diadorim (com 30 editoriais), Revista Matéria (com 30 artigos), Revista Superinteressante (com 30 artigos).

Ademais, por causa de o foco ser texto escrito, ela pensou nestes possíveis condicionadores: pronome relativo envolvido (análise do pronome relativo escolhido pelo escritor, naquele contexto sintático), preposição regida pelo verbo (em especial, de, em, para – as quais são mais suscetíveis à supressão), função sintática do antecedente, função sintática do pronome relativo, animacidade do antecedente, gênero textual, veículo de informação, tipo de trecho de que foi retirado.

Foram encontradas relativas padrão e não padrão (de modo específico, a cortadora). A primeira se mostrou presente em 96,46%, a segunda em 3,40%. No que concerne a esta, ela advoga:

(...) observou-se que os fatores que motivam a realização das estratégias vernaculares são (i) o pronome relativo envolvido, sendo mais favorável às relativas vernaculares o pronome relativo *que*; (ii) o veículo de informação, sendo motivadores mais fortes as revistas *Matéria* e *Superinteressante*, cujos redatores não apresentam tão alto nível de conhecimento linguístico; e (iii) a preposição regida pelo verbo, sendo as preposições *a*, *de* e *por* mais propensas à supressão (AVELHEDA, 2014, p.27).

Isso manifesta que, mesmo em textos escritos, com leitores altamente escolarizados e alto grau de monitoramento, as relativas não padrão surgem apesar de não serem preponderantes.

Por último, o terceiro estudo é *Preposição diante do pronome relativo no português brasileiro e europeu (2008)*, de Kersch. Nesse trabalho, esboça-se um caminho teórico com base na pesquisa de Tarallo (1983) e, a partir dos *corpora* recolhidos por meio de entrevistas, estilo pergunta-resposta e conversa livre, do acervo do Atlas Linguístico Diastrático y Diatópico del Uruguay (ADDU-Norte), que contempla a fronteira bilíngue entre Brasil e Uruguai e do projeto NURC-Porto Alegre, o qual reúne dados de língua falada de falantes cultos, além das entrevistas do projeto Português Fundamental, do português europeu, explica que as relativas preposicionadas são naturais no Português Europeu, enquanto, no do Brasil, não são, mostrando a preferência pela cortadora. Ademais, de acordo com o trabalho, o *que* parece ter se tornado um relativo universal, já as construções com *cujo* parecem mostrar-se desconhecidas aos falantes dos dois países. A pesquisadora em consideração os fatores faixa etária (18 a 36 anos e mais de 60 anos), assim como a origem do falante e escolaridade (alta ou baixa).

1.3 Estratégias de relativização: perspectiva prescritiva e perspectiva linguística

Neste tópico, faremos uma comparação entre os entendimentos existentes sobre o fenômeno em estudo nesta dissertação. De um lado, encontramos a visão da Gramática Normativa, também nomeada de prescritiva. De outro lado, encontramos a visão a partir de estudos embasados nas diferentes teorias linguísticas, focando os aspectos intralinguísticos. Tais entendimentos contribuirão na análise dos nossos resultados, junto aos aspectos extralinguísticos, dado que entenderemos por quais motivos uma variante ocorre em determinado contexto sintático em detrimento de outra.

Com base na *Gramática de Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares*, de Nilson Teixeira (2017), os períodos da oração podem ser: simples e composto. Exemplos:

(6) “Alguns anos vivi em Itabira – Carlos Drummond de Andrade” (ALMEIDA, 2017, p. 301). Nesse exemplo, há um período simples, visto que existe apenas uma oração.

(7) “O importante é que a nossa emoção sobreviva – Paulo César Pinheiro” (ALMEIDA, 2017, p. 301). Nesse exemplo, há um período composto, pois existem duas orações: *o importante é / que a nossa emoção sobreviva*.

Em relação ao período composto, ele pode ocorrer por coordenação – as orações são sintaticamente independentes: (8) “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce - Fernando Pessoa” (ALMEIDA, 2017, p. 301), e por subordinação – nesse processo, conforme Bechara (2019, p.486-487), uma oração independente passa a uma camada inferior e, assim, torna-se pertença a outra unidade, aliás, membro-sintático de outra unidade. Por isso, as orações são sintaticamente dependentes; uma delas exerce função sintática em relação a um verbo, nome ou pronome de uma outra; é o caso desta sentença: (9) “O compositor me disse que eu cantasse distraidamente essa canção – Gilberto Gil” (ALMEIDA, 2017, p. 301).

Em (9), a construção *que eu cantasse distraidamente essa canção* é a oração subordinada e exerce a função sintática de complemento do verbo dizer, enquanto o sintagma *o compositor me disse* é a oração principal. É importante dizer que, nesse exemplo, a conjunção *que* não serve apenas para juntar as orações, mas também

para mostrar que uma oração independente passou da camada superior (independência) à inferior (dependência).

Concordante com Bechara (2014), as orações subordinadas são classificadas em categorias gramaticais, visto que podem exercer a função sintática de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. Sendo assim, são chamadas de, respectivamente, oração subordinada substantiva, oração subordinada adjetiva e oração subordinada adverbial.

Para esta dissertação, a oração que nos interessa é a adjetiva. Ela desempenha a função própria de um adjetivo. Nela, consoante a Ataliba (2019), ocorre o processo de relativização, isto é, um relacionamento de dois sintagmas nominais correferenciais.

Por exemplo, em (10) “os trabalhadores que fizeram greve foram demitidos (ALMEIDA, 2017, p. 358)”, a estrutura *que fizeram greve* se refere ao substantivo *trabalhadores*; seria o mesmo que dizer *os trabalhadores **grevistas** foram demitidos*. Portanto, existe uma oração adjetiva, ora chamada de oração relativa. Além disso, *trabalhadores* e *que* são sintagmas nominais correferenciais.

De acordo com Cunha e Cintra (2016), as orações adjetivas desenvolvidas³ são classificadas em explicativas e restritivas e introduzidas pelos pronomes relativos: o qual, cujo, quanto, os quais, cujos, quantos (masculino - varáveis), a qual, cuja, as quais, cujas, quantas (feminino - variáveis), que, quem, como e onde (invariáveis). No que concerne a essa classificação, conforme Bispo e Lopes (2021), as restritivas costumam ocorrer em maior quantidade com antecedentes novos e menos definidos, enquanto as explicativas, de maneira frequente, ocorrem com os antecedentes disponíveis e mais definidos.

Os pronomes relativos assumem dois papéis na estrutura relativa, segundo Ataliba (2019, p. 368): “enquanto pronomes, recebem funções argumentais, enquanto conjunções, ligam a oração adjetiva ao núcleo da oração principal”. Platão Savioli (12, p.252) *apud* Fochi (1991, p.107) também afirma: “(...) o pronome relativo projeta na oração posterior um elemento da oração anterior (o antecedente), estabelecendo relação sintática entre elas”. Ademais, os dicionários, e exemplo de Michaelis e Aulete, asseguram que a função do pronome é “substituir um nome e funciona como um nome, um adjetivo, fazendo referência a pessoas ou coisa”.

³ São chamadas de desenvolvidas porque flexionam a fim de indicar as categorias gramaticais.

Voltemos ao exemplo (10) os trabalhadores que fizeram greve foram demitidos. Esse *que* funciona como conectivo, porque liga as duas orações, e como pronome relativo, pois retoma o termo *trabalhadores* (aparece na oração anterior e pertence a ela) e o projeta na oração *fizeram greve*, permitindo que ele assuma a função sintática de sujeito:

(...) **que** fizeram greve foram demitidos → **Trabalhadores** fizeram greve.

A seguir, alguns exemplos de sentenças relativas padrão retirados da *Nova Gramática do Português Contemporânea*, de Celso Cunha & Lindley Cintra (2016, p. 358), com as respectivas funções sintáticas dos pronomes relativos:

(11) “Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que tanto se falava**. (J. Lins do Rego, ME, p.58)” – De que = objeto indireto de *se falava*;

(12) “Quero ver do alto o horizonte, **que foge sempre de mim**. (O.Mariano, TVP, II, 434)” – Que= sujeito de *foge*;

(13) “Não conheço quem fui **no que hoje sou**. (Fernando Pessoa, OP, 91)” – Que = predicativo do sujeito *eu*, elíptico;

(14) “Há pessoas **cuja aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizades**. (Marquês de Maricá, M, 223)” – *Cuja*= Adjunto Adnominal.

Por outro lado, Tarallo (1985) classifica as orações relativas em padrão (todas as apresentadas acima) e não padrão. Quanto à não padrão, ele subdivide em duas: a relativa não padrão expressa por pronome e a relativa não padrão em que todo o sintagma preposicional é apagado, as quais Ataliba (2019) chama, respectivamente, de copiadora e cortadora.

Na copiadora, o pronome relativo mais uma forma pronominal retomam o elemento a quem fazem referência, conforme podemos observar neste exemplo: (1) Tem uns colegas meus *que eles* vão comprar kikão. O termo *colegas* é retomado tanto pelo pronome relativo *que* quanto pronome pessoal de caso reto *eles*.

Ainda sobre a adjetiva copiadora, Ataliba (2019, p.367) expõe esta perspectiva: “(...) o pronome relativo se despronominaliza, reduzindo-se à condição de conjunção, ele perde propriedade fórica, que será preenchida por um pronome pessoal preposicionado ou não”.

Se retornarmos à raiz da língua portuguesa, o Latim, esse processo de redundância também ocorria nos textos jurídicos latinos. Isso é mostrado por Burgos e Silveira (2011, p.278):

(15) “litteras missit de uillico P. Septimi, hominis ornati, qui villicus caedem fecerat.’

(enviou uma notificação relativa ao granjeiro de P. Séptimo, cidadão honrado, o qual granjeiro parece haver cometido um crime). Notamos que *granjeiro* (o antecedente) se repete dentro da oração adjetiva”.

Consoante aos mesmos pesquisadores, “o uso das redundâncias conduziu à ocorrência da pronominalização da repetição, ou seja, o nome repetido foi substituído por um pronome. No português, o fenômeno se repete, o elemento redundante se pronominaliza em forma de pronome pessoal” (BURGOS e SILVEIRA, 2011, p.279).

Ademais, Camacho (2017, p.246) indica que esse tipo de relativização pode ser um “reflexo de construções simples de tópico⁴”. Retomemos o exemplo (1): *Tem uns colegas meus que eles vão comprar Kikão*. A construção topicalizada aconteceria assim: *Colegas meus, eles vão comprar kikão*. Percebemos que houve um deslocamento de *colegas meus* para o início da estrutura e, em seguida, um pronome fazendo referência a esse termo deslocado, permitindo entender, consoante a Câmara (2016), como um pleonasma, pois *eles* é o mesmo que *colegas*.

Tarallo (1983, p.101-102) *apud* Camacho (2017, p.260) assevera que “os pronomes-lembrete tendem a ocorrer quando o falante perde a trilha, cognitiva, diga-se de passagem, do processamento sintático. A retenção pronominal tem a função de restaurar a sintaxe normal da relativa”, ou seja, o falante trata de algum comentário extra e depois volta ao assunto principal de que estava falando ao utilizar o pronome-lembrete. Dorotea Kersch (2008, p. 58) também reforça essa ideia.

Santos e Damasceno (2019, p.87) informam que um fator contribuinte possível para o pronome cópia é a distância, pois “quanto maior a distância, tanto maior será a probabilidade de o falante recorrer ao pronome cópia”. Observamos isso neste exemplo deixado por eles:

⁴ De acordo com Ataliba (2019, p.279), do ponto de vista gramatical, tópicos “são sintagmas nominais anacolúuticos, ou seja, fragmentos soltos, sem conectividade sintática com o resto (...). Do ponto de vista discursivo, trata-se de expressões que fornecem um quadro de referências para o que vai ser elaborado no texto (...). Do ponto de vista semântico, essas expressões veiculam uma informação ainda não integrada na memória de curto prazo”.

“(16) Olha só... apesar da/da polícia militar desenvolver esse/vários papéis... né... sociais... ela é uma instituição que eu acho que pela maioria da população ela é uma instituição mal vista”.

O segmento sublinhado aparece no meio oração relativa *que é uma instituição mal vista*. Tal situação distancia o pronome relativo do restante da estrutura: *que... é mal vista*. Diante dessa situação, o falante usa uma forma pronominal (ela) para dizer quem é mal vista.

Mollica (1997, p.173) salienta que “sintagmas de base pronominal não estão sujeitos a processo de anaforização, enquanto os de base nominal submetem-se variavelmente ao processo”, isto é, os sintagmas em forma de pronomes não vão dar espaço para uma relativa copiadora, afinal, há um mesmo traço categorial. Para melhor entendimento, estes são os exemplos expostos por ela: “*(17) Aquele dia eu tava com pressentimento do que *ele* ia acontecê. (18) Tem um senhor também que *ele* reza a pessoa”. No primeiro exemplo, o sintagma nominal é de base pronominal (aquele) e a utilização, novamente, de outro pronome (ele) para retomar tal sintagma causa uma estranheza; no segundo exemplo, o sintagma nominal não é de base pronominal, é substantiva (senhor) e o uso de um pronome a fim de retomar tal sintagma não causa tanta estranheza. Portanto, levando em consideração tais exemplos, a autora confirma sua hipótese.

Bechara (2019, p.218) assegura no que concerne à copiadora: “A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição: Ali vai o homem que eu falei com ele”.

Na cortadora, a preposição regente do SN relativizado desaparece – (19) O *menino que ela gostava se apaixonou por mim*. Nesse caso, de acordo com a norma-padrão, a regência do verbo gostar, no sentido de apreciar, julgar bom, é quem gosta, gosta de alguma coisa ou de alguém, logo, no exemplo (19), percebemos o apagamento da preposição de – *de que ela gostava*. Geralmente, acontece quando o pronome relativo assume a função de objeto indireto ou complemento nominal, já que, nessas funções, há exigência de preposição na estrutura.

Almeida e Salles (2021, p.492), de forma elucidativa, explicam que os exemplos (4) *Joyce é a moça que falei* e (5) *Joyce é a moça que falei dela são entendidos* assim: “(...) as relativas vernaculares são realizadas com um *que*

complementizador e um pronome resumptivo, que pode ser nulo, no caso das relativas cortadoras (com apagamento da preposição), ou realizado foneticamente, no caso das relativas resumptivas”.

Além disso, apesar de as gramáticas tradicionais recusarem a legitimidade de (4) e (5), Kenedy (2007, p. 181-182) vai defender que “elas são naturais à língua portuguesa”. Ainda, segundo o autor, os exemplos (3) *Joyce é a moça de que falei*, (11) *Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia de que tanto se falava* e (14) *Há pessoas cuja aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizades*, principalmente quando aparecem preposicionados, são antinaturais, razão pela qual sua produção costuma ficar restrita a situações de uso formal da língua, sobretudo na escrita.

Somado a isso, para o falante, baseado em Santos e Damasceno (2019, p.85), “a relativa padrão preposicionada exige maior custo cognitivo devido à presença de um pronome relativo precedido de preposição”, bem como Camacho (2017), pois ele acrescenta que o falante, ao tentar produzir as relativas preposicionadas, faz um esforço cognitivo excessivo, quebrando, assim, o Princípio de Integridade de Domínio⁵. A fim de evitar esse esforço, o falante recorre a outros mecanismos de menor custo, produzindo, dessa forma, as relativas copiadora e cortadora, as quais “registram menor custo de processamento. (...) é, de fato, funcional e cognitivamente mais eficaz”.

Burgos e Silveira (2011) afirmam que as cortadoras são uma novidade, no século XIX, no português falado. Não obstante, passaram a ser recorrentes nos tempos posteriores.

Ainda sobre as cortadoras, Melo (2016) explica que os falantes brasileiros utilizam mais estruturas em que pronome relativo é sujeito ou objeto direto do que aquelas em que o pronome relativo assume outras funções. Tal fato mostra que eles estão em contato sempre com estruturas em que o relativo não é precedido de preposição. “Assim, em virtude da alta frequência, o falante interpretaria a construção sem preposição como a regular na língua, passando a produzi-la

⁵ Camacho (2017, p. 254): “Outro Princípio que constrange o Nível Morfossintático a refletir a organização dos níveis mais altos que lhe servem de *input* é o de Integridade de Domínio, que se refere a uma tendência, em termos tipológicos, para que unidades que, juntas, pertencem ao Nível Interpessoal ou ao Nível Representacional, apareçam também justapostas umas a outras no Nível Morfossintático (Hengeveld; Mackenzie 2008: 285)”.

também em casos em que o verbo ou o nome têm como argumento um complemento preposicionado”.

Avelheda (2014, p.103) ressalta que, “sendo uma língua que faz uso amplo e constante das categorias vazias e da elipse, o português do Brasil favorece a recorrência da sintaxe da relativa cortadora”. Isso faz o falante entender ser algo comum na língua em todas as outras situações, elegendo o uso da relativa cortadora.

Bagno (2011) também afirma que a classe dos pronomes relativos está em extinção, porque está perdendo o estatuto de pronome para se tornar um nexos sem papel funcional, ou seja, sem função anafórica, mesmo assim, a Gramática Normativa não admite as relativas copiadora e cortadora, muito menos as inclui no português padrão.

Quem reforça também essa ideia é Avelheda (2014, p.95), pois assevera que os pronomes relativos estão deixando de atuar eficientemente como substituto do termo anterior e de ter função sintática, tornando-se, portanto, apenas conector de estruturas.

Além das orações relativas citadas, existe outro grupo de relativas, o qual recebe o nome de *relativas sem cabeça ou livres*. Apresentam tais nomes, visto que, conforme Amorim (2006, p.2330), “[...] se caracterizam pela ausência de um antecedente explícito para a referência do constituinte relativo que a contém, por isso também denominadas relativas sem antecedente, relativas semilivres ou livres”, melhor dizendo, é uma construção na qual não conseguimos identificar o referente que a oração adjetiva modifica. Bechara (2019) costuma chamá-las de relativa sem antecedente, já Castilho (2012), Cunha e Cintra (2016) e Santos (2014) reiteram que esses pronomes retomam um conteúdo não expresso na oração, aliás, “são interpretados como se houvesse um antecedente adaptável ao contexto” (SANTOS, 2014, p.3), é o caso de *quem* e *onde*, equivalendo respectivamente *àquele que* e *no lugar em que*, e chamam ambas de relativas livres ou relativos indefinidos. Já Kenedy (2014) afirma que “a expressão N relativizada não é foneticamente visível na sentença”.

Seguem quatro exemplos de relativos indefinidos:

(20) “*Quem dá aos pobres, empresta a Deus*” (Bíblia Sagrada – Provérbios 19:17). Podemos subentender que a estrutura é *aquele que dá aos pobres, empresta a Deus*. Notamos também que ela é um exemplo registrado num

documento que exige um seguir mais rígido em relação aos preceitos da Gramática Normativa;

(21) “*Quem tudo quer tudo perde*” (SANTOS, 2014, p. 3) – Nesse exemplo, seria o mesmo subtendimento do exemplo (20): *Aquele tudo quer tudo perde ou a pessoa que tudo quer tudo perde*;

(22) “*Passeias onde não ando, andas em eu te encontrar*” (F. Pessoas, OGP, nº47) – É possível subentender: *Passeias no lugar em que não ando, andas em eu te encontrar*;

(23) “*Onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração*” (Bíblia Sagrada – Mateus 6:21) – Subentende-se: *No lugar onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração*.

Entretanto, por exemplo, Kury (2006, p.88), em *Novas Lições de Análise Sintática*, quanto ao *onde*, assevera que é inaceitável desdobrá-lo em *no lugar em que* e classifica-o como Oração Subordinada Adverbial Locativa, a qual é introduzida pelo advérbio *onde*. Fochi (1991) rebate essa ideia ao afirmar que o *onde*, funcionando com ideia pronominal, define-se por inferência discursiva, um processo que ela chama “de quase tautologia”; a pesquisadora mostra o seguinte exemplo: “(24) *Moro onde ninguém mora*”, ou seja, *moro no lugar em que ninguém mora*.

Em torno do exemplo (24), a mesma autora explica que “neste caso, a questão do apagamento do antecedente é mais propriamente uma forma de superação de seu conteúdo pelo relativo, que passa a desempenhar o papel semântico tomado do antecedente (dispensado, a partir daí)” e acrescenta que essa situação, de Kury, só está sendo analisada no ponto vista sintático e não semântico. Esse mesmo entendimento é direcionado ao pronome *quem*. No que concerne a essa situação de papel semântico, adicionamos a afirmação de Henry (1990, p.59): “De fato, se o discurso fosse inteiramente determinado em sua produção e interpretação pela **língua** (grifo dele), não haveria lugar para a noção de paráfrase discursiva”; este conceito diz respeito à noção de contexto, no qual as estruturas dependem das condições de produção e interpretação dentro dos discursos.

Braga (2001) declara que a abordagem tradicional prescreve somente uma forma para estabelecer uma relação sintático-semântica, isto é, o pronome relativo. Este seria o responsável por definir a presença ou não de uma oração relativa,

entretanto o mesmo autor assegura que essa mesma relação pode ser entendida por diferentes estratégias semânticas:

A inclusão do eixo lógico-semântico, por fim, fornece respaldo à intuição de que uma mesma relação semântica pode ser codificada por diferentes estratégias sintáticas (posição já assumida por vários pesquisadores brasileiros (Cf. Gryner 1995, Paiva 1998, Braga 1995, Lima-Hernandes 1999, entre outros)) e desarticula a correlação, sustentada pela abordagem tradicional, entre tipo de oração e tipo de relação semântica, sinalizada, sobremaneira, pelo conectivo que encabeça a oração.

(BRAGA, 2001, p.23)

Há outra situação a respeito do *onde*. De acordo com a Gramática Normativa, ele serve para retomar termos com a ideia de espaço físico ou metafórico, contudo nos parece que ele não faz uso exclusivo de tal representação nas construções sintáticas:

(25) Na história de Isaque, há um *padrão onde* Deus havia estabelecido algo para eles (retirado de uma pregação religiosa, falada por um líder religioso). Nesse exemplo, o *onde* funciona como pronome relativo, retoma e substitui o termo *padrão*, mas é uma ideia abstrata, dado que se refere a um modelo estabelecido. Logo, não é noção de lugar.

Mais um exemplo:

(26) Quando Abraão precisou fazer o sacrifício de seu filho, ele estava numa *provação onde* Deus exigiu seu filho (retirado de uma pregação religiosa, falada por um líder religioso). No exemplo (26), o *onde* funciona como um pronome relativo, retoma e substitui o termo *provação*, porém é uma ideia abstrata, visto que se refere a uma situação aflitiva. Sendo assim, não é noção de lugar.

Dessa forma, percebe-se que, nas estruturas conversacionais atuais, está havendo uma extensão representacional para o pronome relativo *onde*, pois ele tem feito referência a nomes com ideia abstrata, de tempo, entre outros.

Para além dos casos mencionados, ainda existe o *cujo*, alega Sírio Possenti (2015) que ele desapareceu. Nas palavras dele: “O que quer dizer “desapareceu”? Que não se emprega mais? Não! Quer dizer que não é mais de emprego corrente; só aparece em algumas circunstâncias – tipicamente, em textos muito formais (em geral de autores idosos). E, claro, em textos antigos”.

Por último, Ribeiro (2009, p.204), em sua pesquisa, informa que o *cujo* raramente apareceu nos dados, “algo já esperado (segundo a autora)”, ela também

menciona que esse pronome relativo causa uma estranheza aos falantes e, por esse motivo, é substituído pelo relativizador *que*.

1.4 *Que* conjunção integrante x *Que* pronome relativo na perspectiva padrão

Dentro dos preceitos da Gramática Normativa, existe diferença entre conjunção e pronome relativo, tratando especificamente do *que*.

Segundo Ataliba (2019, p.369), para fazermos a distinção entre conjunção integrante e pronome relativo, é necessário avaliarmos alguns aspectos: a) o *que* conjunção integrante resulta da gramaticalização do pronome relativo *que*; b) a conjunção integrante, diferentemente do pronome relativo, não tem antecedente e, conseqüentemente, despronominaliza-se; c) a conjunção integrante permite que a oração inteira assuma uma função argumental, já o pronome relativo, por si só, dentro da oração adjetiva, assume funções argumentais. Analisemos, mais uma vez, o exemplo (10) Os trabalhadores que fizeram greve foram demitidos: o pronome relativo *que* introduz a oração relativa *fizeram greve*, porém não só isso, tal pronome retoma o termo anterior (trabalhadores), substituindo-o na oração relativa em que ele está. Ademais, assume função sintática. No caso do exemplo 10, o *que* é o sujeito da oração. Diferentemente da seguinte estrutura: (27) O pai viu que a filha saía. Aqui, o *que* funciona como conjunção integrante, pois ela introduz a oração inteira como complemento verbal do verbo *ver*. Além disso, não retoma nem substitui termo anterior, muito menos assume função sintática por si só.

Essa diferença se faz indispensável para a nossa discussão da próxima seção, porque, consoante a alguns autores, veremos que o pronome relativo tem assumido características semelhantes, talvez iguais, às da conjunção integrante – o *que*, em teoria tradicional, não acontece.

1.5 Estratégias de relativização e outras teorias

Nesta pesquisa de mestrado, a construção das relativas é vista com base na Sociolinguística Variacionista. Na seção 1.5, trataremos, com a finalidade de complementação, o modo pelo qual outras teorias veem o mesmo fenômeno linguístico.

1.5.1 Estratégias de relativização à luz da visão funcionalista norte-americana

A abordagem funcionalista analisa a língua além da forma. Nela, consideram-se as questões pragmáticas e semânticas.

Com a finalidade de entendermos o funcionamento das orações adjetivas dentro da visão funcionalista, precisamos compreender alguns conceitos: De acordo com Halliday (1976) *apud* Hopper e Traugott (1993), existem três mecanismos de nexos entre as orações:

- a) Coordenação: menos encaixamento, menos dependência. Cada estrutura tem sua própria força ilocucionária;
- b) Subordinação: mais encaixamento, mais dependência. Uma das estruturas está encaixada na outra. A relação delas é assim: parte-todo. Braga (2001, p.29) ratifica que a relação entre elas é de oração-margem dentro da oração-núcleo;
- c) Co-subordinação (conhecida como Hipotaxe): menos encaixamento, mais dependência. Apesar de haver uma relação de dependência entre as duas estruturas, não há encaixamento.

Diante disso, Hopper e Traugott (1993), ao expandir a teoria de Halliday (1976), acreditam que as construções paratáticas resultam as construções hipotáticas, e estas geram as construções subordinadas. Também validam que essa situação tenha sido proveniente, de forma progressiva, da pressão de uso.

Assim sendo, existe um *continuum* unidirecional, o qual funciona assim: parataxe (menos dependente e menos encaixada) > hipotaxe (mais dependente e menos encaixada) > subordinação (mais dependente e mais encaixada). Na visão de Oliveira (2001, p.92), esse esquema resulta na seguinte estrutura: “(...) orações pouco vinculadas (paratáticas) originariam orações de integração média (hipotáticas), que, por sua vez, derivariam orações mais encaixadas em conteúdo e expressão (subordinadas)”. No caso das relativas, segundo a mesma autora, a relativa explicativa estaria na hipotaxe, enquanto a restritiva estaria na subordinação.

Para ilustrar melhor todos esses conceitos, retomemos o exemplo (10) *Os trabalhadores que fizeram greve foram demitidos*. Se destrincharmos a estrutura, veremos duas construções paratáticas:

- a) Os trabalhadores foram demitidos;
- b) Os trabalhadores fizeram greve.

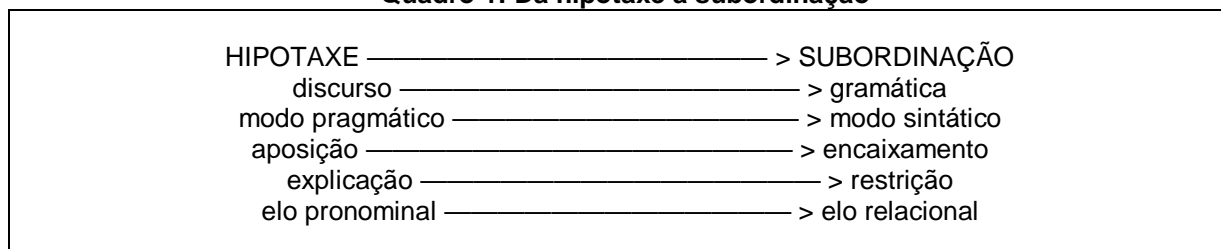
Elas originam construções hipotáticas, neste caso, as relativas explicativas e restritivas. Quanto às explicativas, elas se encontram na hipotaxe: Os trabalhadores, que fizeram greve, foram demitidos. Estas, por sua vez, geram construções subordinadas. No que se refere às restritivas, elas se encontram na subordinação: Os trabalhadores que fizeram greve foram demitidos.

Num primeiro momento, podemos pensar que só a vírgula seria a “grande” diferença entre essas orações, porém há outros critérios que devem ser levados em consideração. No que concerne à vírgula nas orações explicativas, Kury (2006, p.79), em “Novas Lições de Análise Sintática”, assegura que “[...] elas têm valor aproximado de um aposto ou atributivo; sua eliminação, por isso, não traz, em princípio, prejuízo lógico, mas principalmente estilístico, ao sentido geral”. Portanto, nesse caso, a oração relativa seria dispensável, isto é, não se faz necessária; nas restritivas, a oração relativa seria indispensável, melhor dizendo, faz-se necessária, indicando que somente os trabalhadores grevistas foram demitidos, e os trabalhadores não grevistas não foram demitidos. No que se refere ao pronome relativo, Oliveira (2001, p.96) assevera:

Nesse sentido, o chamado pronome relativo, rótulo tradicional que informa sua dupla funcionalidade (refere-se ao antecedente e estabelece conexão), atua conforme o tipo de vinculação estruturada. Nas adjetivas menos integradas, seu papel é basicamente pronominal; nas cláusulas de maior integração, a função relacional prepondera.

Por esses motivos, as relativas não são vistas em dicotomias (uma visão saussuriana), mas sim, no sentido conotativo, como gradientes de um *continuum*. É possível visualizar melhor essa concepção no seguinte quadro proposto por Oliveira (2001):

Quadro 1: Da hipotaxe à subordinação



Fonte: Oliveira, 2001.

No quadro 1, podemos verificar que a hipotaxe, em um processo *continuum*, por meio das setas apontando para a direita, assim como dos elementos que a envolvem, resulta na subordinação. Do lado esquerdo, existem parâmetros que

tornam o pronome relativo participante de uma construção hipotática, enquanto do lado direito, de uma construção subordinada.

Amorim (2006) chama esse processo, ilustrado no quadro 1, de declive unidirecional (palavra sinônima do *continuum*), no qual há “uma trajetória no sentido da menor para a maior integração das orações”, porque cada estrutura da língua só tem significação completa quando está inserida num contexto concreto e contextualizado.

Por fim, no Funcionalismo, alguns pesquisadores da área, é o caso de Amorim (2006), ao tratar dos pronomes relativos, indicam que o pronome relativo não estaria sendo mais usado como um pronome relativo, porque, segundo eles, as orações relativas não prototípicas apresentam, digamos, certa independência quando analisado todo o restante do texto.

1.5.2 Estratégias de relativização à luz da visão gerativista

Diferentemente do Funcionalismo, o qual entende a língua como forma e, principalmente, discurso, o Gerativismo compreende a língua apenas como forma. Faraco (2006) assevera que este estudo dá roupagem nova ao Estruturalismo, já que as mudanças linguísticas, por exemplo, são vistas como novas regras gramaticais ou reordenação (forças internas à língua) dos parâmetros estabelecidos dentro do sistema linguístico. Além do mais, essa abordagem observa de que modo os elementos se movem (operação *move*⁶) dentro das sentenças.

Dito isso, nessa teoria, verifica-se que o caso das relativas é entendido por meio da operação *move*, a qual é acionada pelo Sistema Computacional da Linguagem. O deslocamento das relativas procede, consoante a Souza e Silva (1986) *apud* Avelheda (2014, p.100), em três fases, e elas acontecem assim:

Há duas sentenças distintas – Eu comprei os livros. Você falou dos livros. A partir da operação *move*,

- a) a segunda oração se encaixa na primeira, ao lado do sintagma nominal (SN) que se repete nas duas: Eu comprei os *livros* você falou *dos livros*;
- b) depois, ocorre extraposição do SN idêntico para a posição inicial da oração encaixada: Eu comprei os *livros dos livros* você falou. Aqui, houve um

⁶ Ela dá permissão para que os constituintes das sentenças se movam da posição original para outros níveis da estrutura.

movimento do constituinte *dos livros*, conforme já exposto, para o início da segunda oração, a qual é a oração encaixada;

- c) Por último, aronominalização⁷ relativa do SN idêntico da oração encaixada (tanto no nível sintático quanto no nível semântico): Eu comprei os *livros de que* você falou. Nesse processo, o constituinte *dos livros* se pronominaliza, portanto, tornando-se uma oração relativa.

Almeida e Salles (2021), com base nos estudos de Kennedy ao estudar as orações relativas, explicam que, nas orações resumptivas, também chamadas de relativas copiadoras, acontece o seguinte processo: “[...] as relativas resumptivas do sintagma determinante (DP)⁸ do português do Brasil podem ser explicadas pela preservação, na forma fonética (Phonological Form/PF), dos traços *phi*⁹ após o apagamento das cópias deixadas pelo movimento do sintagma determinante (DP) relativizado para a cabeça da relativa”. Dessa forma, um pronome resumptivo foneticamente realizado ocupa a posição dentro da frase flexional (IP) e retoma anaforicamente o termo em posição deslocado à esquerda na própria estrutura da relativa, mas se realiza por coindexação. Em outras palavras menos complexas, o pronome resumptivo seria uma cópia parcial do constituinte (chamado de DP) relativizado, pois, na oração da operação *move*, nem todos os traços do DP não apagados, permanecem ativos lá, por exemplo, os traços de gênero, número e pessoa – o que dá margem à produção fonética de um pronome resumptivo.

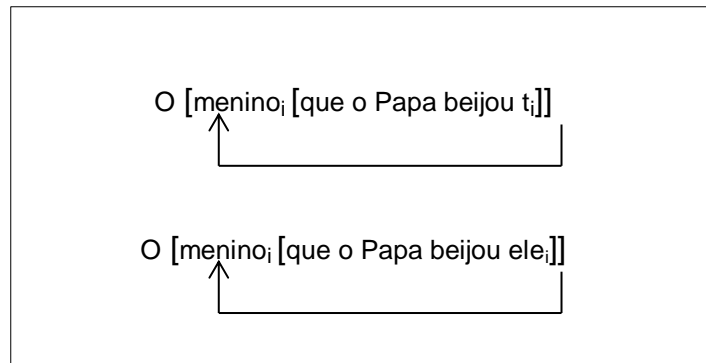
Ao procurar os estudos do linguista Kenedy (2014), de fato, ele mostra isso nestas estruturas, em que *menino*, ao fazer o movimento para encabeçar a frase, deixa traços à direita.

Figura 1- Movimento do DP

⁷ O pronome relativo deve apresentar traços de gênero, número, pessoa e caso idênticos aos do N alvo, de acordo com Kenedy (2014, p.3).

⁸ Conforme a Teoria Gerativa, DP é o sintagma determinante, ou seja, o elemento que encabeça a frase. Ele mostra o termo a quem faz referência em uma frase, bem como quem substitui, determinando o sentido do elemento linguístico.

⁹ É uma variável que informa as características morfossintáticas no decorrer das operações sintática.



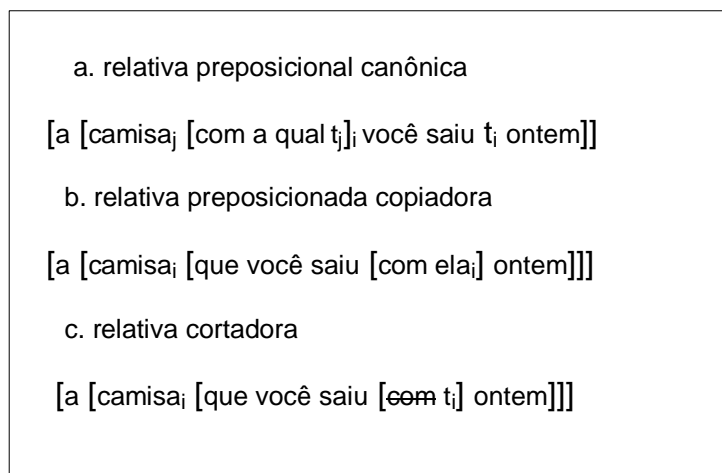
Fonte: (KENEDY, 2014, p.26)

Ademais, Kato (1993), consoante ao próprio Kenedy (2014, p.24), menciona que, nas relativas copiadoras, os pronomes relativos são gerados em posição de deslocamento à esquerda, mas replicado, dado que o português brasileiro é propenso à topicalização, ou seja, criação de tópicos.

Já sobre as relativas cortadoras, Almeida e Salles (2021) afirmam que o constituinte relativizado é gerado dentro do IP na relativa resumptiva e substituído por um *pro* (em palavras simples, é um elemento linguístico que apresenta características de caso nominativo) na relativa cortadora dentro do chamado caso inerente; inclusive, com o intuito de embasar a argumentação, citam Kato (2009). Entretanto, existe a possibilidade de o DP relativizado se mover para a posição da relativa sem a preposição que o encabeça.

Para Kenedy (2014), os traços da preposição estão “amalgamados” aos do DP. Por conseguinte, quando ocorre o apagamento de traços do DP, os traços da preposição, nesse processo, também são apagados, resultando na oração relativa cortadora, consoante ao que vemos na figura 2:

Figura 2- Movimento das orações adjetivas



No que concerne à figura 2, na primeira estrutura, os sintagmas se movem da posição original (t), sem deixar traços de cópia. Portanto, relativa padrão. Na segunda, somente *camisa* se move da posição indicada, deixando traços parciais. Logo, uma relativa copiadora. Na terceira, há o apagamento completo da cópia de *camisa* presente na base, conseqüentemente, o apagamento da preposição deixada na base. Assim, uma relativa cortadora.

Por fim, quanto à antinaturalidade das relativas preposicionadas, Kenedy (2010, p.61) acredita que “(...) em português, *pied-piping* em relativas é um tipo de estrutura extremamente rara na fala espontânea – e ausente, de maneira absoluta, na fala infantil”, isto é, elas não são naturais à nossa estrutura linguística cotidiana.

Em buscar de ampliar a discussão realizada até aqui, a próxima seção abordará algumas pesquisas realizadas sobre as orações relativas na teoria Gerativista, na teoria Funcionalista ou na interface Sociofuncionalismo.

1.5.3 Outras pesquisas sobre relativas padrão e não padrão a partir das teorias gerativista, funcionalista norte-americana ou sociofuncionalista

Muitos trabalhos que abordam relativas padrão e não padrão são alicerçados mais nas teorias funcionalista norte-americana e gerativista do que na própria Sociolinguística e tendem a ser de revisão bibliográfica. Dentre os estudos consultados para a realização desta dissertação, dez mostraram diálogo com os objetivos traçados nesta dissertação e serão apresentados de maneira sucinta.

O primeiro é *Orações relativas do português brasileiro: estruturas cortadoras e resumptivas* (2021), de Almeida e Salles. Com base na concepção gerativista e nos trabalhos da linguista Mary Kato (1993), a partir de um estudo bibliográfico, as pesquisadoras abordam os traços *phi* e como ocorre o processo de movimento ou apagamento do pronome relativo dentro da sentença. Além disso, tentam indicar quais preposições podem ser apagadas.

O segundo é *A História das relativas* (2011), de Burgos e Silveira, os quais mostram o uso das estratégias de relativização e o estágio de alteração delas no tempo a partir de um estudo bibliográfico. Para isso, no tópico *Do Latim ao*

Português Moderno, há uma exposição de como eram os pronomes relativos no Latim e o processo de mudança no decorrer do tempo. Os estudiosos asseveram, por meio de exemplos, que as orações relativas copadoras já existiam na língua latina.

O terceiro é *Uma análise unificada dos três tipos de relativas restritivas do português brasileiro* (2014), de Nunes. Nesse trabalho, a partir de um estudo bibliográfico, com base na visão gerativista, há uma abordagem das relativas padrão e não padrão. Nunes (2014, p.578) retoma os estudos de Kato (2009) para mostrar os possíveis processos que ocorrem nas relativas e tece a seguinte consideração em relação ao processo de relativização: “porque a estratégia de relativização de sujeito e objeto tem certa preponderância sobre a estratégia com resuntivo nulo”, isto é, no português brasileiro, a relativa cortadora mostra certa preponderância quando comparada à relativa copadora.

O quarto é *As relativas preposicionadas padrão são naturais aos falantes do português do Brasil? Evidências de pesquisa experimental em psicolinguística/ testing the antinatural* (2010), de Kenedy. Dessa pesquisa, participaram do experimento 20 sujeitos, com nível superior completo, estudantes de mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo 12 do sexo feminino, idade média em torno de 22 anos. Compuseram a pesquisa 10 frases experimentais, com 5 exposições de cada condição por sujeito (between-subjects), e 20 frases distratoras, todas apresentadas de maneira randômica aos sujeitos. O experimento foi elaborado no programa *Psyscope* versão 1.2.5. e rodado no computador *PowerBook G4* (Laptop da Apple, Macintosh), monitor de 15". A leitura dos segmentos das frases ocorria por meio do toque em teclas coloridas do computador: tecla branca: PASSAR OS SEGMENTOS; tecla verde: SIM; tecla vermelha: NÃO. Em média, os sujeitos levaram 15 minutos para concluir a tarefa.

O linguista mostra, por intermédio de experimentos, na visão gerativista, com o processo *pied-piping*, que as relativas preposicionadas não são naturais aos falantes brasileiros, mesmo os de nível superior. Elas costumam ser comuns na escrita ou, caso o falante seja bastante treinado a produzir tal sentença, na fala pré-moldada. O estudioso também desenvolveu outro estudo (*Estruturas sintáticas de orações relativas*, 2014) a respeito do mesmo assunto com a intenção de atestar essa antinaturalidade das relativas preposicionadas. Lá, a partir de um estudo bibliográfico, faz-se a retomada da operação *move* a fim de explicar algumas falhas

em relação à construção das relativas e mostra-se o novo tipo de análise (*raising*) com intuito de explicar as relativas não apenas como adjunção, mas como complemento do sintagma determinante.

O sexto é *Alinhamento e estratégias de relativização* (2017), de Camacho, o qual, por intermédio da Gramática Discursivo-Funcional, a partir de um estudo bibliográfico, explica as estratégias de relativização (padrão e não padrão). Inclusive, ele dá outros nomes à relativa copiadora e à relativa cortadora. Respectivamente, são retenção pronominal e relativa de lacuna. O autor aborda os princípios funcionalistas, bem como faz uma relação com os fatores semânticos: conteúdo, forma, opacidade e níveis interpessoal e representacional. Acrescenta que, dentre as duas relativas não padrão, a copiadora é a mais eficaz. Porém, devido a estigmas sociais, ela é posta *de escanteio*, nas palavras dele (CAMACHO, 2017, p.262): “(...) os estigmas bloqueiam a sua veiculação”. Existe outro trabalho deste autor explicando os mesmos conceitos, e a proposta é intitulada *Construções relativas nas variedades do português: uma interpretação discursivo-funcional* (2013), mas, neste, o foco são as construções do português de Guiné-Bissau.

O oitavo é *As sentenças relativas* (2009), de Ribeiro, a qual informa o uso dos pronomes relativos no Português Europeu (PE) e no dos afrodescendentes, sobretudo na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, comparando seus resultados com os de pesquisas já realizadas sobre aquisição de relativa em primeira língua (L1) em fala do PE e de crioulos de base lexical portuguesa. A autora assevera, com base na teoria funcionalista, trazendo também um pouco da Sociolinguística, que, por exemplo, a generalização do *que* já vem do próprio português europeu, isto é, os portugueses

(...) já apresentavam em suas falas as estratégias de relativização que hoje caracterizam fundamentalmente a sintaxe dessa construção na fala brasileira; também relativas pied piping estão presentes na fala rural portuguesa, mas totalmente ausentes na fala rural de afrodescendentes e, na aquisição do português pelos africanos e seus descendentes, os pronomes foram reanalisados como formas específicas de relativas sem antecedente; o complementador que se generaliza para as formas de relativas com antecedente. Não é isso o que se observa nas variedades do PE.

Com o propósito de chegar ao objetivo, ela contempla as estratégias de relativização atestadas no *corpus* constituído a partir dos inquéritos de 8 informantes das seguintes localidades do interior da Bahia: 1) Cinzento, informante 06, 48 anos, semianalfabeto (CZ-06); 2) Cinzento, informante 08, 50 anos, analfabeto (CZ-08); 3)

Helvécia, informante 13, 85 anos, analfabeto (HV-13); 4) Helvécia, informante 20, 70 anos, analfabeto (HV-20); 5) Rio de Contas, informante 08, 55 anos, analfabeto (RC-08); 6) Rio de Contas, informante 26, 68 anos, semianalfabeto (RC-26); 7) Sapé, informante 09, 76 anos, analfabeto (SP-09); 8) Sapé, informante 12, 66 anos, analfabeto (SP-12).

O nono é *Anáforas em relativas no português do Brasil* (1997), de Mollica. Esta pesquisa tem por base a visão ora funcionalista, ora gerativista, a partir de um estudo de amostras de MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), com 7 entrevistas em torno de uma hora cada. Tais dados são considerados como amostra representativa da classe semi-escolarizada da população carioca. A autora atesta que não são frequentes as relativas copiadoras (92%), mesmo na fala de indivíduos com baixa escolarização. É possível que elas apareçam, sim, mas exclusivamente nestes casos, o que ela chama de parâmetros: "(1) conter traço semântico mais facilmente pronominalizável, segundo tendência natural da língua; (2) ser indefinido para que a anáfora o referencialize de forma mais saliente; (3) ter ideia singular para que o referente seja facilmente diferenciado de um grupo; (4) vir acompanhado de elementos intervenientes de modo que a cópia surja como papel de facilitador no processamento de curto termo, no nível interno da sentença" (1997, p.177).

O décimo é o de Cristina, e último desta sequência, intitulado *O papel dos pronomes relativos em textos falados: uma análise funcional*, o qual direcionou a elaborar a pesquisa da autora desta dissertação. Por esse motivo, o trabalho de Cristina será descrito detalhadamente.

Com a abordagem funcionalista, a autora estuda as funções dos pronomes relativos em textos falados e utiliza o *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB); tal projeto consiste em entrevistas informais realizadas com informantes da cidade de João Pessoa.

Para alcançar o objetivo do estudo, ela analisou as falas de dois informantes, sendo um do sexo masculino (doravante WL) e outro do sexo feminino (doravante RC), ambos com mais de 50 anos de idade, mais de 12 anos de escolaridade e professores aposentados. A motivação dessa escolha se deu a partir da hipótese inicial de que sujeitos com esse perfil de idade e escolaridade teriam uma fala mais conservadora no que se refere à estrutura linguística e poderiam se constituir como uma amostra significativa de vários fenômenos linguísticos. As entrevistas tiveram

duração, em média, de 60 minutos com o sujeito do sexo masculino e 60 minutos com o sujeito do sexo feminino, totalizando, portanto, 120 minutos de fala de sujeitos com naturalidade em João Pessoa, na Paraíba.

A pesquisadora divide o trabalho em duas seções: a parte teórica, na qual explica a função dos pronomes relativos com base na visão semântica e pragmática; a parte de análise dos dados, na qual demonstra como funcionam os pronomes relativos na fala dos dois informantes. Na primeira seção, ela descreve os pronomes relativos de acordo com a norma-padrão e com a visão dos estudos de Tarallo (1983). Na segunda seção, mostra os resultados e chega às seguintes conclusões: Na fala do informante WL, encontrou 116 ocorrências de pronomes relativos, dos quais 65 foram usados na forma padrão e 51 na forma não padrão. Na fala da informante RC, encontrou 76 ocorrências de pronomes relativos, sendo 47 na estratégia padrão e 29 nas estratégias consideradas não padrão.

Ela declara:

Do total de 192 ocorrências, 184 foram do pronome *que*, apenas 1 ocorrência do pronome *quem*, usado com a preposição *com*, 2 de *onde*, 4 ocorrências de *aonde* e 1 de *quando*. Essa constatação, de certa forma, confirma o que alguns autores já percebiam a respeito da universalização do pronome *que*, mas demonstra, por outro lado, que, embora com formatações diferentes da formatação padrão, eles não estão desaparecendo.

Em termos numéricos, ela verificou 76 sentenças com o *que* com função de sujeito e 33 sentenças com o *que* com função de objeto direto. Esses dados confirmaram a hipótese dela de que o uso da relativização padrão é mais comum com os pronomes nessas duas funções, uma vez que a ordem canônica das sentenças não é alterada e, por não solicitar o uso da preposição, não se exige tanto esforço do falante no momento da sua elaboração.

Em suma, uma análise mais cuidadosa a leva a concluir que esse *que* ao mesmo tempo retoma o tema da oração anterior e o movimenta para a oração seguinte. Ela defende que o funcionamento do pronome relativo está seguindo um processo de gramaticalização, que o distancia do formato padrão. De qualquer modo, indica que ainda é cedo para afirmar de maneira categórica esse desaparecimento e a despronominalização dos relativos, tão defendida por muitos autores.

A partir dessa proposta e com a finalidade de mostrar como nosso estudo foi realizado, a próxima seção abordará os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentaremos de que modo o estudo foi realizado. Nesta dissertação, por ser uma pesquisa sociolinguística, a abordagem dos dados foi quali-quantitativa, afinal, revisamos bibliografias e quantificamos os dados recolhidos no campo.

2.1 Revisão bibliográfica

Uma pesquisa sociolinguística, consoante a William Labov, precisa traçar o perfil dos informantes, o qual inclui a escolha das células sociais, o meio de coleta de dados, seguido da transcrição, codificação e quantificação deles, por fim, a análise dos dados.

Para constituir esse panorama nesta dissertação, decidimos fazer uma revisão bibliográfica por meio das pesquisas realizadas acerca das orações relativas, no primeiro momento, em Manaus, depois, no Brasil.

A princípio, buscamos estudos sociolinguísticos em torno das orações relativas em Manaus, contudo não os encontramos. Isso mostra que estamos inaugurando tópicos ainda não abordados a respeito das orações relativas, com esse viés teórico, na cidade. No diz respeito ao Brasil, foram encontrados 3 (três), além da pesquisa-base desta dissertação: Fernando Tarallo (1985). Diante desse cenário, ampliamos o leque para outros estudos prévios a partir de outras vertentes teóricas, conseqüentemente, encontramos muitos trabalhos.

Portanto, é com base nas perspectivas das investigações encontradas fizemos a análise dos dados, tanto de modo intralinguístico quanto extralinguístico. Outros autores que serão utilizados com essa finalidade são estes: Almeida e Sales (2021), Amorim (2006), Avelheda (2014), Braga (2001), Burgos e Silveira (2011), Camacho (2017), Halliday (1976), Henry (1990), Kato (2009), Kenedy (2007, 2014), Melo (2016), Mollica (1997), Oliveira (2001), Ribeiro (2009) e Santos e Damasceno (2019).

2.2 Perfil dos informantes

O primeiro passo desta pesquisa foi traçar o perfil dos informantes de acordo com Tarallo (1985, p.27), em um dos seus conselhos sobre a escolha dos informantes: “(...) precisamos procurar uma pessoa com características fiéis à da comunidade linguística, isto é, tenha chegado à comunidade até os cinco anos de idade ou nunca tenha saído dela”. Conseqüentemente, determinamos a quantidade de informantes, levando em consideração o perfil social deles: idade, sexo e escolaridade.

A princípio, seriam 24 (vinte e quatro) informantes, todavia, no momento da qualificação, decidimos (pesquisadora e banca) fechar em 12 (doze) informantes. Essa redução ocorreu devido à pandemia de Covid-19. Quando o mestrado iniciou, em 2021, todos nós estávamos no início dela. Diante desse fato, todos os locais ficaram proibidos de serem visitados durante (quase) 1 ano. Mesmo com a volta à *normalidade* em agosto do mesmo ano, os locais restringiram entrada das pessoas, existiam critérios para acessá-los.

Assim, para este estudo, foram entrevistados 12 (doze) informantes pertencentes à capital Manaus, sendo 6 (seis) de bairros mais novos e 6 (seis) de bairros mais antigos. Já as faixas etárias foram divididas em 3 (três): 7 a 25 anos, 26 a 55 anos, 56 anos em diante. Quanto ao nível de escolaridade, foram analisados dois níveis: até 8 anos de escolarização, de 9 a 12 anos de escolarização.

A princípio, seriam 3 (três) níveis de escolarização, contudo decidimos (pesquisadora e banca) reduzir para 2 (dois), dado que, durante a qualificação, visualizamos que estava havendo uma incoerência entre idade e escolaridade: nós consideramos que uma criança de 7 anos já teria 4 (quatro) anos de escolarização. Todavia, ao analisarmos todo o percurso da educação básica, compreendemos que a criança somente acessa o Ensino Fundamental – Anos Iniciais quando tem 6 (seis) de idade. Dessa forma, aos 7 (sete) anos, ela ainda estaria no 2º (segundo) ano de escolaridade. Para que ela apresentasse 4 (quatro) anos de escolaridade, deveria ter cursado a creche, o que não ocorre na maioria dos casos, comprometendo o resultado da pesquisa no que concerne às crianças, por exemplo, de 10 (dez), 11 (onze) ou 12 (doze) anos. Logo, reformulamos a estratificação social dos informantes.

Tais informações estão organizadas na tabela abaixo:

Tabela 1 – Estratificação social dos informantes de Manaus

Escolaridade	Faixa etária					
	7 a 25 anos		De 26 a 55 anos		De 56 anos em diante	
	Sexo					
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Até 8 anos de escolarização	1	1	1	1	1	1
De 9 a 12 anos de escolarização	1	1	1	1	1	1
TOTAL	2	2	2	2	2	2

12 participantes

Fonte: Própria autora

Como este tipo de pesquisa requer o sigilo em relação à identidade do indivíduo entrevistado, de acordo com os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Assentimento (anexos D e E), nossos informantes foram codificados da seguinte maneira: H (homem), M (mulher), e os números que acompanham essas iniciais servem para organizar a quantidade de homens e mulheres.

Quadro 2- Perfil dos informantes

Código	Perfil do informante
M1	Moradora do bairro Cidade de Deus, tem 19 anos (1ª faixa etária) e seu grau de escolaridade é Ensino Médio Completo (9 a 12 anos de escolarização).
M2	Moradora do bairro Cidade de Deus, tem 40 anos (2ª faixa etária) e seu grau de escolaridade é Ensino Médio Completo (9 a 12 anos de escolarização).
M3	Moradora do bairro Cidade de Deus, 73 anos (3ª faixa etária) e seu grau de escolaridade é Ensino Médio Completo (9 a 12 anos de escolarização).
H1	Morador do bairro Cidade de Deus, tem 18 anos (1ª faixa etária) e está cursando o 3º ano do Ensino Médio (9 a 12 anos de escolarização).
H2	Morador do bairro Novo Aleixo, tem 55 anos (2ª faixa etária) e seu grau de escolarização é Ensino Médio (9 a 12 anos de escolarização).
H3	Morador do bairro Cidade de Deus, tem 62 anos (3ª faixa etária) e seu grau de escolaridade é Ensino Médio Completo (9 a 12 anos de escolarização).
M4	Moradora do bairro Cachoeirinha, tem 14 anos (1ª faixa etária), está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental II (até 8 de escolarização).
M5	Moradora do bairro Cachoeirinha, tem 41 anos (2ª faixa etária) e seu grau de escolaridade é Ensino Fundamental I Incompleto, cursou até à 4ª série, chamada, hoje, de 4º ano (até 8 anos de escolarização).
M6	Moradora do bairro Centro, tem 82 anos e seu grau de escolaridade é Ensino Fundamental I Incompleto, cursou até à metade da 5ª série,

	chamada, hoje, de 5º ano (até 8 anos escolarização).
H4	Morador do bairro Centro, tem 11 anos (1ª faixa etária), está cursando o 6º ano do Ensino Fundamental II.
H5	Morador do bairro Centro, tem 54 anos (2ª faixa etária) e seu grau de escolaridade é Ensino Fundamental Incompleto (até 8 anos de escolarização), parou na 5ª série, hoje, chamada de 6º ano.
H6	Morador do bairro Centro, tem 82 anos e seu grau de escolaridade é Ensino Fundamental I Incompleto.

Fonte: Própria autora

2.2.1 Dificuldade na busca dos informantes

A busca para encontrar informantes que estavam dispostos a participar da entrevista foi uma tarefa árdua, pois, para eles, somos uma pessoa desconhecida. Mesmo dizendo o objetivo da pesquisa, os informantes se recusavam, principalmente por causa do medo de violência. Em meio ao desespero de não concluirmos o trabalho, ela recorreu a redes sociais; por meio de enquete nos grupos de *Whatsapp* e no *Instagram*, perguntou às pessoas que interagem com ela nessas redes sociais se conheciam indivíduos com tais características, as quais foram expostas no item anterior. Assim sendo, foi possível encontrar os informantes.

Pensamos que as entrevistas findariam em uma semana, entretanto a pesquisa a campo durou cerca de 1 (um) mês, justamente porque os informantes apresentavam receio e medo em relação ao motivo exposto. Quando conseguíamos achar um informante com as características presentes na pesquisa, acontecia algum empecilho e a entrevista era adiada.

Ademais, uma das vertentes da pesquisa era fazer uma comparação entre o vernáculo do falante com até 8 anos de escolarização e o vernáculo do falante com 9 a 12 de anos de escolarização. No momento da busca, foi mais fácil encontrar informantes com a segunda característica do que com a primeira. Nos bairros mais antigos, por exemplo, demoraram-se quase 3 (três) semanas para encontrar pessoas apenas com escolaridade até 8 (oito) anos.

Portanto, só pudemos começar a pesquisa a campo no início de 2023, mas a ida foi interrompida por causa de algumas células sociais que precisavam ser reorganizadas a fim de não dar conflitos no momento de tabular e quantificar os dados, e tal situação só foi resolvida na qualificação, a qual aconteceu no mês de abril de 2023; somente depois dessa realização, a pesquisa a campo ocorreu.

2.3 As entrevistas orais

A coleta de amostras de fala foi realizada por intermédio das entrevistas conduzidas pela pesquisadora à frente deste estudo. Elas foram realizadas na casa dos informantes ou na escola, já que se levou em conta a disponibilidade deles.

Estabelecemos, de início, que as entrevistas deveriam ter, no mínimo, 30 (trinta) minutos, no máximo, 60 (sessenta minutos). Contudo, isso não foi possível com algumas entrevistas, já que 4 (quatro) delas apresentaram, respectivamente, 16 (dezesesseis) minutos (dois casos), 20 (vinte) minutos, 25 (vinte e cinco minutos) e 1h21min (uma hora e vinte e um minutos).

Percebemos que não ter uma familiaridade com o informante tornou-se um fator para que o diálogo fosse mais curto. Além disso, pessoas mais jovens tendem a ter vergonha em momentos de entrevistas, especificamente os meninos, diferentemente das pessoas mais velhas. Ao fazermos comparação entre as entrevistas, notamos que estas dialogam muito mais (sem respostas curtas) do que aquelas.

Inclusive, a fim de obter uma conversa com maior duração, precisamos elaborar outras perguntas fora do roteiro ou, até mesmo, mesclar perguntas para adultos e para crianças. Quanto a essa última situação, por viverem realidades distintas, os questionamentos necessitavam ser distintos.

Devido ao gravador inibir os falantes, perguntamos sobre temas que os deixassem mais à vontade com o intuito de que eles produzissem o vernáculo. Para isso, produzimos um roteiro prévio (anexo A) sobre experiência de vida, gostos, brincadeiras antigas, opinião a respeito de Manaus e da influência das redes na vida dos indivíduos.

É importante dizer que nem todos informantes seguiram o roteiro preparado para a entrevista, porque um tema era mais produtivo para determinado informante do que para outro.

2.3.1 A tentativa de entrevistas orais com crianças

Decidimos entrevistar crianças para saber como fazem o uso das orações relativas, justamente porque esses informantes, ainda, nessa fase da vida, não tiveram contato com construções mais complexas, ou melhor, construções de orações subordinadas. Imaginávamos que entrevistá-las seria mais fácil do que entrevistar adultos, porém esse processo nos surpreendeu, já que ela tentou fazer

isso com duas crianças e os diálogos não passaram de 10 minutos, mesmo tratando de assuntos pertencentes a essa faixa etária – filmes, jogos, rotina escolar. Notamos que as crianças, quando não têm intimidade com determinado adulto, ficam desconfiadas e não conseguem desenvolver uma conversa fluida.

A primeira criança entrevistada foi uma menina, de 11 anos, cursante do 6º ano do Ensino Fundamental II, moradora do bairro Cidade de Deus; a entrevista durou 07min53seg, porém não foi possível obter dados de orações relativas, pois as respostas eram pontuais, como *sim*, *não*, *gosto*, *não gosto*. Logo, isso fez com que a entrevista não fosse considerada ideal para a pesquisa.

A segunda criança entrevistada foi um menino, de 8 anos, cursante do 3º ano do Ensino Fundamental I, morador do bairro Cachoeirinha; a entrevista durou 09min51seg. Apesar de haver um tempo maior em relação à primeira, quase não tivemos respostas; uma hora ou outra, o informante disse *sim* ou *não*. Na maioria das respostas, a criança ficava calada ou só respondia fazendo gestos corporais: balançar cabeça e sinalizar com as mãos. O diálogo se prolongou um pouco por causa da nossa insistência (pesquisadora e irmã dele) para que existisse algum retorno quanto às perguntas. Ademais, segundo a mãe, ele apresenta o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) – o que fortaleceu a desconfiança por parte dele em relação à pesquisadora à frente deste estudo.

2.4 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo

Para uma observação sistemática dos dados de fala, numa pesquisa sociolinguística, utilizamos o gravador de voz do celular *Iphone*. Depois disso, ela armazenou as entrevistas numa pasta no *Google Drive*, as quais poderão ser colocadas em um banco de dados e, posteriormente, disponibilizadas, se possível, para futuras pesquisas.

Por causa do curto tempo para a finalização da pesquisa de mestrado, decidimos submeter as entrevistas ao programa *Reshape*, um programa digital que faz transcrição de áudios em poucos minutos, disponível em <https://www.reshape.com.br/transcricao-de-audio/>. Em seguida, ouvimos entrevista por entrevista, comparamos com a transcrição feita pelo programa e, se houvesse falha ortográfica, nós as ajustávamos, por exemplo, a falta de uma palavra ou frase – um meio de revisão. Depois, ela ouviu novamente com o propósito de recolher os dados que apresentaram orações relativas. Quando a pesquisadora encontrava,

parava a gravação, voltava a tal parte do áudio, ouvia mais uma vez a fim de anotar em que minuto a construção relativa estava, bem como saber qual relativa era falada, o pronome empregado e o contexto em que ele estava inserido – conforme se pode ver abaixo:

Imagem 1- Tabulação dos dados

The image shows a handwritten table with the following entries:

01:32	Relativo "que" padrão
02:09	Contadora
02:49	lugar - preposição Não veio onde
03:19	Preposição Contadora
03:22	Contadora
03:29	que padrão
03:29	→ onde → há → ③ Contadora
04:54	padrão que
05:30	Contadora
09:40	há → onde → Indefinido
10:30	aquela que padrão
11:09	rela
11:36	padrão que
12:11	padrão que
12:56	padrão que

14 relativas

Fonte: Própria autora

A princípio, para a contagem dos dados, havíamos pensado no *GoldVarb*, no entanto não o usou pois ele exige um número muito alto de dados com a finalidade de fazer a rodagem; nossa quantidade é pequena se comparada a outros trabalhos, os quais apresentam 1.000 (mil) dados ou mais.

Por fim, codificamos e analisamos os dados.

É importante mencionar que, apesar de os diálogos se realizarem em casa ou na escola, houve interferência de ruídos indesejados, porque o filho chamava a mãe, o sinal da escola tocava etc.

2.5 Os formulários escritos

Visando à constituição do *corpus*, pensamos também na aplicação de formulário de junção de frases (anexo B) por intermédio da escrita. Conquanto as entrevistas tenham sido planejadas para trazer o fenômeno desejado, tivemos receio de os informantes ficarem inibidos e produzirem respostas muito curtas, não permitindo a realização das relativas. Sendo assim, o formulário serviu como estratégia de apoio caso, para as entrevistas, não aparecessem as estratégias de relativização.

Antes de avançarmos, vale ressaltar que, embora o foco do trabalho não seja a variação diamésica, devemos considerar que, ao passar da modalidade oral para modalidade escrita, existem uma mudança brusca e exigências de esforços cognitivos diferentes. Conforme Bagno (2007), as situações comunicativas podem ser de maior ou menor formalidade e tensão psicológica. Dependendo do ambiente comunicacional, o falante faz um controle e planejamento maior ou menor da sua fala ou escrita, bem como busca ou não uma atenção maior naquilo que foi proposto a ele. Esse processo é chamado, pelo autor, de monitoramento estilístico. De outro lado, Coelho *et al.* (2015) ratificam que o falante tem uma atitude subjetiva e uma consciência no que concerne às formas linguísticas, ou seja, ele faz uma avaliação daquilo que ele produz. Isso se manifesta, sobretudo, na escrita. Afinal, o falante pensa detalhadamente o que fará.

A princípio, construímos um questionário de preenchimento, no qual os informantes deveriam preencher as lacunas, com o que era mais natural a eles:

Quadro 3 - Questionário de Preenchimento

A menina _____ gosto
O jovem _____ apaixonei
Estou passando por uma situação _____ me deixa triste
O livro _____ capa rasgou

Fonte: Própria autora

Entretanto, durante a qualificação, os professores que fizeram parte da banca sugeriram mudá-lo, pois, assim, não seriam possíveis os exemplos de relativa copiadora, e o questionário de preenchimento poderia induzir as respostas dos informantes. A partir disso, decidimos aceitar a recomendação e substituir por um

formulário de junção de frases, por exemplo: a cidade de Manaus é muito agradável. A menina mora nessa cidade (anexo B). Dessa maneira, o falante fica livre para formular como desejar e, conseqüentemente, trazer o fenômeno linguístico que esperávamos.

2.6A aplicação dos formulários escritos

Em concomitância com entrevista, ocorreu a aplicação do formulário escrito com a junção das frases; ele propunha 2 (duas) frases, as quais precisavam ser unidas, tornando-se 1 (uma) só. Pelo fato de, na oração relativa, o termo da oração principal ser retomado, inserimos, na segunda frase, o termo que deveria ser retomado no processo de união. Afinal, o objetivo era saber como ocorreria o processo de anáfora.

No primeiro momento, o formulário foi pensado para ser respondido de maneira falada após o término da entrevista. Todavia, percebemos que, ao solicitar a construção das frases após a entrevista, causava um constrangimento aos informantes, porque ela ficávamos aguardando-os responder e eles não conseguiam de forma imediata. Então, recorremos à escrita na segunda entrevista. Entretanto, 4 (quatro) informantes não conseguiram construí-las por completo mesmo 2 (dois) deles levando para casa a fim de tentar fazê-las. Os informantes disseram *que não sabiam como juntar, não compreenderam direito, estava difícil* apesar de termos explicado, 4 (quatro) vezes, a eles, *o como fazer*. Posteriormente, analisando da melhor maneira, decidimos não considerar as que foram realizadas, porque não sabíamos, de fato, se foram eles que construíram ou alguém fez por eles. Se considerássemos, poderíamos comprometer o resultado da pesquisa.

Levando em conta essa situação, fizemos uma relação com a estratificação social de 3 (três) deles - 1 (um) deles era da 2ª faixa etária, 2 (dois) eram da 3ª (terceira) faixa etária e todos tinham até 8 anos de escolarização. Ela acreditou que este último fator tenha influenciado no processo.

O 4º (quarto) informante declarou *que não tinha tanta força na mão para escrever*, começou a ter dor de cabeça e desistiu de escrever. Tentamos, outra vez, por meio da fala, mas foi sem sucesso. Assim sendo, não forçamos o término da atividade. Posteriormente, descobrimos, por uma conversa com a família, que o informante estava muito doente, uma fratura na coluna. Logo, pensamos que esse fator biológico tenha influenciado, dado que a tarefa exige uma disposição corporal

e, sobretudo, mental. Também sabemos que o Ensino Médio dele ocorreu de modo *intensivo*, no qual o aluno estuda por si só e, por fim, faz a prova com a finalidade de obter o certificado. Isso nos levou a crer que compreender estruturas complexas, como orações relativas, a partir desse método, seja difícil e, conseqüentemente, não haja efetivação da aprendizagem.

2.7 O perfil sócio-histórico da cidade de Manaus e dos bairros mais antigos e mais novos

Nesta dissertação, torna-se imprescindível descrever Manaus, a qual é a capital do estado do Amazonas, o qual faz parte da Região Norte. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a história da cidade inicia no século XVII, em 1669, dado que os portugueses desejavam marcar presença na região Amazônica a fim de evitar invasão de espanhóis ou holandeses, ou, até mesmo, franceses e britânicos, os quais estavam fazendo o mesmo nas demais terras latinas, então os portugueses criaram a Fortaleza de São José da Barra do Rio Negro (Manaus), por consequência, isso permitiu a formação de um núcleo urbano. Vale lembrar que o Amazonas fazia parte do chamado Estado Grão-Pará e Maranhão e, por causa desse fato, o estado amazonense, à época, era considerado apenas mais um posto de marcação contra a entrada de invasores. Outrossim, ele não se uniu ao Estado Brasileiro, já que este não reconhecia a soberania daquele.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) assevera que a formação desse núcleo urbano fez com que o lugar passasse a ser designado de Lugar da Barra, cuja capital funcionava na vila de Barcelos. No entanto, em 1832, transformou-se em Vila da Barra, dado que passou a ser a sede da Capitania, recebendo a categoria de Comarca. Em 1848, a Vila da Barra herdou o nome de Cidade da Barra do Rio Negro. Somente em 1856, a cidade aderiu o nome Manaus, tornando-se uma homenagem à nação indígena dos Manáós, inclusive o IPHAN afirma: “o mais importante grupo étnico habitante da região, reconhecido historicamente pela sua coragem e valentia”.

Por muito tempo, tal localidade era referenciada como Manáós. Não sabemos ao certo duas situações: por qual motivo os manauaras pronunciam Manaós embora o grupo étnico seja chamado de Manáós, bem como a mudança do *o* para *u* – Manaus. Ademais, como se viu no título da pesquisa, adotamos o gentílico *manauara* em vez de *manauense*, porque o dicionário Houaiss traz uma explicação

a respeito disso: “Manaus + sufix. –ara, prov. Tupi ou nheengatu, com a noção ‘ser de, oriundo de’”, enquanto o sufixo –ense, concordante com o dicionário Priberam, vem de origem portuguesa, indicando origem ou naturalidade. Em resumo, a escolha se deu por uma identificação nossa em relação às origens de Manaus, ou seja, origens indígenas.

A história de Manaus também está marcada por dois ciclos econômicos: Ciclo da Borracha em 1870 e Industrialização (com a Zona Franca de Manaus) em 1970, ambos atrativos aos estrangeiros a terra, seja de outros estados brasileiros, seja de outros países. Isso permite pensar, por exemplo, as interferências linguísticas, as quais já haviam, de igual modo, sido atravessadas por catequese católica e reforma pombalina.

Levando em consideração tais informações, o Jornal do Commercio (jornal local e um dos mais antigos da cidade) diz que Manaus nasceu na Zona Sul. Nela, localizam-se os bairros mais antigos, os quais surgiram em torno de 1850 e 1970, e são eles: Centro, Educandos e Cachoeirinha, Praça 14 de Janeiro, Aparecida, São Francisco, Colônia Oliveira Machado, Petrópolis, Presidente Vargas, Japiim, Crespo, Betânia, São Lázaro, Morro da Liberdade, Santa Luzia, Raiz, Distrito Industrial, Vila Buriti. Dentre eles, Centro, Educandos e Cachoeirinha são os bairros mais antigos, porque encontram-se na gênese da cidade.

Por outro lado, existem os bairros mais novos e são eles: Nova Cidade, Cidade de Deus, Novo Aleixo, Gilberto Mestrinho, Lago Azul – localizados na zona norte; Tarumã-Açu – na zona oeste e Distrito Industrial II – na zona sul.

Os bairros novos foram criados a partir da Lei 1.401/10, a qual estabelece novos limites e, em seguimento, novos bairros. A motivação da criação, consoante ao site Carnaval Manaus, dá-se com a permanência e o fortalecimento da Zona Franca de Manaus, já que a cidade passou a receber mais investimentos e imigrantes de várias regiões do país. Com base nesse cenário, alguns bairros passaram a ficar mais populosos e extensos de forma territorial, por exemplo, Cidade Nova e Tarumã – o que impulsionou a divisão desses bairros e tais a originarem outros.

Diante disso, decidimos adicionar, como um elemento extra, à pesquisa a comparação entre bairros antigos e bairros mais novos com a finalidade de averiguar se tal ideia influencia na construção das relativas. No que concerne a esse aspecto, decidimos escolher 3 (três) bairros de cada lado, constituindo dois grupos:

os mais antigos e os mais novos. Quanto aos mais antigos, escolhemos Educandos, Cachoeirinha e Centro; no que tange aos mais novos, optamos por Nova Cidade, Cidade de Deus e Novo Aleixo. Concordante com o site Cenarium, estes são os bairros mais populosos, apresentam muitos problemas de saneamento básico e infraestrutura (talvez, até educação básica) e surgem como frutos de invasões e ocupações de terra. Em contrapartida, Falcão e Bertho (sem data de publicação, p.12), ao fazer uma pesquisa sobre escolaridade na cidade de Manaus, incluindo imigrantes, afirmam que os bairros mais antigos apresentam um índice maior quanto aos moradores terem mais etapas finalizadas de escolarização; nos bairros mais novos, a taxa tende a ser menor.

2.8A concentração em determinados bairros durante a pesquisa

Quanto aos novos bairros, houve maior concentração no bairro Cidade de Deus pelo fato de a pesquisadora à frente deste estudo morar nele, logo, embora ela não tenha uma afinidade profunda com os vizinhos, eles a conhecem. Assim sendo, foi mais fácil que a pesquisa a campo se concentrasse no bairro. Quanto ao informante do Novo Aleixo, a entrevista foi possível lá, porque a pesquisadora à frente deste estudo foi colega de trabalho dele em 2020, portanto eles se conheciam.

A respeito dos bairros mais antigos, a mescla foi possível, porque colegas do atual local de trabalho da pesquisadora à frente deste estudo, assim como os alunos dela são moradores desses bairros, logo eles indicaram as pessoas. Não foi possível apenas com o bairro Educandos.

2.9 Fatores intralinguísticos e extralinguísticos

De acordo com que foi abordado no capítulo de fundamentação teórica, as orações relativas podem ser realizadas da seguinte maneira:

- (3) Joyce é a moça de que falei:
- (4) Joyce é a moça que falei.
- (5) Joyce é a moça que falei dela.

Parece-nos que as orações adjetivas não padrão estão ora competindo com as relativas padrão, ora substituindo o lugar da adjetiva padrão – é o caso da cortadora frente à relativa preposicionada.

Tarallo (1985, p.48) assegura que a relativa copiadora sofre mais estigmas sociais do que a relativa cortadora. Com base nisso, subentendemos, então, que a relativa copiadora seria menos frequente do que a cortadora. Ele também afirma que “os estudos sobre relativas no português falado demonstraram que o grupo social menos privilegiado favorece o uso da forma pronominal não padrão, enquanto os grupos sociais mais privilegiados optam pela forma zero”.

Os trabalhos de Melo (2016), de Kersch (2008), já citados na fundamentação teórica, e o de Santos (2014) – o qual nos direcionou a estudar as relativas no português manauara–, confirmam tal assertiva. Por esse motivo, levamos em consideração o controle da célula social escolaridade para atestar ou não essa hipótese nesta dissertação.

Além disso, trouxemos a célula social idade com intuito de averiguar se influencia no uso das relativas, porque, em diversos trabalhos que tratam de outros fenômenos linguísticos, a exemplo de Coelho *et al.* (2015) e Melo (2016), os mais velhos tendem a ser mais conversadores, enquanto os mais novos, não. Portanto, aqueles optariam pela relativa cortadora, enquanto estes, não, embora Melo (2016) mostre que os informantes, independentemente da idade, escolaridade e do sexo, apresentam uma preferência pela cortadora em detrimento da copiadora.

Ainda no estudo de Melo (2016), os informantes do sexo masculino apresentaram, de forma preponderante, a relativa copiadora – o que nos permitiu fazer uma relação com Coelho (2015) e Labov (2008) pois eles declaram que mulheres tendem a preservar mais o padrão do que os homens. Dessa forma, escolhemos a célula social sexo, no sentido biológico da palavra, com o propósito de confirmar ou descartar essa alegação.

Ademais, Kenedy (2007, p.181-182), nas considerações iniciais da sua tese, defende que “relativas pied-piping (relativas preposicionadas) são inexistentes na fala natural de crianças, de analfabetos e de indivíduos pertencentes a comunidades ágrafas, ou mesmo entre pessoas altamente letradas, desde que inseridas em contexto de uso espontâneo da linguagem”. Isso nos motiva, mais uma vez, a controlar as células sociais idade e escolaridade para ratificar ou não tal ideia.

Durante o processo de formação do perfil dos informantes, incluímos a ideia de bairros mais antigos e bairros mais novos, porque a divisão, historicamente, de Manaus é feita dessa maneira. Por essa razão, escolhemos 6 (seis) falantes de bairros mais novos e 6 (seis) de bairros mais antigos.

Por fim, no que se refere aos condicionadores internos, analisamos a regência dos verbos, o uso da forma pronominal, a função sintática do pronome relativo, bem como seu antecedente, as interrupções na fala e os elementos intercalados a fim de saber se esses fatores colaboram para o comportamento sintático das orações relativas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentaremos, primeiramente, de forma descritiva e exemplificativa, os resultados obtidos tanto nas entrevistas orais quanto nos formulários escritos. Posteriormente, eles serão discutidos com base nos fatores intralinguísticos e extralinguísticos.

3.1 Realização das relativas nas entrevistas orais

Quando consideramos as 12 entrevistas orais, constatamos 403 relativas. Deste total, 299 são padrão e 104 não padrão. Tais dados estão expostos na tabela abaixo, demonstrando quem falou e quantas cada falante preferiu.

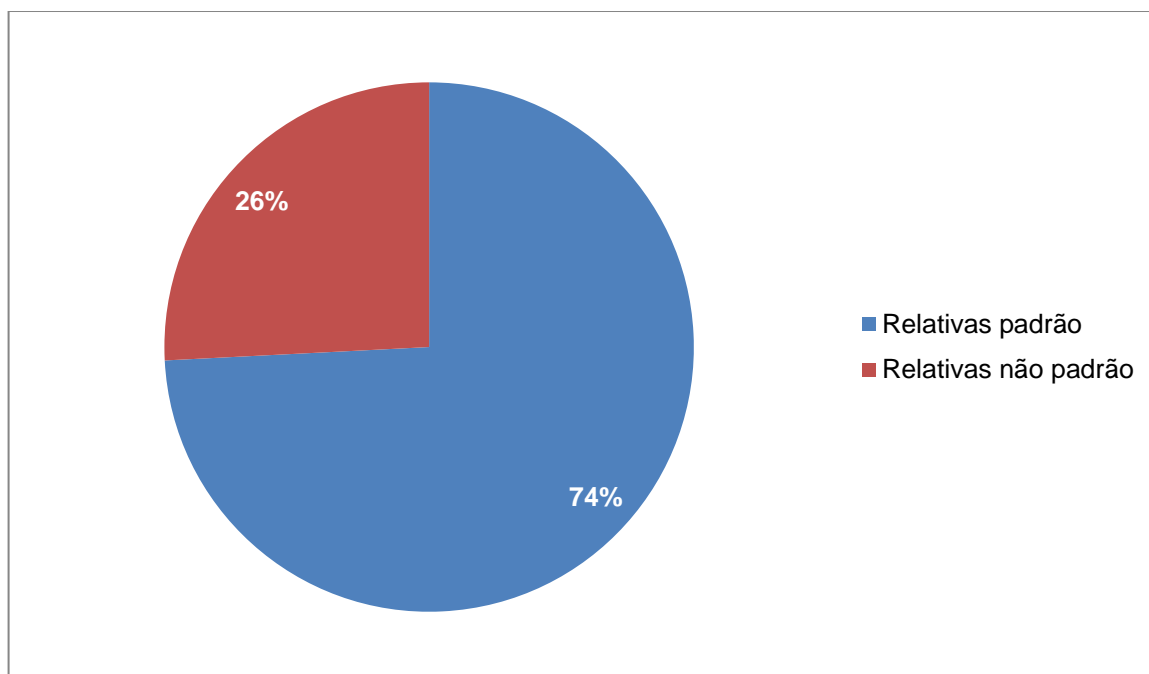
Tabela 2 – Realização das relativas nas entrevistas orais

Informante	Tempo de entrevista oral	Total de relativas	Relativas padrão	Relativas não padrão
M1	42min16s.	34	27	7
M2	16min58s.	10	7	3
M3	45min07s.	27	23	4
H1	16min41s.	13	9	4
H2	44min06s.	62	50	12
H3	40min56s.	23	20	3
M4	41min05s.	41	27	14
M5	23min59s.	16	10	6
M6	47min47s.	58	43	15
H4	20min32s.	23	16	7
H5	1h21min55s.	71	50	21
H6	30min10s.	25	17	8
Total		403	299	104

Fonte: Própria autora

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 1- Realização das relativas nas entrevistas orais



A partir dessa amostra, dividimos as realizações das relativas padrão e não padrão nas células sociais.

3.1.1 Relativas padrão nas entrevistas orais

A tabela 3 mostra a realização da relativa padrão a partir da célula social faixa etária.

Tabela 3 – Realização de todas as relativas padrão por faixa etária

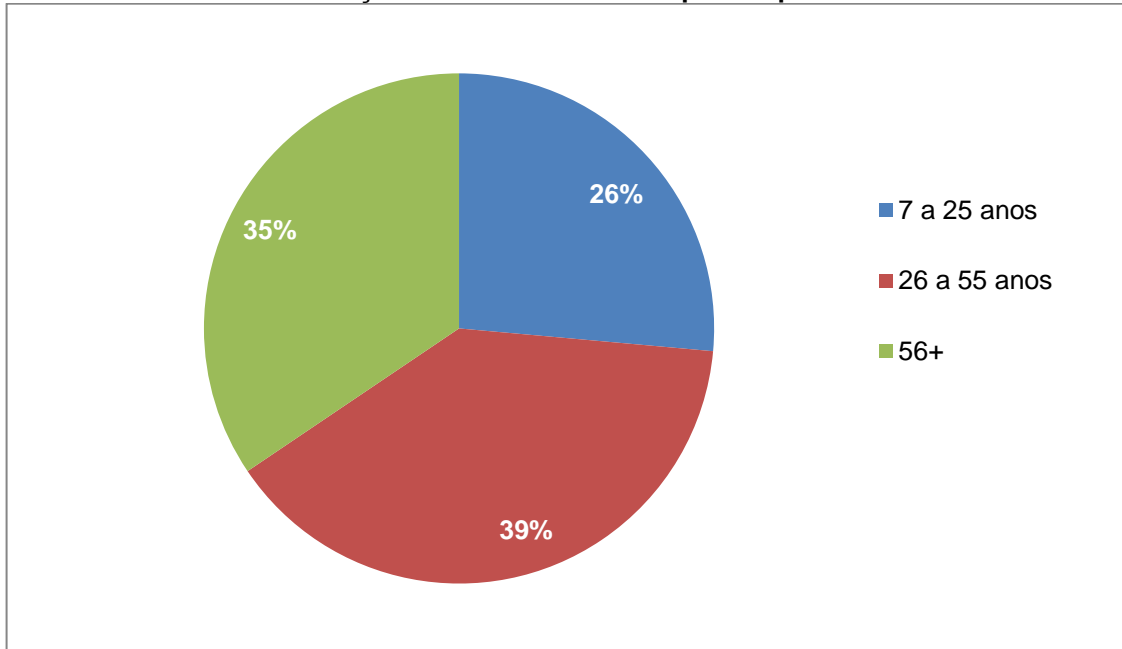
De 7 a 25 anos		De 26 a 55 anos		De 56 anos em diante	
M1	27	M2	7	M3	23
H1	9	H2	50	H3	20
M4	27	M5	10	M6	43
H4	16	H5	50	H6	17
Total	79		117		103

Fonte: Própria autora

Notamos que falantes de faixa etária entre 26 e 55 anos tendem a usar mais relativas padrão embora os de faixa etária 56+ apresentem uma quantidade que também demonstra a preferência deles por tais construções.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 2- Realização de todas as relativas padrão por faixa etária



A tabela 4 mostra a realização das relativas padrão a partir da célula social sexo.

Tabela 4 – Realização de todas as relativas padrão por sexo

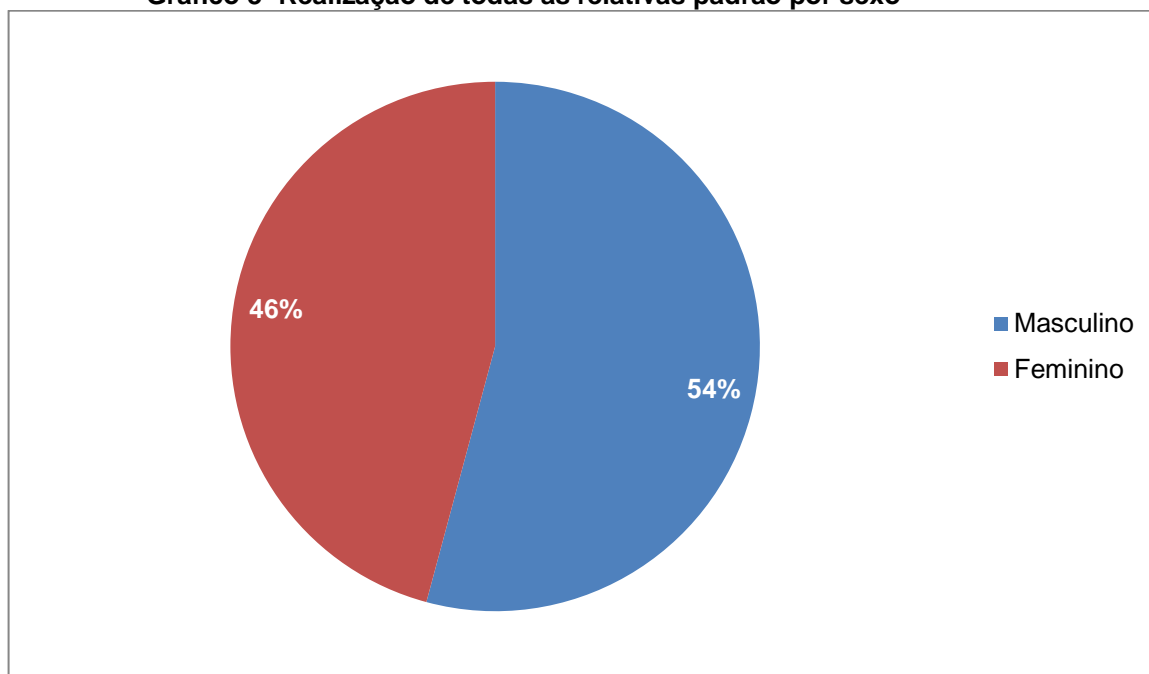
Masculino		Feminino	
H1	9	M1	27
H2	50	M2	7
H3	20	M3	23
H4	16	M4	27
H5	50	M5	10
H6	17	M6	43
Total	162		137

Fonte: Própria autora

Notamos que falantes do sexo masculino tendem a usar mais relativas padrão do que mulheres.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 3- Realização de todas as relativas padrão por sexo



A tabela 5 mostra a realização das relativas padrão a partir das células sociais escolaridade e bairros antigos e novos.

Tabela 5 – Realização de todas as relativas padrão por nível de escolaridade na relação com os bairros

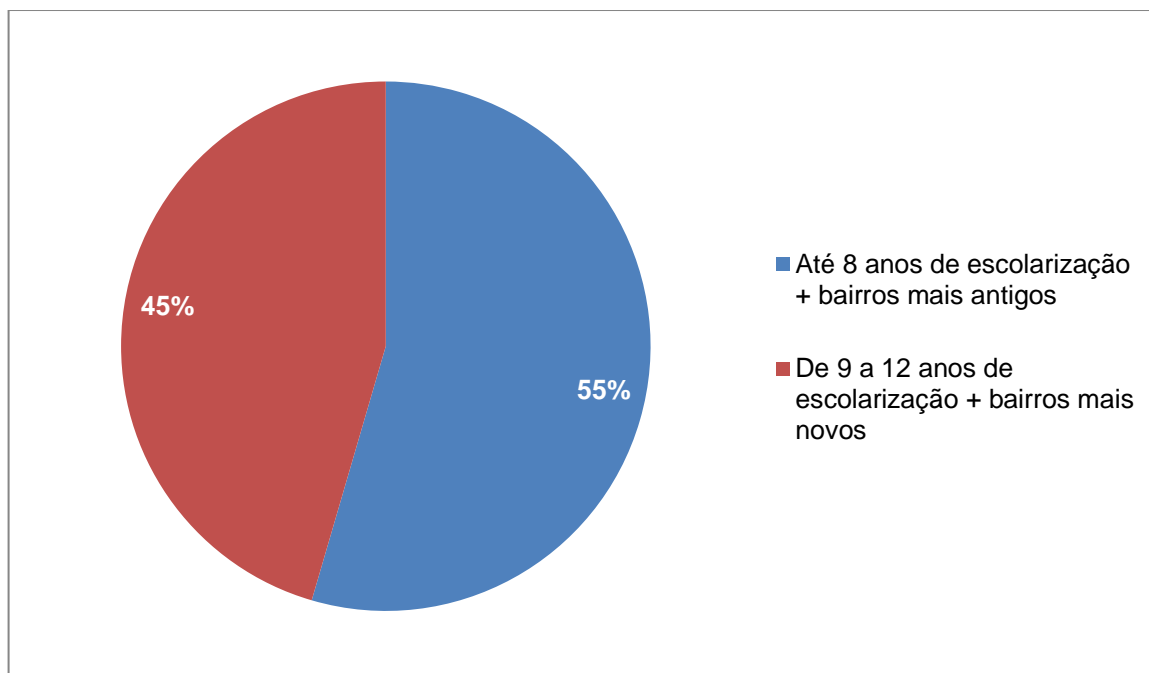
Até 8 anos de escolarização + bairros mais antigos		De 9 a 12 anos de escolarização + bairros mais novos	
M4	27	M1	27
M5	10	M2	7
M6	43	M3	23
H4	16	H1	9
H5	50	H2	50
H6	17	H3	20
Total	163		136

Fonte: Própria autora

Notamos que falantes com até 8 de escolarização e dos bairros mais antigos tendem a usar mais relativas padrão do que os falantes de 9 a 12 anos de escolarização e dos bairros mais novos.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 4- Realização de todas as relativas padrão por nível de escolaridade na relação com os bairros



Diante desse panorama, notamos um número (299) exarcebado de relativas padrão, de acordo com o que foi visto na tabela 5, quase todas são introduzidas pelo *que* e com verbos que não exigem preposição. Encontramos, ainda, 1 (uma) introduzida pelo *como*, 11 (onze) pelo *onde*, destas, 2 (duas) são relativas livres. Também ocorreram 3 (três) relativas livres com o *quem*. Quanto ao antecedente dos pronomes relativos, percebemos que eles retomam *coisas* ou *pessoas* apesar de haver o pronome relativo *que* no lugar de *quando* e de *onde*, os quais apresentam, respectivamente, *ideia* de *tempo* e de *lugar*.

A título de ilustração, a seguir, estão alguns exemplos.

A fim de que haja compreensão do contexto das assertivas, traremos juntamente as perguntas feitas aos informantes.

“Quais mudanças, na sua opinião, aconteceram entre o passado e o hoje?”

(28) *Muitas coisas... geral... a criação, o jeito como as pessoas se comportam.*

“Você me disse que gosta de ler. Por que você gosta de ler?”

(29) *Consigo imaginar um mundo na minha cabeça, eu consigo me perder naquela história. Tem um livro que eu tava lendo... que é *Meus Sérios Poemas**

Mentais, que fala sobre a vida, fala sobre como o autor vê o mundo... pelos sentimentos dele. Aí ele já começa o livro me tocando. Eu fui até o final, porque ele me intrigou, ele me fez imaginar aquele mundo.

“Você frequenta algum grupo de futebol, igreja ou outro?”

(30) *De igreja... Aquela que fica ali ao lado do posto, perto do Salmo.*

“Você já viveu alguma situação na qual você teve vergonha ou medo?”

(31) *Antes, eu tinha muito vergonha, era como aqueles que não conseguem falar, ficam gaguejando. Hoje, eu tô melhor.*

“Você acha que Manaus mudou ou que precisa de mudanças? Qual é sua opinião sobre isso?”

(32) *Mudou bastante, mas precisa de melhora, muita melhora. O financeiro... Tem um ditado que diz que o rico continua rico e o pobre tá ficando mais pobre. Quer dizer que a gente só tá regredindo em relação ao financeiro.*

“Qual conselho você daria para uma pessoa que está passando por uma situação difícil? Como lidar com situações difíceis?”

(33) *Primeiramente, conversaria com ela, saberia dessa situação e veria como que ele está. Se fosse um problema muito sério, assim... eu tentaria ajudar no máximo possível, sendo eu mesmo. Chamaria ele pra coisas que não são... fazem parte daqueles pensamentos negativos.*

“Qual sua comida preferida?”

(34) *Peixe. Eu me criei com peixe. Hoje almocei foi carne que ela fez pra mim comer.*

“Você acha que Manaus teve mudanças ou continua como antigamente?”

(35) (...) *Eu morava nos confins de mundo, essa daqui ainda viu onde eu morava.*

“Você já visitou outros locais ou nunca visitou?”

(36) *Quero conhecer ainda... que ainda não conheci é Novo Airão, onde tá aqueles botos comendo.*

“Quais mudanças você acha que aconteceram entre os tempos passados e os tempos presentes?”

(37) *Ah, primeiramente, obviamente, a evolução. Quem tinha o telefone em casa era rei.*

Fizemos a mesma pergunta a outro informante e tivemos como resposta:

(38) *Acho que a modernidade. Eu vejo que as coisas é mais fácil. (...) Quem tinha uma televisão, naquele tempo, colorida era considerado como uma classe melhor, tá entendendo?*

3.1.2 Relativas não padrão nas entrevistas orais

As próximas tabelas mostrarão a realização das relativas não padrão, as quais são o foco de estudo desta dissertação.

A tabela 6 mostra a realização das relativas não padrão a partir da célula social faixa etária.

Tabela 6 – Realização de todas as relativas não padrão por faixa etária

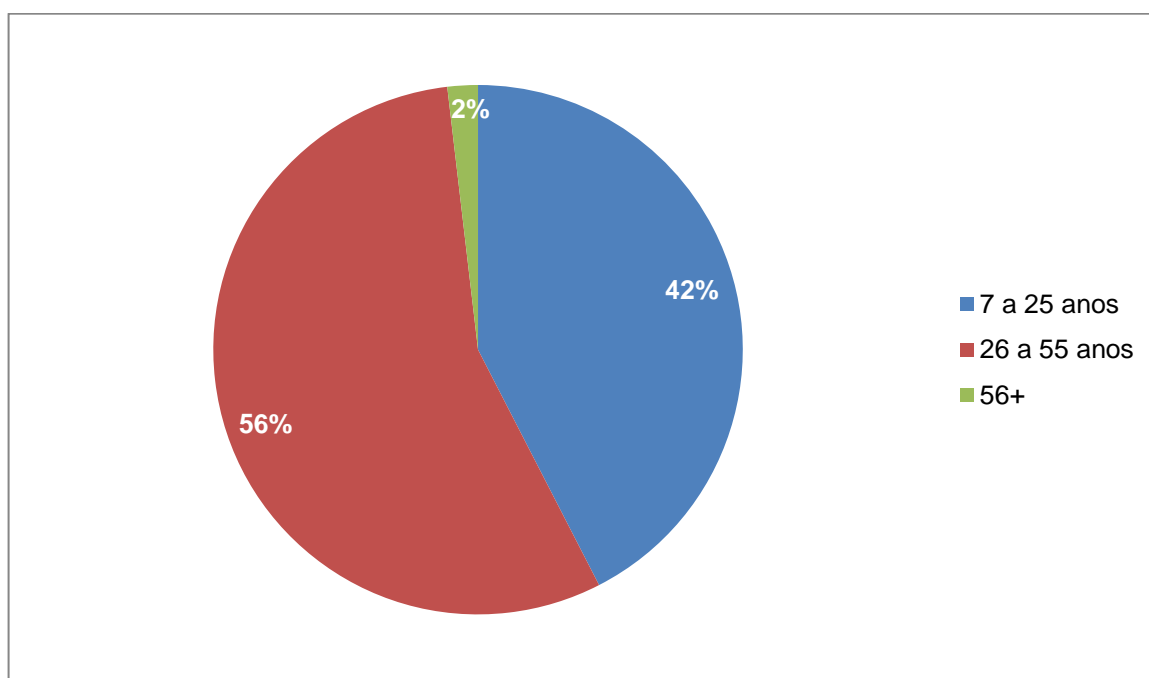
De 7 a 25 anos		De 26 a 55 anos		De 56 anos em diante	
M1	7	M2	3	M3	4
H1	4	H2	12	H3	3
M4	14	M5	6	M6	15
H4	7	H5	21	H6	8
Total	32		42		30

Fonte: Própria autora

Notamos que falantes entre 26 e 55 anos tendem a usar mais relativas não padrão do que as outras duas faixas etárias. Importante esclarecer que, para não haver contradição, se esses números forem comparados aos da relativa padrão, esta sobressai em relação àquela.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 5- Realização de todas as relativas não padrão por faixa etária



A tabela 7 mostra a realização das relativas não padrão a partir da célula social sexo.

Tabela 7 – Realização de todas as relativas não padrão por sexo

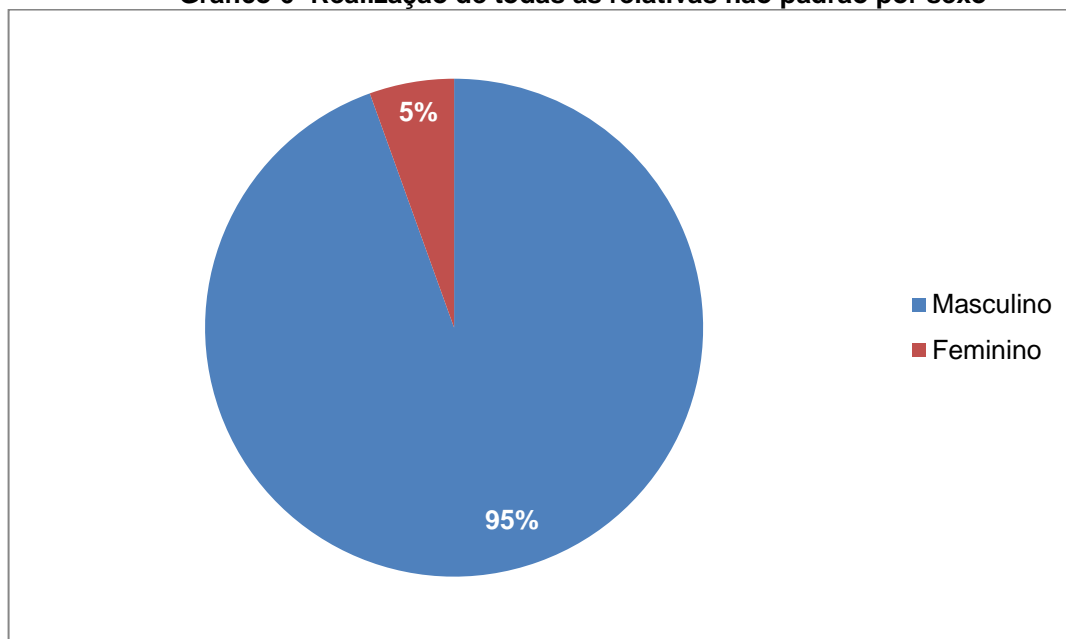
Masculino		Feminino	
H1	4	M1	7
H2	12	M2	3
H3	3	M3	4
H4	7	M4	14
H5	21	M5	6
H6	8	M6	15
Total	55		49

Fonte: Própria autora

Notamos que o sexo masculino tende a usar um pouco mais as relativas não padrão do que as mulheres.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 6- Realização de todas as relativas não padrão por sexo



A tabela 8 mostra a realização das relativas não padrão a partir da célula social escolaridade e bairros antigos e novos.

Tabela 8 – Realização de todas as relativas não padrão por nível de escolaridade na relação com os bairros

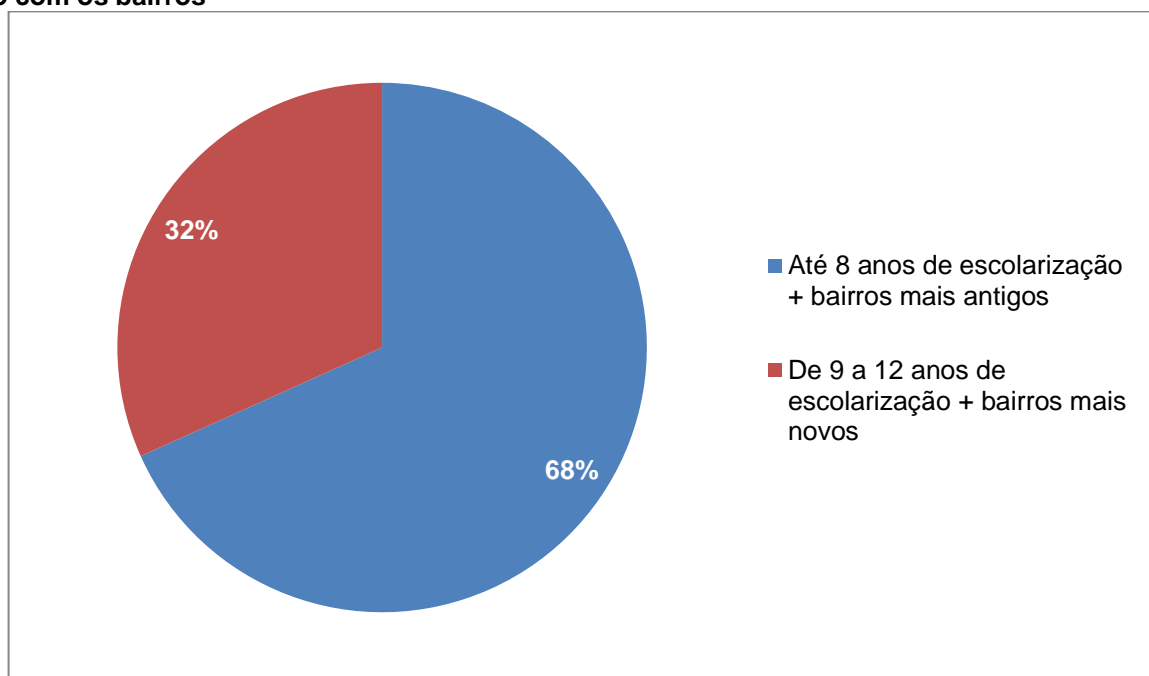
Até 8 anos de escolarização + bairros mais antigos		De 9 a 12 anos de escolarização + bairros mais novos	
M4	14	M1	7
M5	6	M2	3
M6	15	M3	4
H4	7	H1	4
H5	21	H2	12
H6	8	H3	3
Total	71		33

Fonte: Própria autora

Notamos que falantes com até 8 de escolarização e dos bairros mais antigos tendem a usar mais relativas não padrão do que os falantes de 9 a 12 anos de escolarização e dos bairros mais novos. Importante esclarecer que, para não haver contradição, se esses números forem comparados aos da relativa padrão, esta sobressai em relação àquela.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 7- Realização de todas as relativas não padrão por nível de escolaridade na relação com os bairros



3.1.2.1 Relativa cortadora

De um total de 104 (cento e quatro) dados (relativas não padrão), 83 (oitenta e três) são relativas cortadoras. Abaixo, está a demonstração.

Tabela 9 – Realização das relativas cortadoras por informante

Informante	Relativas cortadoras
M1	5
M2	3
M3	3
H1	4
H2	10
H3	3
M4	13
M5	6
M6	9
H4	6

H5	15
H6	6
Total	83

Fonte: Própria autora

A partir dessa amostra, dividimos as realizações da relativa cortadora nas células sociais.

A tabela 10 mostra a realização da relativa cortadora a partir da célula social faixa etária.

Tabela 10 – Realização das relativas cortadoras por faixa etária

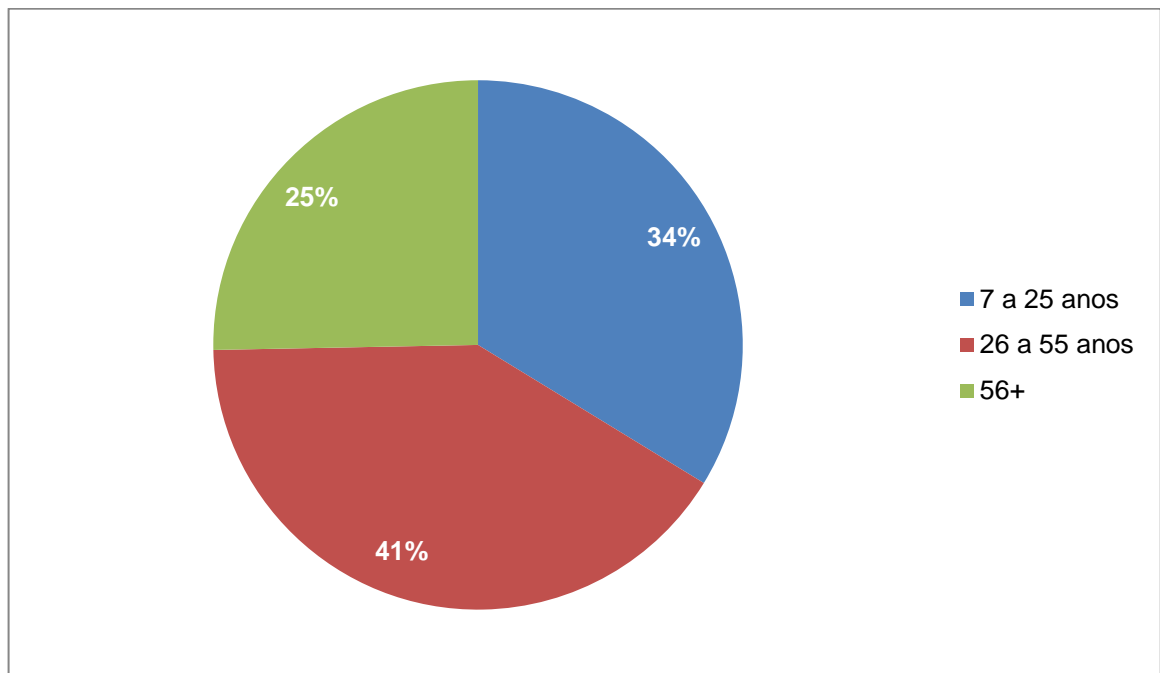
De 7 a 25 anos		De 26 a 55 anos		De 56 anos em diante	
M1	5	M2	3	M3	3
H1	4	H2	10	H3	3
M4	13	M5	6	M6	9
H4	6	H5	15	H6	6
Total	28		34		21

Fonte: Própria autora

Embora a faixa etária de 26 a 55 anos apresente um número um pouco maior quanto à produção da relativa cortadora, o que mostra uma tendência de tal faixa etária produzi-la mais, a diferença entre as 3 (três) faixas etárias não é grande.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 8- Realização das relativas cortadoras por faixa etária



A tabela 11 mostra a realização da relativa cortadora a partir da célula social sexo.

Tabela 11 – Realização das relativas cortadoras por sexo

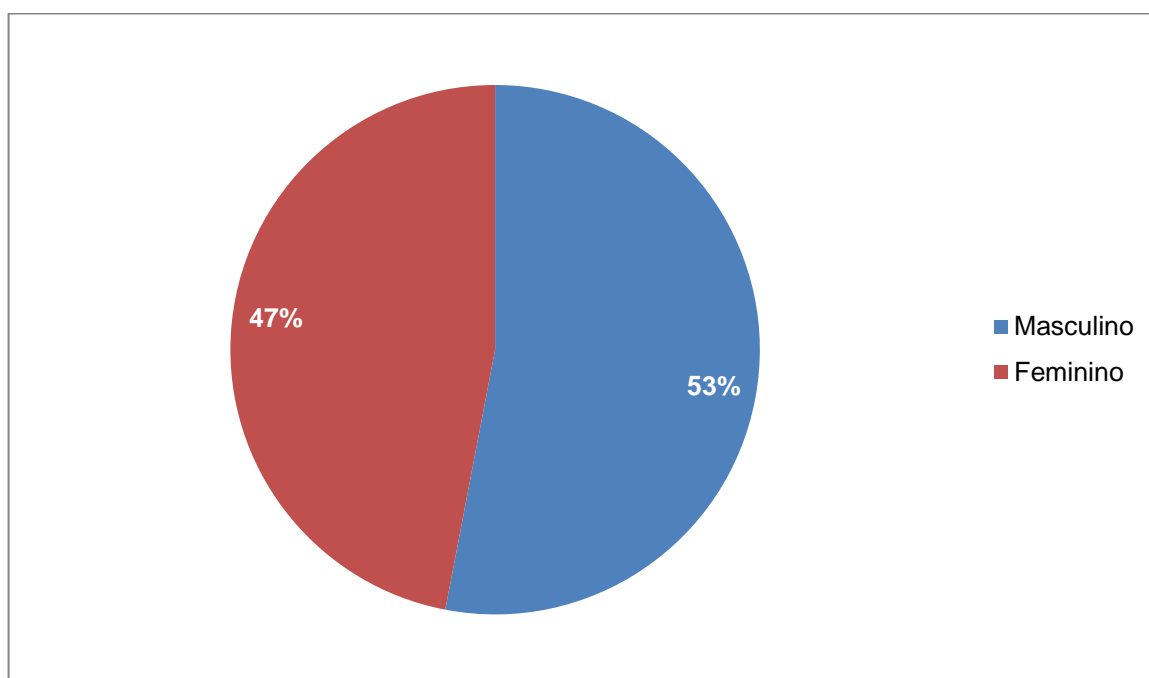
Masculino		Feminino	
H1	4	M1	5
H2	10	M2	3
H3	3	M3	3
H4	6	M4	13
H5	15	M5	6
H6	6	M6	9
Total	44		39

Fonte: Própria autora

Falantes do sexo masculino tendem a produzir mais relativas cortadoras do que falantes do sexo feminino.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 9- Realização das relativas cortadoras por sexo



A tabela 12 mostra as realizações da relativa cortadora a partir da célula social escolaridade e bairro.

Tabela 12 – Realização das relativas cortadoras por nível de escolaridade na relação com os bairros

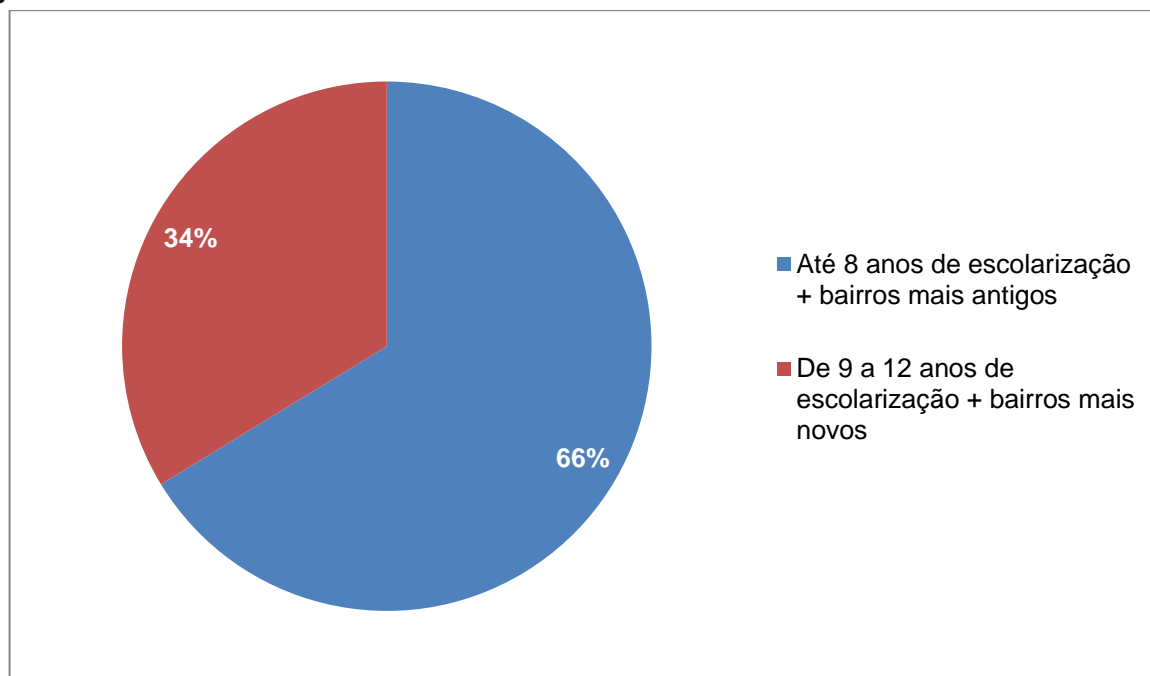
Até 8 anos de escolarização + bairros mais antigos		De 9 a 12 anos de escolarização + bairros mais novos	
M4	13	M1	5
M5	6	M2	3
M6	9	M3	3
H4	6	H1	4
H5	15	H2	10
H6	6	H3	3
Total	55		28

Fonte: Própria autora

Falantes com até 8 anos de escolarização e dos bairros mais antigos tendem a usar mais a relativas cortadora do que os falantes entre 9 e 12 anos de escolarização e do bairros mais novos.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 10- Realização das relativas cortadoras por nível de escolaridade na relação com os bairros



A título de ilustração das realizações da relativa cortadora, desejamos registrar um conjunto de fala como as que estão abaixo:

“Você assiste séries? De qual você mais gosta?”

(39) A que eu mais gostei até agora foi a *Stranger Things*.

“Quais mudanças existem entre os tempos passados e os de hoje?”

(40) *Os jovens de hoje não têm mais medo. Eu me lembro de uma situação falando aqui pra vocês... a minha mãe tinha uma vizinha que confiava. A minha mãe dizia: vizinha, vou trabalhar, dá uma olhada nos meus filhos.*

“Você conhece alguma brincadeira antiga? Se sim, quais?”

(41) *Soltar pipa, pata-cega, manja. De primeira, quando era mês de junho, a gente acendia fogueira em frente das casas. A figueira mais bonita é aquela que a gente brincava mais.*

“Conte uma breve história da cidade onde nasceu.”

(42) *Manaus é uma cidade que você mora bem.*

“Os jovens de hoje estão muito violentos, cheios de depressão. Antigamente, existia isso?”

(43) *A não ser que a gente tivesse e não sabia também, né? Muitas doenças tinha que a gente não sabia dar o nome, né?*

“Você já passou por situações engraçadas?”

(44) *Muitas. Eu tenho uma história que uma vez passei.*

O falante começou contar uma história sobre sua família e como faz a seleção das pessoas para ter amizade.

(45) *Existe tipo de gente que não gosto na minha vida. Gente que bebe.*

Perguntei ao informante se ele passou por uma situação em que teve medo ou vergonha. Ele disse que sim, quando precisou brigar com o irmão no passeio amazônico, o qual ocorre na aldeia indígena:

(46) *Na hora que falei, todo mundo se calou, todo mundo ouviu, todo mundo ficou olhando, eu fiquei com muita vergonha.*

“Você acha que as redes sociais influenciam as pessoas?”

(47) *Eu só uso o TikTok para algo que preciso... que, tipo, TikTok... é o que tem melhor navegador de pesquisa.*

“Por que você gosta de ler?”

(48) *Eu não gosto de livro de TikTok. Quando eu vejo por aí, fico com vergonha, mas, se você tá lendo uma coisa que não gosto... ok, leia, pelo menos tá incentivando a leitura.*

Todas são introduzidas pelo *que* e com verbos que exigem preposição. Quanto ao antecedente dos pronomes relativos, percebemos que eles retomam *coisas* ou *pessoas*.

3.1.2.2 Relativa copiadora

De um total de 104 (cento e quatro) dados (relativas não padrão), 21 (vinte e um) são relativas copiadoras, conforme podemos ver na tabela 13.

Tabela 13 – Realização das relativas copiadoras por informante

Informantes	Relativas copiadoras
M1	2
M2	0
M3	1
H1	0
H2	2
H3	0
M4	1

M5	0
M6	6
H4	1
H5	6
H6	2
Total	21

Fonte: Própria autora

A princípio, comparando as tabelas 9 e 13, percebemos a presença predominante da relativa cortadora em detrimento da relativa copiadora, mesmo sendo vernáculo - o que já era esperado, conforme pensamos no capítulo de metodologia da pesquisa.

A partir dessa amostra, dividimos as realizações das relativas copiadoras nas células sociais.

A tabela 14 mostra as realizações da relativa copiadora a partir da célula social faixa etária.

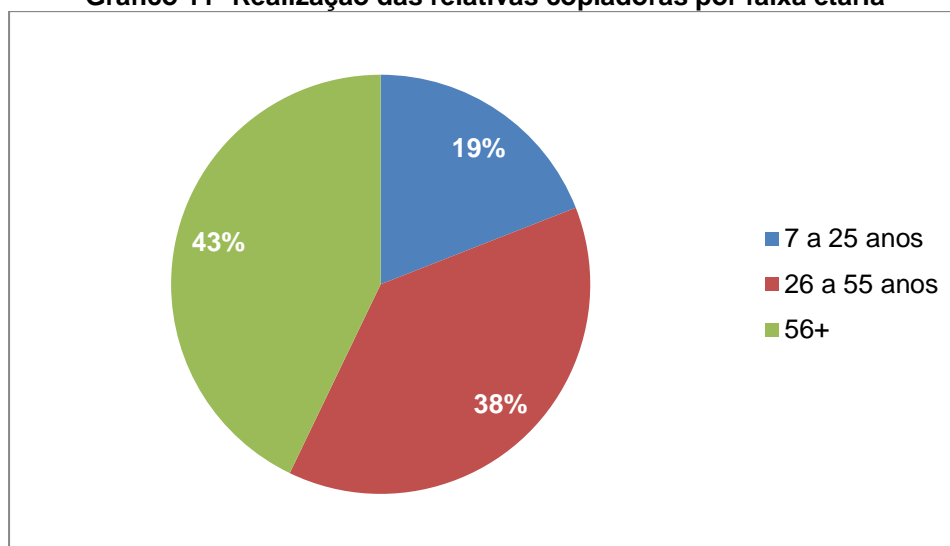
Tabela 14 – Realização das relativas copiadoras por faixa etária					
7 a 25 anos		De 26 a 55 anos		De 56 anos em diante	
M1	2	M2	0	M3	1
H1	0	H2	2	H3	0
M4	1	M5	0	M6	6
H4	1	H5	6	H6	2
Total	4		8		9

Fonte: Própria autora

Malgrado a diferença seja mínima entre as 3 (três) faixas etárias, falantes com faixa etária de 26 a 55 anos e 56+ tendem a usar mais as relativas copiadoras, enquanto os falantes entre 7 e 25 anos não.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 11- Realização das relativas copiadoras por faixa etária



A tabela 14 mostra as realizações da relativa copiadora a partir da célula social sexo.

Tabela 15 – Realização das relativas copiadoras por sexo

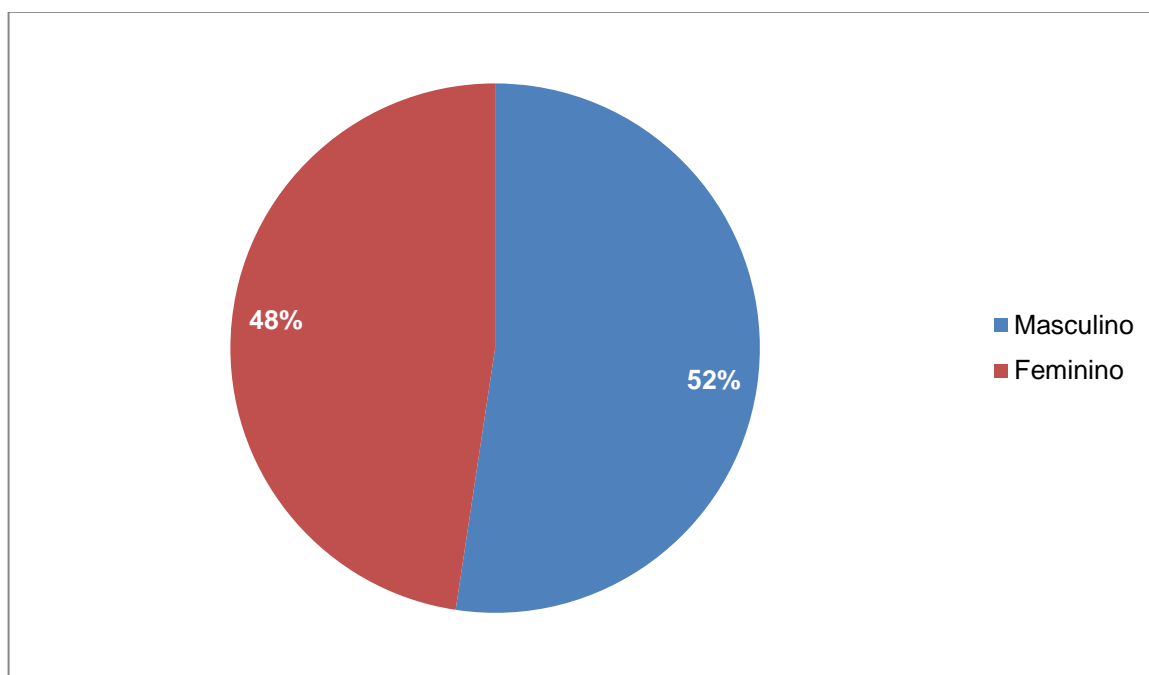
Masculino		Feminino	
H1	0	M1	2
H2	2	M2	0
H3	0	M3	1
H4	1	M4	1
H5	6	M5	0
H6	2	M6	6
Total	11		10

Fonte: Própria autora

Parece-nos, pela diferença mínima, que os dois sexos tendem a usar as relativas copiadoras.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 12- Realização das relativas copiadoras por sexo



A tabela 16 mostra as realizações da relativa copiadora a partir da célula social escolaridade e bairro.

Tabela 16 – Realização das relativas copiadoras por nível de escolaridade na relação com os bairros

Até 8 anos de escolarização + bairros mais antigos		De 9 a 12 anos de escolarização + bairros mais novos	
M4	1	M1	2
M5	0	M2	0
M6	6	M3	1
H4	1	H1	0
H5	6	H2	2

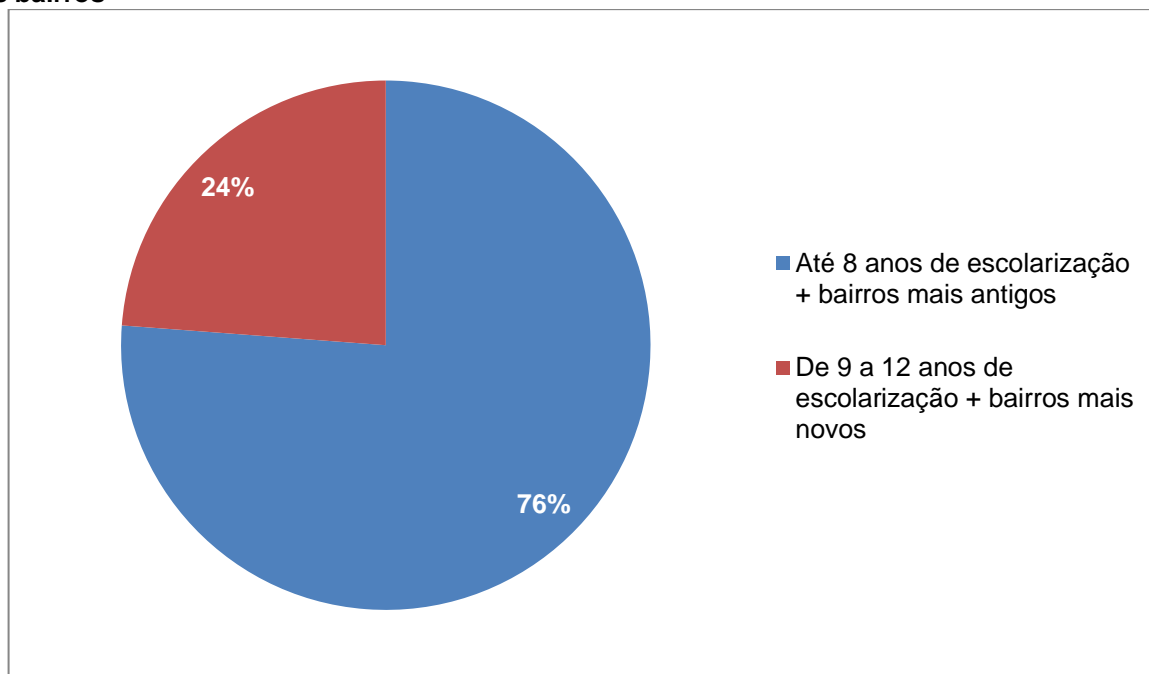
H6	2	H3	0
Total	16		5

Fonte: Própria autora

Falantes com até 8 anos de escolarização tendem a usar mais as relativas copiadoras do que os falantes de 9 a 12 anos de escolarização.

Essas realizações em forma de porcentagem separam-se assim:

Gráfico 13- Realização das relativas copiadoras por nível de escolaridade na relação com os bairros



Para ilustrar as realizações da relativa copiadora, há alguns exemplos a seguir.

O informante começou a descrever sobre os vizinhos e em uma das falas:

(49) *Tem um senhor aqui que ele é comerciante, vende banana no coisa, ele tá aqui desde 40 anos, 42 anos.*

O informante começou a descrever sobre o livro de que gosta, em uma das falas:

(50) *É de três crianças que ficam em quiosques que eles brincam nos riachos.*

Um dos moradores da casa do informante começou a empurrar a porta até fechar, pois tal indivíduo tem medo de que a gata fuja da casa. Diante desse acontecimento, o informante fala:

(51) *É porque tem uma gata que ela sai, sabe?*

“À noite, não é perigoso nesse bairro?”

(52) *Dizem que é perigoso. Tem uma moça que ela vem fazer massagem na fulana.*

O informante começou a descrever como conseguiu a sua residência fixa no bairro e falou:

(53) *Eu consegui essa casa através duma minha cumadre que hoje em dia ela mora em Curitiba.*

O informante perguntou como conseguimos encontrá-lo para fazer a entrevista. Explicamos a ele e tivemos como uma das respostas:

(54) *Falar em Seduc, o fulano tem um colega aqui que ele adoeceu. Nunca casou. Olha, como ele é bonito.*

Perguntamos o que informante gosta de fazer, ele respondeu à pergunta, lembrou-se dos tempos antigos e falou:

(55) *Eu fazia cursinho com o professor Pedro que hoje ele é médico.*

Perguntamos a respeito do modo como as redes sociais influenciam as pessoas. O informante começou a dizer as maneiras e lembrou-se de um amigo; por fim, falou:

(56) *Eu vezes eu me assusto. Eu tenho um amigo que... ele é, aí, ele sempre foi muito lindo. Ele entrou pra academia pra aquele negócio que compete e tal. Aí, eles têm que comer muito. Aí, eles postava a quantidade de comida assustadora. É um foco muito grande que eu acho, assim, não faz sentido.*

Indagamos como era a rotina do informante na escola, conseqüentemente, ele começou a falar sobre a matéria preferida dele na escola:

(57) *Eu sempre gostei muito até porque a língua portuguesa que ela é muito vasta assim, muito apaixonante. Eu amo português.*

O informante se lembrou de alguns fatos passados de sua vida, especificamente de um colega de trabalho responsável pelo setor em que trabalhou:

(58) *Então, tinha o fulano que... ele que cuidava disso aí, entendeu?*

(59) *É perto do Parque Samambaia, ali onde a fulana mora.*

Quanto ao antecedente dos pronomes relativos, percebemos que eles retomam coisas ou pessoas.

3.2 Contextos propícios às relativas nas entrevistas orais

Ademais, houve contextos propícios a uma construção relativa, no entanto outras elementos apareceram na posição dos pronomes relativos. Segue, abaixo, a demonstração:

Tabela 17 – Realização de outros elementos linguísticos por informante

Informante	Dele no lugar de cujo	Aposto	Adjunto Adnominal	Advérbio de lugar (Lá, ali)
M1	0	0	0	4
M2	1	0	1	0
M3	2	2	0	4
H1	0	0	0	2
H2	0	0	0	2
H3	0	0	0	4
M4	0	1	1	6
M5	0	0	0	1
M6	4	4	0	5
H4	0	0	0	2
H5	2	3	4	9
H6	2	4	0	3
Total	11	14	6	42

Fonte: Própria autora

Os advérbios de lugar apareceram nos contextos em que havia ideia de lugar: *aqui* para um lugar perto do informante, *ali* e *lá* para um lugar distante do falante.

O adjunto adnominal, aposto e o anafórico dele/dela apareceram nos contextos em que se indica ideia de posse.

A título de ilustração, abaixo, estão alguns exemplos do conjunto de fala que demonstra o uso de tais elementos linguísticos:

O informante começou a se lembrar de alguns lugares de que ele gosta e falou:

(60) *Quando chego ao interior... lá é uma paz assim, eu me sinto assim... aquele silêncio.*

O informante disse com o que trabalhou em um das empresas onde foi empregado:

(61) *Eu pegava o jetiski e montava todinho. Eu montava a parte elétrica na empresa. Eu já tinha um ano e pouco lá.*

“Você já passou por situações engraçadas?”

(62) *Nós vinha com uma fome, uma. Aí, paramos no terreno de um vizinho, tava cheio de cacau.*

O informante relatou uma briga entre dois chefes em um dia de trabalho:

(63) *Aí, eu peguei... ele disse: ainda tá segurando a lancha do cara, eu não sabia que o fulano era rival dele, porque o seu sicrano, ele tinha concorrência de vender lancha da marca tal.*

O informante comentou sobre um dos parentes e como ele gostava de ser conhecido pelos colegas:

(64) *O Fulano, primo da fulana, era encarregado lá.*

(65) *O fulano vai saber disso, o nosso chefe geral.*

O informante disse como perdeu emprego ao tomar uma atitude indevida no trabalho:

(66) *Falei pra minha mulher: Eu não tinha escolha, o homem queria, porque queria sair na lancha dele.*

(67) *O seu fulano mandou eu ir lá no escritório dele na segunda-feira.*

“Você gosta do bairro onde mora?”

(68) *Eu gosto do meu bairro, por isso não quero sair de lá. Ela (casa) é a raiz da minha família, não é do meu pai, da minha mãe, é minha, o meu princípio foi ali.*

O informante começou a dizer o quanto preferia o interior à cidade:

(69) *Amo o interior, ali é uma paz.*

3.3 Realização das relativas nos formulários escritos

Quando consideramos os 12 (doze) formulários escritos, constatamos 29 (vinte e nove) relativas. Deste total, são 25 (vinte e cinco) padrão e 4 (quatro) não padrão - todas introduzidas pelo *que* conquanto tenha ocorrido a realização de *onde*, porém este se referiu a uma ideia de tempo e não de lugar:

(70) *Encontro minha irmã, nas tardes de sábado, onde sempre conversamos.*

No que se refere à não padrão, há apenas a cortadora.

Os informantes M3, M6, H5 e H6, conforme já foi descrito e explicado na seção 2, não conseguiram realizar, por completo, a atividade do formulário. Por tal motivo, existe um X (xis) nas lacunas pertencentes a eles, de acordo com o que podemos visualizar na tabela 18.

Tabela 18 – Realização de todas as relativas por informante

Informante	Total de relativas	Relativas padrão	Relativas não padrão
M1	7	6	1
M2	0	0	0
M3	X	X	X
H1	4	4	0
H2	3	3	0

H3	1	1	0
M4	6	4	2
M5	1	0	1
M6	X	X	X
H4	7	7	0
H5	X	X	X
H6	X	X	X
Total	29	25	4

Fonte: Própria autora

3.3.1 Relativas padrão nos formulários escritos

Nos formulários, de um total de 29 (vinte e nove) relativas, 25 (vinte e cinco) relativas padrão foram realizadas, consoante ao que foi visto no tópico anterior, e elas ocorreram junto aos verbos *ser* e *nascer*.

Seguem alguns exemplos das realizações:

(71) *Larissa é mãe de Júlia, que nasceu ontem.*

(72) *A cidade de Manaus, em que a menina mora, é muito agradável.*

(73) *Eu me apaixonei por Joana que é linda.*

(74) *O encontro das águas fica no Amazonas, que é o maior estado do Brasil.*

(75) *Nas aulas de história, que são importantes, eu aprendo muito sobre a história do Brasil.*

(76) *A menina mora na cidade de Manaus, que é muito agradável.*

(77) *Emanuel, que é um bom rapaz, se casará em Júlia em junho.*

(78) *Eu simpatizei com João que é professor de Matemática.*

(79) *No Amazonas, que é o maior estado do Brasil, existe o maravilhoso encontro das águas.*

(80) *Eu aprendo muito sobre a história do Brasil com as aula de história, que são muito importantes.*

Interessante é que o falante A7 produziu a relativa com o verbo *morar* (63), utilizando a preposição *em*, a qual é exigida por tal verbo, malgrado tenha produzido relativa cortadora com os demais verbos.

3.3.2 Relativas não padrão nos formulários escritos

As próximas tabelas mostrarão as realizações das relativas não padrão nos formulários escritos.

3.3.2.1 Relativa cortadora nos formulários escritos

De um total de 4 (quatro) relativas não padrão, as 4 (quatro) são relativas cortadoras, consoante ao que podemos averiguar na tabela 19.

Tabela 19 – Realização das relativas cortadoras por informante

Informante	Relativas cortadoras
M1	1
M2	0
M3	0
H1	0
H2	0
H3	0
M4	2
M5	1
M6	0
H4	0
H5	0
H6	0
Total	4

Fonte: Própria autora

As cortadoras foram realizadas com os verbos *simpatizar*, *falar* e *morar*.

(81) João, quem eu simpatizei, é professor de matemática.

(82) A situação que minha mãe falou é complicada.

(83) Manaus a cidade que a menina mora é muito agradável.

(84) Converso com minha irmã toda vez que a encontro nas tardes de sábado.

3.3.2.2 Relativa copiadora nos formulários escritos

A tabela 20 mostra que não houve realização de relativa copiadora nos formulários.

Tabela 20 – Realização das relativas copiadoras por informante

Informante	Relativas copiadoras
M1	0
M2	0
M3	0
H1	0
H2	0
H3	0
M4	0
M5	0
M6	0
H4	0
H5	0
H6	0
Total	0

Fonte: Própria autora

3.4 Processo de anáfora por meio do pronome pessoal de caso reto (ele/ela)

A tabela 21 mostra as realizações do pronome de caso reto no contexto sintático propício a um pronome relativo.

Tabela 21 – Realização de anáfora por meio de pronome de caso reto por informante

Informante	Anáfora por meio do pronome de caso reto (ele/ela)
M1	2
M2	4
M3	X
H1	0
H2	2
H3	7
M4	2
M5	8
M6	X
H4	3
H5	X
H6	X
Total	28

Fonte: Própria autora

Abaixo, seguem, a título de ilustração, alguns exemplos das realizações desse elemento linguístico:

(85) *Joana é linda, eu me apaixonei por ela.*

(86) *Júlia é uma grande amiga, converso com ela sobre tudo.*

(87) *Existe um laboratório de informática muito bem equipado na escola Giberto Mestrinho, pois ela é uma das maiores escolas de Manaus.*

(88) *João é professor de Matemática simpatizo com ele.*

(89) *A Escola Estadual Gilberto Mestrinho é uma das maiores escolas de Manaus, nela existe um laboratório de informática bem equipado.*

(90) *O Amazonas é o maior estado do Brasil; nele existe o maravilhoso encontro das águas.*

(91) *Júlia e Emanuel se casarão em junho, ele é um bom rapaz.*

(92) *A mãe da Júlia é a Larissa, ela nasceu ontem.*

(93) *Eu converso sobre tudo com Júlia pois ela é uma grande amiga.*

(94) *A mamãe falou da situação, ela é complicada.*

3.5 Outros elementos linguísticos nos formulários escritos

Percebemos que algumas construções vieram com características diferentes do que esperávamos. Elas vieram em forma de período simples e o elemento anafórico é um hiperônimo ou, para trazer a informação extra, construíram um

aposto explicativo, ou um pronome demonstrativo junto a um sinônimo, ou a repetição do termo.

Seguem alguns exemplos:

(95) *O Amazonas é o maravilhoso maior estado do Brasil, nesse estado existe o encontro das águas.*

(96) *As aulas de histórias são importantes, eu aprendo muito sobre a história do Brasil nessas aulas.*

(97) *A menina que mora em Manaus acha a cidade muito agradável.*

(98) *A menina mora na cidade de Manaus é muito agradável essa cidade.*

(99) *Eu simpatizei com João o professor de Matemática.*

(100) *Júlia se casará em junho com Emanuel. Emanuel é um bom rapaz.*

(101) *Nas tardes de sábado eu encontro minha irmã, nas mesmas tardes também conversamos.*

(102) *Na Escola Gilberto Mestrinho existe um laboratório de informática bem equipado, essa escola é uma das maiores escolas de Manaus.*

(103) *O assunto foi tranquilo. Eu resolvi mesmo assunto.*

3.6 Discussão sobre os resultados

Ao tabular os dados das entrevistas, bem como ao analisá-las, observamos que as relativas padrão ocorrem em contextos sintáticos nos quais os verbos apresentam transitividade direta, ou seja, não exigem preposição, por exemplo, é o caso do verbo *ler* (29), *ficar* (30), *conseguir* (31), *dizer* (32) e *fazer* (34) embora o verbo *ser* (29 e 33) seja o mais frequente e predominante na fala dos informantes.

Além disso, as relativas encabeçadas pelo *onde* (36) foram realizadas malgrado tenham ocorrido apenas 11 (onze). Todas elas retomam a ideia de lugar, o que é inerente a esse pronome. Todavia, constatamos uma preferência dos informantes, independentemente dos fatores extralinguísticos, pelos advérbios *lá* (60, 61) e *ali* (68 e 69), sobretudo o *ali*, assumindo o lugar do pronome relativo *onde* em contextos propícios para este elemento.

Acreditamos que tal escolha decorre da *dêixis* de lugar, a qual “está ligada às localizações espaciais relativas aos participantes do discurso. Provavelmente “a maioria das línguas naturais gramaticaliza pelo menos uma distinção entre proximal (perto do falante) e distal (perto do destinatário), essas distinções são codificadas nos advérbios de lugar, como **aqui** e **lá**” (SANTOS, 2014, p.42), em outras palavras,

dependendo de estar perto ou distante, o informante prefere indicar, com os advérbios *aqui* ou *lá*, a localização de que fala.

Também, as relativas livres (35, 37 e 38), respectivamente, *onde*, *quem*, *quem*, apareceram na fala dos informantes conquanto sejam poucas. Concordante a Amorim (2006) elas não apresentam um antecedente explícito. Ao analisarmos essas construções, é possível inferir as noções *aquele que* e *no lugar em que*.

No que tange às cortadoras, averiguamos que elas ocorrem em contextos sintáticos nos quais os verbos apresentam transitividade indireta, ou seja, exigem preposição, por exemplo, *gostar* (39, 45 e 48), *confiar* (40), *morar* (42), *passar* (44), *precisar* (47). A Norma Gramatical Brasileira assevera que, quando o verbo apresenta essa transitividade na oração relativa, a preposição acompanha o pronome relativo, estando antes dele. Porém, isso não ocorre na fala manauara.

Segundo Kenedy (2007, p. 181-182), “elas (cortadoras) são naturais à língua portuguesa”, o que nos permite entender que o apagamento do sintagma preposicional é automático. Além disso, esse fato transcorre porque “a relativa padrão preposicionada exige maior custo cognitivo devido à presença de um pronome relativo precedido de preposição” (DAMASCENO, 2017, p.259) e, “sendo uma língua que faz uso amplo e constante das categorias vazias e da elipse, o português do Brasil favorece a recorrência da sintaxe da relativa cortadora” (AVELHEDA, 2014, p.103). Ao verificarmos as tabelas, conferimos a presença predominante da relativa cortadora em detrimento da relativa copiadora, mesmo sendo vernáculo, conforme pensamos no capítulo de metodologia da pesquisa.

Diante desse cenário, ao analisarmos a função sintática dos pronomes relativos na oração relativa, atinamos que, quando o pronome relativo apresenta função sintática de sujeito ou de objeto direto, a construção se torna uma relativa padrão, porque sujeito ou objeto direto não devem vir acompanhados de preposição, diferentemente do acontece com os pronomes relativos que funcionam como objeto indireto, pois a construção se torna relativa cortadora pelo fato de o sintagma preposicional ser apagado:

(29) [...] *Meus Sérios Poemas Mentais*, que fala sobre a vida, fala sobre como o autor vê o mundo...

Para sabermos a função sintática, colocamos o termo antecedente no lugar do pronome relativo:

Meus Sérios Poemas Mentais fala sobre a vida, fala sobre como o autor vê o mundo.

De fato, o pronome relativo está assumindo o papel de sujeito. Isso se difere deste exemplo:

(41) [...] *A figueira mais bonita é aquela que a gente brincava mais.*

A gente brincava com a figueira mais bonita.

(43) [...] *Muitas doenças tinha que a gente não sabia dar o nome, né?*

A gente não sabia dar o nome às muitas doenças.

No exemplo (41), o pronome relativo assume a função do objetivo indireto, pois o verbo *brincar*, na ideia de *divertir-se com algo*, assume transitividade indireta. No exemplo (43), o verbo *dar* é bitransitivo, dado que está na ideia de *dar algo a alguém*.

Dessa forma, Melo (2016, p.104) reitera que “em virtude da alta frequência das relativas com função de sujeito e objeto direto, o falante interpretaria a construção sem preposição como a regular na língua, passando a produzi-la também em casos em que o verbo ou o nome têm como argumento um complemento preposicionado”.

Ao conferirmos os fatores extralinguísticos, atestamos que idade e sexo¹⁰ parecem não influenciar no uso da relativa cortadora em detrimento de outra. Distintamente, percebemos que a escolaridade pode favorecer a preferência pelo uso dessa relativa. Ao compararmos as realizações entre os dois níveis de escolarização, concluímos que os informantes com escolaridade até 8 anos e dos bairros mais antigos tendem a usar mais a cortadora do que aqueles entre 9 e 12 anos de escolarização, respectivamente, a produção, conforme a tabela 12, foi de 55 e 28.

Se examinarmos as tabelas de relativas padrão e não padrão (de modo geral) entre os dois níveis de escolaridade, também chegamos a ponderar que a segunda é mais produzida pelos informantes com até 8 anos de escolarização do que os que têm entre 9 e 12 anos de escolarização. Essa análise se estende à célula social sexo, dado que os homens proferem mais as relativas não padrão do que as mulheres. Severo (2006), ao explicar alguns conceitos de Labov, assevera que as mulheres utilizam menos variantes estigmatizadas do que os homens do mesmo

¹⁰ A diferença é mínima quanto à produção das relativas cortadoras entre ambos os sexos (consideramos dessa maneira).

grupo social e sob as mesmas circunstâncias – o que coaduna com nossos resultados. Labov (2008, p.281), a respeito dessa situação, informa que “as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio”.

Tratando do formulário escrito, um instrumento de apoio, vemos também, no conjunto de fala, o apagamento do sintagma preposicional diante do pronome relativo *que*; presenciamos, de igual modo, isso em uma estratégia de relativização em que o pronome relativo *quem* foi escrito. Em teoria, ele deveria vir, obrigatoriamente, acompanhado de preposição:

(81) *João, quem eu simpatizei, é professor de matemática.*

No exemplo (81), o *quem* assume função sintática de objeto indireto:

Eu simpatizei com João.

Outros registros:

(82) *A situação que minha mãe falou é complicada.*

No exemplo (82), o *que* assume função sintática de objeto indireto:

Minha mãe falou da situação complicada.

(83) *Manaus a cidade que a menina mora é muito agradável.*

No exemplo (83), o *que* assume função sintática de objeto indireto, pois o verbo *morar*- na ideia de ter residência, *habitar*- requer preposição *em*:

A menina mora na cidade.

Tal processo do verbo *morar* e função sintática do *que* se mostra de igual modo no exemplo (42):

(42) *Manaus é uma cidade que você mora bem.*

Você mora na cidade.

(84) *Converso com minha irmã toda vez que a encontro nas tardes de sábado.*

No exemplo (84), há um caso interessante: não é um termo específico que, de modo obrigatório, exige preposição, entretanto é a semântica expressa pelo adjunto adverbial de tempo, indicando que o encontro ocorre dentro de um tempo: *Eu encontro minha irmã nessas vezes.*

A respeito das relativas copiadoras, apesar de não serem frequentes como as cortadoras, em quase todos os casos, tendem a surgir em contextos de afastamento entre o termo antecedente e o pronome relativo ou em contextos de interrupção na fala:

(49) *Tem um senhor aqui que ele é comerciante, vende banana no coisa, ele tá aqui desde 40 anos, 42 anos.*

O adjunto adverbial *aqui* aparece entre o termo antecedente e o pronome relativo, trazendo um pequeno afastamento.

(50) *É de três crianças que ficam em quiosques que eles brincam nos riachos.*

O adjunto adverbial *em quiosques* aparece entre o termo antecedente e o pronome relativo, trazendo um pequeno afastamento.

(54) *Falar em Seduc, o fulano tem um colega aqui que ele adoeceu. Nunca casou. Olha, como ele é bonito.*

O adjunto adverbial *aqui* aparece entre o termo antecedente e o pronome relativo, trazendo um pequeno afastamento.

(55) *Eu fazia cursinho com o professor Pedro que hoje ele é médico.*

O adjunto adverbial *hoje* aparece entre o termo antecedente e o pronome relativo, trazendo um pequeno afastamento.

(56) *Eu vezes eu me assusto. Eu tenho um amigo que... ele é, ai, ele sempre foi muito lindo.*

Uma interrupção na fala.

(58) *Então, tinha o fulano que... ele que cuidava disso aí, entendeu?*

Uma interrupção na fala.

Tarallo (1983, p.101-102) *apud* Camacho (2017, p.260) assevera que “os pronomes-lembrete tendem a ocorrer quando o falante perde a trilha, cognitiva, diga-se de passagem, do processamento sintático. A retenção pronominal tem a função de restaurar a sintaxe normal da relativa”. A partir disso, acreditamos que os exemplos (56) e (58) estão relacionados com essa ideia, já que a pausa induz o informante a perder trilha, a cognitiva, do raciocínio, fazendo com que ele precise usar um pronome-lembrete para recuperar o antecedente adequadamente.

Outro agente colaborador é a distância, porque “quanto maior a distância, tanto maior será a probabilidade de o falante recorrer ao pronome cópia” (SANTOS e DAMASCENO, 2019, p.87). Nos exemplos (49), (50), (54), e (55), há um pequeno afastamento do pronome relativo devido a adjuntos adverbiais, o que leva o falante a usar um pronome-lembrete para retomar o antecedente, sem perder a trilha mais uma vez, reforçando a assertiva de Tarallo. Sendo assim, parece-nos

que o pronome relativo não está tornando-se conjunção integrante; ele continua a exercer a função que é inerente a ele.

Ao conferirmos os fatores extralinguísticos, apercebemo-nos de que idade e sexo não causam influência acerca do uso das copadoras, mas a escolaridade sim: informantes com até 8 (oito) de escolaridade (e dos bairros mais antigos) tendem a produzir copadora do que aqueles entre 9 (nove) e 12 (doze) anos de escolarização (e dos bairros mais novos) – o que nos conduz a concordar com Tarallo (1985, p.48): “os estudos sobre relativas no português falado demonstraram que o grupo social menos privilegiado favorece o uso da forma pronominal não padrão, enquanto os grupos sociais mais privilegiados optam pela forma zero”.

Por outro lado, diagnosticamos que, na escrita, a relativa copadora não aparece. Inferimos que, por haver um grau de monitoramento maior em relação à língua, ela tende a não aparecer. Tal situação é confirmada no trabalho de Avelheda (2014) ao estudar as estratégias de relativização em gêneros do texto escrito. No estudo feito por ela, apareceram apenas 3,40% de relativas não padrão, ela reitera que esse fator decorre do grau alto de monitoramento na produção escrita. Isso significa que o falante, na escrita, fica atento ao que produz com o propósito de adequar seu texto a uma variedade prestigiada socialmente. Acreditamos também que esse fator se dá porque o falante se sente avaliado, entendendo que seu texto será lido e analisado por outro. Tarallo (1985) conclui que elas sofrem estigma social, o que inibe o falante de manifestá-la.

A avaliação diz respeito à consciência do falante ser positiva ou negativa em relação às formas linguísticas em variação ou mudança, aliás, é compreender quais são as reações dos informantes frente ao fenômeno linguístico. Se, por exemplo, ele rejeita uma forma em detrimento de outra, possivelmente, impedirá uma mudança linguística. Essa situação da avaliação nos parece ser parte do processo de atenção do falante na hora de escrita, rejeitando, assim, a relativa copadora.

Vale ressaltar que, independentemente dos fatores extralinguísticos, no contexto escrito, para a anaforização, os informantes tendem a usar, de forma dominante, os pronomes de caso reto *ele/ela*; outras vezes, o uso de hiperônimos ou repetição do termo:

(85) *Joana é linda, eu me apaixonei por ela.*

(86) *Júlia é uma grande amiga, converso com ela sobre tudo.*

(88) *João é professor de Matemática simpatizo com ele.*

(95) *O Amazonas é o maravilhoso maior estado do Brasil, nesse estado existe o encontro das águas.*

(103) *O assunto foi tranquilo. Eu resolvi mesmo assunto.*

Ademais, vimos, na fala, o pronome relativo *como* em apenas uma estratégia de relativização na fala de um informante, do sexo feminino, na faixa etária entre 26 (vinte e seis) e 55 (cinquenta e cinco) anos, além do nível de escolarização entre 9 (nove) e 12 (doze) anos de escolarização:

(28) *Muitas coisas... geral... a criação, o jeito como as pessoas se comportam.*

Nesse exemplo, o *como* indica o modo, equivalendo a *pelo qual* e o antecedente, no exemplo, é a palavra *jeito*. A Gramática Normativa prescreve: “*Como* é o pronome relativo quando equivale a *pelo qual*, *pela qual*, *pelos quais*, *pelas quais*. Nesse caso, o antecedente é obrigatório” (SACCONI, 1979, p. 70). Ainda a respeito do pronome relativo *como*, o professor Fernando Pestana (2017) afirma: “*Como* é um pronome relativo precedido pelas palavras modo, maneira, forma, *jeito*” (PESTANA, 2017, p.453). Sendo assim, parece-nos que o pronome relativo *como* não está em desuso.

Constatamos uma realização em que o pronome relativo *onde*, na escrita de um informante, do sexo feminino, na faixa etária entre 7 (sete) e 25 (vinte e cinco) anos, além do nível de escolarização entre 9 (nove) e 12 (doze) anos de escolarização, trouxe ideia de tempo, permitindo-nos coadunar com o que foi discutido, no capítulo de fundamentação teórica, acerca da possível extensão representacional de tal pronome relativo:

(70) *Encontro minha irmã, nas tardes de sábado, onde sempre conversamos.*

Para confirmar isso, trazemos a assertiva de Silva e Azevedo (2017, p.81): “sugerindo que *onde* perdeu o traço [locativo] que portava, o que o permite referir a antecedentes que não expressam lugar físico”, bem como de Souza (2010, p.268), pois ele mostra que, no século XIII, por meio dos *Diálogos de São Gregório*, “o *onde*, além de valor temporal, admitia ser utilizado como ‘o ponto a partir de que’, tendo como antecedente pontos abstratos ou nocionais”.

No que concerne à noção de lugar, percebemos variação entre os pronomes relativos *que* e *onde* e os advérbios *lá* e *ali*, ou seja, eles disputam o mesmo referente - noção de lugar-, mesmo havendo uma preponderância dos advérbios citados:

(60) Quando chego ao interior... lá é uma paz assim, eu me sinto assim...
aquele silêncio.

(61) Eu pegava o jetiski e montava todinho. Eu montava a parte elétrica na
empresa. Eu já tinha um ano e pouco lá.

Outro ponto a discutir é o desuso do pronome relativo *cujo* (incluindo *tanto* e *quanto*) – consenso entre os linguistas (POSSENTI, 2015) – e o pronome anafórico *dele/dela* ocupando, de maneira influente, o lugar do *cujo* ainda que aquele esteja em variação com *adjunto adnominal* e *aposto explicativo*:

(62) Nós vinha com uma fome, uma. Aí, paramos no terreno de um vizinho,
tava cheio de cacau.

De um vizinho- Adjunto Adnominal

(63) Aí, eu peguei... ele disse: ainda tá segurando a lancha do cara, eu não
sabia que o fulano era rival dele, porque o seu sicrano, ele tinha concorrência de
vender lancha da marca tal.

Da marca tal- Adjunto Adnominal

(64) O Fulano, primo da fulana, era encarregado lá.

Primo da fulana- Aposto Explicativo

(65) O fulano vai saber disso, o nosso chefe geral.

O nosso chefe geral- Aposto Explicativo

(66) Falei pra minha mulher: Eu não tinha escolha, o homem queria, porque
queria sair na lancha dele.

Anafórico dele

(67) O seu fulano mandou eu ir lá no escritório dele na segunda-feira.

Anafórico dele

No que concerne a esse fato, Bechara (2019) alega que *cujo* equivale a *dele* ou *dela*. Ao levantarmos os fatores extralinguísticos, depreendemos que o anafórico *dele*, *aposto* e *adjunto adnominal*, de acordo com a tabela 17, são mais utilizados por informantes com escolaridade de até 8 (oito) anos e com faixa etária 56+. Um informante com escolaridade entre 9 (nove) e 12 (doze) anos mostrou essa preferência. Pela razão de ter cursado um ensino intensivo, adotamos a ideia de que tal modalidade não permite um aprofundamento das áreas de conhecimento, ou seja, não está no mesmo grau de ensino de estruturas complexas daquela que é fielmente cumprida durante os três anos do ensino médio.

Notamos também que o pronome relativo *que* é quase um pronome relativo universal, independentemente dos fatores extralinguísticos, ocupando a posição de outros pronomes relativos, por exemplo, *quando*, *onde* e *cujo*, respectivamente:

(104) *Naquela época que não existia celular, só tinha telefone convencional em casa quem tinha vida melhor.*

(105) *Foi na época que tomei atitude por conta própria.*

(106) *Até na rua que ele morava não existia fio de telefone.*

(107) *Tinham três carros que as frotas iam mudar.*

(108) *É que comprei aquelas motinhas que eram suas.*

Para melhor entendimento do contexto, no exemplo (104), a pergunta se voltou à opinião do falante a respeito das mudanças entre o tempo passado e o presente, ele falou sobre o uso de telefones; o *que* retoma *naquela época*, dando ideia de tempo.

No exemplo (105), o falante descreveu as atitudes *tomadas* das quais ele se arrependia; o *que* retoma *época*, dando ideia de tempo.

No exemplo (106), o questionamento era concernente às mudanças de Manaus entre o tempo passado e o presente; o *que* retoma *rua*, dando ideia de lugar.

No exemplo (107), o falante descreveu como funcionavam as rotas onde trabalhou; o *que* retoma *carros*, dando a ele ideia de posse, ou seja, as frotas pertenciam aos carros.

Por fim, no exemplo (108), o falante explicou como conseguiu comprar sua primeira moto; o *que* retoma *motinhas*, dando a elas ideia de posse, ou seja, motinhas pertenciam a alguém. Esse entendimento do pronome relativo *que* ter a tendência de ser universal é afirmado também na pesquisa de Kersch (2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós nos propusemos a estudar a realização das estratégias de relativização na fala manauara à luz da Sociolinguística Variacionista. Para atingir esse objetivo, analisamos o comportamento linguístico das orações relativas em uso nos eventos da fala manauara, descrevemos o conjunto de pronomes relativos usados na fala manauara, indicando o contexto sintático de cada um e, por fim, identificamos os possíveis condicionadores (intralinguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante em detrimento de outra (s).

A partir dessas direções e dos dados de fala recolhidos, apercebemo-nos de que, na fala manauara, as relativas cortadoras ocorrem quando os pronomes relativos exercem uma função sintática em que se exige preposição, por exemplo, objeto indireto e complemento nominal. Nas realizações que trouxemos, vimos os pronomes relativos exercerem o papel de objeto indireto. Quanto às copiadoras, notamos que elas ocorrem nos contextos em que há uma interrupção do pensamento ou um elemento intercalado, o que abre margem para o falante perder a trilha, a cognitiva, impulsionando-o a utilizar uma forma pronominal a fim de se referir ao termo desejado.

Em se tratando do formulário escrito, meio auxiliar, consideramos o fato da escrita, embora não estivéssemos controlando o processo de variação diamésica, e notamos que as relativas cortadoras aparecem, enquanto as copiadoras desaparecem. Isso nos permite compreender que a primeira é natural ao falante, independentemente de ser escrita ou fala. Bechara (2019) corrobora essa percepção ao informar: “A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta artificial” (BECHARA, 2019, p.218). Parece-nos que a segunda não é produzida por ser um ambiente comunicacional mais monitorado, a escrita, logo, os informantes voltam-se à não produção dela por sofrer estigma social. Conforme dizemos no capítulo 1, o falante, por se sentir avaliado por outro, fica atento às escolhas que faz, tentando se aproximar da variedade considerada prestigiada socialmente e, conseqüentemente, não sofre o estigma social.

Os pronomes relativos ainda em uso na fala manauara são *como*, *que*, *onde* e *quem*:

(28) *Muitas coisas... geral... a criação, o jeito como as pessoas se comportam.*

(29) *Consigo imaginar um mundo na minha cabeça, eu consigo me perder naquela história. Tem um livro que eu tava lendo... que é Meus Sérios Poemas Mentais, que fala sobre a vida, fala sobre como o autor vê o mundo... pelos sentimentos dele. Aí ele já começa o livro me tocando. Eu fui até o final, porque ele me intrigou, ele me fez imaginar aquele mundo.*

(36) *Quero conhecer ainda... que ainda não conheci é Novo Airão, onde tá aqueles botos comendo.*

(81) *João, quem eu simpatizei, é professor de matemática.*

Quanto ao *que*, entendemos que há uma tendência de ele se tornar universal, ou seja, assumir a posição de outros relativos. Isso foi perceptível nos exemplos apresentados por nós, estando, por exemplo, no lugar de *quando*, *onde*, *cujo*:

(104) *Naquela época que não existia celular, só tinha telefone convencional em casa quem tinha vida melhor.*

(105) *Foi na época que tomei atitude por conta própria.*

(106) *Até na rua que ele morava não existia fio de telefone.*

(107) *Tinham três carros que as frotas iam mudar.*

(108) *É que comprei aquelas motinhas que eram suas.*

Além do mais, ele costuma ter como antecedentes pessoas e coisas – o que seria sua função por natureza, conquanto haja uma extensão para retomar noção de lugar, de tempo e de posse.

No que concerne ao *onde*, manifesta-se em variação com o *lá*, *ali* e *que* apesar de termos visto uma preferência dos informantes pelos advérbios *lá* e *ali*:

(60) *Quando chego ao interior... lá é uma paz assim, eu me sinto assim... aquele silêncio.*

(68) *Eu gosto do meu bairro, por isso não quero sair de lá. Ela (casa) é a raiz da minha família, não é do meu pai, da minha mãe, é minha, o meu princípio foi ali.*

Acreditamos que tal situação esteja relacionada à dêixis de lugar, permitindo que nós reflitamos esta ideia: se o informante fala de um lugar distante, utiliza *lá*, se fala de um lugar mais próximo, utiliza *ali*. Vale destacar que o *onde* encabeça as relativas livres com noção de lugar.

Ainda tratando do *onde*, afirmamos que não existe uma perda do traço locativo, afinal, ele continua a carregar essa concepção; contudo constatamos uma extensão dele, resgatando a noção de tempo, por exemplo – algo já visto no século XIII- conforme o exemplo (70):

(70) *Encontro minha irmã, nas tardes de sábado, onde sempre conversamos.*

Ademais, a respeito do *como*, mesmo que uma vez, ele evidenciou-se em uma das construções de um dos falantes, mostrando a noção de modo e tendo como antecedente que lhe é inerente: *jeito*.

Vimos também a realização do pronome relativo *quem*, mesmo que uma vez, arremetendo à ideia de pessoa, algo inerente a ele. A gramática prescritiva determina que ele precisa, obrigatoriamente, estar acompanhado de preposição, porém esse fenômeno não ocorreu (exemplo 80). Ele veio em um contexto de

relativa cortadora, o que parece atestar a teoria de Kenedy (2014) ao informar que elas são próprias do sistema linguístico do português brasileiro. É imprescindível frisar a aparição desse pronome relativo no encabeçamento das relativas livres (exemplos 37 e 38).

Registramos que o pronome relativo *cujo* é substituído pelo anafórico *dele(a)*. Bechara (2019) alega que esse pronome relativo, de fato, equivale a *dele* ou *dela*. Conforme constatamos, em nosso conjunto de dados, que a função de aposto ou de adjunto adnominal, não é mais exercida pelo *cujo*.

Ao levantarmos os fatores extralinguísticos, depreendemos que o anafórico *dele*, aposto e adjunto adnominal são mais utilizados por informantes com escolaridade de até 8 (oito) anos, com faixa etária 56+ e dos bairros mais antigos, seja do sexo masculino, seja do sexo feminino.

Outrossim, reconhecemos que a relativa copiadora é mais falada por informantes com até 8 anos de escolarização e dos bairros mais antigos do que na fala dos informantes entre 9 e 12 de escolarização e dos bairros mais novos, seja do sexo masculino, seja do sexo feminino. Tal dedução nos direciona a admitir a asserção de Tarallo (1985, p.48): “os estudos sobre relativas no português falado demonstraram que o grupo social menos privilegiado favorece o uso da forma pronominal não padrão, enquanto os grupos sociais mais privilegiados optam pela forma zero”.

Nossos resultados apontam, diferentemente de Tarallo (1985), duas questões: a primeira refere-se aos grupos mais privilegiados, declarando que eles optam pela forma zero. Avistamos que essa forma é requisitada por todos; a segunda volta-se ao sexo, afirmando que homens tendem a ser menos conservadores que mulheres – assertiva afirmada também por Labov (2008), porém não vimos essa preferência em nosso trabalho.

Vale frisar que percebemos a presença predominante da relativa cortadora em detrimento da relativa copiadora, mesmo sendo vernáculo.

Acreditamos que atingimos nossos objetivos e recomendamos a continuidade do estudo ora iniciado para avaliar se o processo de gramaticalização está também em curso no português falado na cidade de Manaus, Amazonas. Em outras palavras, faz-se necessário, com outras pesquisas, avaliar se o pronome relativo está se tornando somente uma conjunção integrante, conforme informa Avelheda (2014, p.95), ou se ele continua exercendo sua função de origem, a qual é de

retomar o antecedente, substituí-lo e exercer uma função sintática, porque, no nosso trabalho, nas copiadoras, embora o pronome relativo esteja acompanhado de outra forma pronominal, especificamente o pronome pessoal de caso reto, este elemento não retira a natureza do pronome relativo, já que o pronome pessoal de caso reto surge, em quase todos os casos, quando o falante perde a trilha, a cognitiva – o falante não faz um discurso linear, ele dá pausas para falar de outra situação ou porque esqueceu alguma informação e precisa recuperá-la –, ou outro elemento linguístico intercala a oração relativa. Para que o interlocutor não se perca a respeito de qual termo o falante está tratando, a relativa copiadora é produzida. Logo, assumimos a posição de que o pronome relativo continua a exercer sua função de origem.

Salientamos também que existe a necessidade de haver pesquisas acerca do fenômeno em estudo, à luz da Sociolinguística Variacionista, na capital amazonense, visto que, durante a nossa busca, encontramos trabalhos sobre outros fenômenos linguísticos a partir da teoria citada, porém, voltando-se às relativas, não encontramos. No que tange a outros lugares do Brasil, atinamos estudos.

Por conseguinte, ratificamos que os cursos de licenciatura precisam promover eventos que envolvam docentes da educação básica, o que ainda é escasso, a fim de eles estejam em contato com essas ideias acadêmicas. Devido ao *correr* dos anos, o professor fica, muitas vezes, no modo automático, replicando os conteúdos propostos nos livros didáticos e na gramática normativa, sem compreender de que maneira os fenômenos linguísticos, é o caso das relativas, manifestam-se e quais fatores os influenciam. Quando um aluno profere uma sentença, por exemplo, diferente daquelas vistas nos manuais de escrita, a qual influi na fala, ele é discriminado pelo docente por causa dos conceitos de língua estabelecidos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nilson Teixeira de. **Gramática da língua portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares**. São Paulo: Saraiva, 2017.
- ALMEIDA, Jaqueline Marinho Pinheiro; SALLES, Heloísa Lima. **Orações relativas do português brasileiro**: estruturas cortadoras e resumptivas. Distrito Federal: *Revistas Estudos Linguísticos*, v.50, n.2, p. 485-503. 2021. Disponível em:

<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2936/1972>. Acesso em: 27, dez., 2022.

AMORIM, Monika Bentenmuller. **Uma abordagem funcionalista para as orações adjetivas**. XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (p.2326- 2335). Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_459.pdf. Acesso em: 27, dez., 2022.

AVELHEDA, Anna Carolina da Costa. **Estratégias de relativização na escrita culta padrão**. Rio de Janeiro: Revista Diadorim, v.16, p. 193-121. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4027/15519>. Acesso em: 27, dez., 2022.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Gramática fácil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa (39ª edição)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BISPO, Edvaldo Baulduíno; LOPES, Anielle Bruna Fonseca. **Continuum categorial entre explicação e restrição: uma análise de orações relativas**. Natal: Revista do GELNE, v.23, n.2, p. 160-175. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/24992/14485>. Acesso em: 27, dez., 2022.

BRAGA, Maria Luiza. **Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização**. Belo Horizonte: Revista Linguística e Literatura Scripta, v.5, n.9, p. 23-34. 2001. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/11718/9355>. Acesso em: 27, dez., 2022.

BURGOS, Luiz Eduardo Simões de; SILVEIRA, Isabel Silva. **A história das relativas**. 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vi_jnlflp/resumos/a_historia_das_relativas_ISABEL.pdf. Acesso em: 27, dez., 2022.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Construções relativas nas variedades do português: uma interpretação discursivo-funcional**. São Paulo: Revista Filologia e Linguística Portuguesa, v.15, n.1, p. 179-214. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/76199/79942>. Acesso em: 27, dez., 2022.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Alinhamento e estratégias de relativização**. São Paulo: Revista Delta, v.33, n.1, p. 243-266. 2017. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502017000100243.

Acesso em: 27, dez., 2022.

CÂMERA, Adrielle Rodrigues da; **O estudo da topicalização na língua portuguesa**. Orientadora: Helena da Silva Guerra Vicente. 2016. 23f. TCC (Graduação) – Licenciatura Letras Português – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/16229>. Acesso em: 20, jul., 2023.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

Decreto sobre a criação de novos bairros em Manaus:

<https://implurb.manaus.am.gov.br/bairros-de-manaus/#:~:text=No%20total%2C%20foram%20criados%20sete,divis%C3%A3o%20do%20bairro%20Cidade%20Nova>. Acesso em: 04, jan., 2023.

Dicionário Aulete: https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em: 30, jun., 2023.

Dicionário Michaelis: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 30, jun., 2023.

FALCÃO, Kaique; BERTHO, Ana Carolina Soares. **Uma análise da distribuição dos imigrantes no município de Manaus por origem e escolaridade a partir dos dados do censo demográfico de 2010**. Disponível em: http://abep.org.br/xxencontro/files/_paper/351-297.pdf. Acesso em: 20, fev., 2023.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FOCHI, Eliana Magrini. **A classificação dos pronomes relativos: uma descrição**. São Paulo: Revista Alpha, v.35, p. 105-122. 1991. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3864/3557>. Acesso em: 28, dez., 2022.

HENRY, Paulo. **Construções relativas e articulações discursivas** (Tradução de João Wanderley Geraldi e Celene Margarida Cruz). São Paulo: Cadernos de

Estudos Linguísticos (v.19). 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636825>. Acesso em: 28, dez., 2022.

Dicionário Houaiss Conciso. São Paulo: Moderna, 2011.

História dos bairros de Manaus: <http://carnavalmanaus.no.comunidades.net/bairros-de-manaus>. Acesso em: 04, jan., 2023.

História dos bairros de Manaus: <https://www.jcam.com.br/noticias/manaus-nasceu-na-zona-sul/#:~:text=Ao%20redor%20do%20forte%20constru%C3%ADdo,Aparecida%2C%20a%20Cachoeirinha%20e%20Educandos>. Acesso em: 04, jan., 2023.

KENEDY, Eduardo. **A antinaturalidade de *pied-Piping* em orações relativas.** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

KENEDY, Eduardo. **As relativas preposicionadas padrão são naturais aos falantes do português do Brasil?** Evidências de pesquisa experimental em psicolinguística/ testing the antinat. Rio de Janeiro: Revista Via Litterae, v.2, n.1, p. 58-74. 2010. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/5404>. Acesso em: 28, dez., 2022.

KENEDY, Eduardo. **Estruturas sintáticas de orações relativas.** 2014. Disponível em: <https://www.professores.uff.br/eduardo/wp-content/uploads/sites/43/2017/08/10relativas2014.pdf>. Acesso em: 28, dez., 2022

KERSCH, Dorotea Frank. **Preposição diante do pronome relativo no português brasileiro e europeu.** São Paulo: Revista Delta. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/MpSzkr9PZrNYjwdZdGzmDbt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27, dez., 2022.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática.** São Paulo: Ática, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, Elaine Alves Santos. **As estratégias de relativização do português brasileiro à luz da Sociolinguística:** um olhar para fatores intra e extralinguísticos e para as distintas normas linguísticas. Rio de Janeiro: Revista E-escrita, v.7, n.2, p.

58-74. 2016. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/2201>. Acesso em: 28, dez., 2022.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. **Resgatando a Polêmica**: os limites da teoria variacionista. Ceará: Revista de Letras, vol. 1/2, n. 26, p. 57-59. 2004. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/ri26Art09.pdf>. Acesso em: 20, jul., 2023.

MOLLICA, Maria Cecília. **Anáforas em relativas no português do Brasil**. São Paulo: Revista Alpha. v.41, n.1, p. 171-179. 1997. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4037>. Acesso em: 28, dez., 2022.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. Rio de Janeiro: Método, 2017.

População em situação de pobreza: <https://revistacenarium.com.br/em-manaus-418-da-populacao-esta-em-situacao-de-pobreza-numero-e-o-maior-do-brasil/>. Acesso em: 22, fev., 2022.

POSSENTI, Sírio. **Línguas mudam**. Blog Ciência Hoje. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/coluna/linguas-mudam/>. Acesso em: 20, jul., 2023.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIBEIRO, Ilza. **As sentenças relativas**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.185-208. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/p5/pdf/lucchesi-9788523208752-10.pdf>. Acesso em: 29, dez., 2022.

SACCONI, Luís Antônio. **Nossa gramática**. São Paulo: Moderna, 1979.

SANTOS, André Poltroniere; DAMASCENO, Gesieny Laurett Neves. **As relativas de retenção pronominal à luz do sociofuncionalismo**. Rio de Janeiro: Editora Identidade, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354103337_As_relativas_de_retencao_pronominal_a_luz_do_sociofuncionalismo. Acesso em: 29, dez., 2022.

SANTOS, Crisvânia Maria Coelho Leite dos. **Aquele abraço**: descrição dos pronomes demonstrativos em contextos de uso no âmbito do português para estrangeiros (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, Noelma Cristina dos. **O papel dos pronomes relativos em textos falados**: uma análise funcional. 25ª Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste- GELNE, 2014, Natal. Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE, Natal, RN: EDUFRRN, 2014. Disponível em: www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/755.pdf. Acesso em: 28, fev., 2020.

SEVERO, Cristine Gorski. **O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança**. Curitiba: Revista de Letras, n.8. 2006. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2229/0>. Acesso em: 30, ago., 2023.

SOUZA, Adriana dos Santos. **O problema da classificação do item “onde”: advérbio ou pronome?**. Paraná: Acta Scientiarum, vol. 32, n. 2, p. 263-270. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/issue/view/484>. Acesso em: 14, ago., 2023.

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA, Elisângela Gonçalves da; AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira. **A perda do traço locativo do pronome relativo onde no português brasileiro**. Bahia: IX Seminário de Pesquisa em estudos linguísticos, vol. 9, No 1, p. 81-85. 2017. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/index>. Acesso em: 14, ago., 2023.

ANEXO A – Roteiro para a entrevista – Manaus

Adultos:

1. Gosta do bairro onde mora ?;
2. Por que gosta ou por que não gosta ? (referência à pergunta anterior);
3. Trocaria este bairro por outra desta cidade, Qual ?, Por quê ?;
4. Conte uma breve história do lugar onde nasceu;
5. Em sua opinião, quais mudanças melhorariam a cidade de Manaus ?;
6. O que gosta de fazer ?;
7. Do que gosta em Manaus ?;
8. Participa de algum grupo (futebol, esporte, igreja etc) ?;
9. Como acontece a sua participação lá ?;
10. Desejo saber algum fato do que você teve medo ou vergonha;
11. Conte uma história engraçada que já aconteceu com você;
12. Em sua opinião, como lidar situações difíceis ?;
13. Como você age quando fica estressado ou chateado ?;
14. Você acha que as redes sociais podem influenciar as pessoas ? Por quê ?;
15. Quais mudanças, na sua opinião, aconteceram entre o passado e o hoje?.

Crianças:

1. Gosta do bairro onde mora ?;
2. Por que gosta ou por que não gosta? (referência à pergunta anterior);
3. Você conhece alguma história do lugar onde nasceu?;
4. O que gosta de fazer ?;
5. Você gosta de assistir (a) séries? Qual?;
6. Caso a resposta seja negativa na anterior: O que você gosta de assistir?;
7. Conhece alguma brincadeira antiga?;
8. Gosta de ler? Por quê?;
9. Gosta de esporte? Pratica esse esporte ou outro?;
10. Você tem amigos?;
11. Costuma sair com eles?;
12. Como é a rotina na sua escola?;
13. Gosta da escola?;
14. Qual sua matéria preferida na escola?;
15. Você gosta de comer o quê?.

ANEXO B – Formulário das frases propostas para junção

1. A cidade de Manaus é muito agradável. A menina mora nessa cidade.
2. João é professor de matemática. Eu simpatizei com ele.
3. O Amazonas é o maior estado do Brasil. Nesse estado, existe o maravilhoso encontro das águas.
4. Emanuel é um bom rapaz. Júlia se casará com Emanuel em junho.
5. A Júlia nasceu ontem. A mãe dela é a Larissa.
6. A Escola Estadual Gilberto Mestrinho é uma das maiores escolas de Manaus. Nessa escola, existe um laboratório de informática bem equipado.
7. A situação é complicada. A mamãe falou dela.
8. As aulas de histórias são importantes. Nessas aulas, eu aprendo muito sobre a história do Brasil.
9. Joana é linda. Eu me apaixonei por ela.
10. Júlia é uma grande amiga. Eu converso com ela sobre tudo.
11. Encontro minha irmã nas tardes de sábado. Também conversamos nas mesmas tardes.
12. O modo de resolver o assunto foi tranquilo. Eu resolvi este mesmo assunto.

ANEXO C – Parecer do Comitê de Ética

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em razão do exposto, somos de parecer favorável que o projeto seja APROVADO, pois o pesquisador cumpriu as determinações da Res. 466/2012 e Res. 510.

É o parecer

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 19 de Abril de 2023

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE LETRAS - FLet
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO — TCLE

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da pesquisa intitulada “Um estudo sociolinguístico das estratégias de relativização na fala manauara”, sob a responsabilidade da pesquisadora Milena Araújo Marães, portadora do RG 2699528-0 e do CPF 019.301.512-92, telefone celular (92) 99170-6764, e-mail milena.maraes.12@gmail.com, orientada pela profa. dra. Grace dos Anjos Bandeira, e-mail gracebandeira@ufam.edu.br, cujos endereços institucionais localizam-se no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Faculdade de Letras (FLet), da Universidade Federal do Amazonas, situado na Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6200 - Campus Universitário Bloco Mário Ypiranga Monteiro, Setor Norte – Coroadó. CEP 69077-000 - Manaus/AM - Telefone - (92) 3305-1181 Ramal 2113, e-mail: flet@ufam.edu.br, ppgl@ufam.edu.br.

O objetivo geral desta pesquisa é estudar as realizações das orações relativas na fala manauara. Já os objetivos específicos são: analisar o comportamento linguístico dos pronomes relativos em uso nos eventos da fala manauara; descrever o conjunto de pronomes relativos usados na fala manauara indicando o contexto sintático de cada um; analisar os possíveis condicionadores (intralinguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante em detrimento de outra (s).

Sua participação é voluntária e o processo acontecerá com perguntas previamente formuladas por meio de entrevistas e formulário, levando em conta os cuidados sanitários necessários por causa, ainda, da pandemia da Covid-19.

Neste estudo, os riscos serão mínimos. No entanto, devido à sua participação na pesquisa, podem se configurar com algum possível constrangimento, invasão de privacidade, cansaço ou insatisfação ao responder aos formulário e participar das

entrevistas, além do risco de quebra de sigilo. No caso específico dessa investigação, se ocorrer riscos de ordem emocional ou psicológica, serão sanados por meio de acompanhamento psicológico ou de uma assistência social, providenciado pela própria pesquisadora sem qualquer ônus para o(a) sr.(a), de forma que não lhe ocasione qualquer dano ou constrangimento.

A pesquisa certamente trará benefícios em nível científico, acadêmico e comunitário, pois o interesse em propor um estudo sobre as realizações das relativas na fala manauara, tratando quais fatores intralinguísticos e extralinguísticos influenciam na escolha de uma relativa em detrimento da outra indicará se os pronomes relativos estão caindo em desuso ou se estão sendo trocados pela anáfora zero ou forma pronominal, o que influencia na regência dos verbos. Em seguida, comparar-se-ão os resultados deste trabalho a outros feitos no Brasil.

Se, depois de consentir sua participação, o(a) sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes, seja depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum constrangimento ou prejuízo à sua pessoa. O(a) sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade ou qualquer outra informação relacionada à sua privacidade não será divulgada, em que se tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo.

Para qualquer outra informação, o(a) sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora Milena Araújo Marães e com a profa. dra. Grace dos Anjos Bandeira, pelos telefones e e-mails fornecidos, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, CEP 69057-070, Manaus-AM, telefone fixo (92) 3305-1181, ramal 2004, celular (92) 99171-2496 e e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação

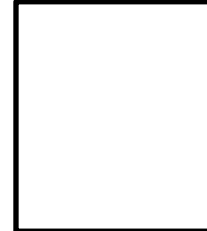
Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e por que precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não terei nenhuma remuneração e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias, ambas assinadas por mim, pela pesquisadora e por sua orientadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do participante

IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

Assinatura da pesquisadora responsável



Assinatura da orientadora

ANEXO E –Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE LETRAS - FLet
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO — TCLE

Convidamos seu/sua filha (o) para participar da pesquisa intitulada “Um estudo sociolinguístico das estratégias de relativização na fala manauara”, sob a responsabilidade da pesquisadora Milena Araújo Marães, portadora do RG 2699528-0 e do CPF 019.301.512-92, telefone celular (92) 99170-6764, e-mail milena.maraes.12@gmail.com, orientada pela profa. dra. Grace dos Anjos Bandeira, e-mail gracebandeira@ufam.edu.br, cujos endereços institucionais localizam-se no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Faculdade de Letras (FLet), da Universidade Federal do Amazonas, situado na Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6200 - Campus Universitário Bloco Mário Ypiranga Monteiro, Setor Norte – Coroadó. CEP 69077-000 - Manaus/AM - Telefone - (92) 3305-1181 Ramal 2113, e-mail: flet@ufam.edu.br, ppgl@ufam.edu.br.

O objetivo geral desta pesquisa é estudar as realizações das orações relativas. Já os objetivos específicos são: analisar o comportamento linguístico dos pronomes relativos em uso nos eventos da fala manauara; descrever o conjunto de pronomes relativos usados na fala manauara indicando o contexto sintático de cada um; analisar os possíveis condicionadores (intralinguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante em detrimento de outra (s).

A participação de seu/sua filha (o) é voluntária e o processo acontecerá com perguntas previamente formuladas por meio de entrevistas e formulário, levando em conta os cuidados sanitários necessários por causa, ainda, da pandemia da Covid-19.

Neste estudo, os riscos serão mínimos. No entanto, devido à sua participação na pesquisa, podem se configurar com algum possível constrangimento, invasão de privacidade, cansaço ou insatisfação ao responder ao formulário e participar das

entrevistas, além do risco de quebra de sigilo. No caso específico dessa investigação, se ocorrer riscos de ordem emocional ou psicológica, serão sanados por meio de acompanhamento psicológico ou de uma assistência social, providenciado pela própria pesquisadora sem qualquer ônus para seu/sua filha (o), de forma que não lhe ocasione qualquer dano ou constrangimento.

A pesquisa certamente trará benefícios em nível científico, acadêmico e comunitário, pois o interesse em propor um estudo sobre as realizações das relativas na fala manauara, tratando quais fatores intralinguísticos e extralinguísticos influenciam na escolha de uma relativa em detrimento da outra indicará se os pronomes relativos estão caindo em desuso ou se estão sendo trocados pela anáfora zero ou forma pronominal, o que influencia na regência dos verbos. Em seguida, comparar-se-ão os resultados deste trabalho a outros feitos no Brasil.

Se, depois de consentir a participação seu/sua filha (o), desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes, seja depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum constrangimento ou prejuízo à sua pessoa. O(a) sr.(a) nem seu/sua filha (o) não terão nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade ou qualquer outra informação relacionada à sua privacidade não será divulgada, em que se tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo.

Para qualquer outra informação, o(a) sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora Milena Araújo Marães e com a profa. dra. Grace dos Anjos Bandeira, pelos telefones e e-mails fornecidos, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, CEP 69057-070, Manaus-AM, telefone fixo (92) 3305-1181, ramal 2004, celular (92) 99171-2496 e e-mail cep.ufam@gmail.com.

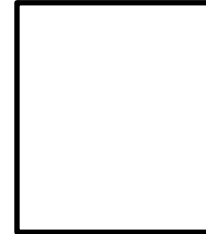
Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e por que precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo que meu/minha filha (o), menor de 18 anos, _____, participe da pesquisa, sabendo que não teremos nenhuma remuneração e que podemos sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias, ambas

assinadas por mim, pela pesquisadora e por sua orientadora, ficando uma via com cada um de nós.

IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

Assinatura do Responsável Legal



Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura da orientadora

Data: ____/____/____